AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CARINA COSTA DE RESENDE





OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NO INTERIOR DAS MINAS GERAIS: COROMANDEL (1958-1985)







UBERLÂNDIA
2006

3916
s.9(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CARINA COSTA DE RESENDE

Os Espaços de Sociabilidade no Interior das Minas Gerais: Coromandel (1958 - 1985)

UBERLÂNDIA
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CARINA COSTA DE RESENDE

Os Espaços de Sociabilidade no Interior das Minas Gerais: Coromandel (1958 - 1985)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do titulo de Bacharel em História, sob a orientação da Profa.Dra Maria Clara Tomaz Machado.

UBERLÂNDIA
2006

Resende, Carina Costa de, 1981
Os Espaços de Sociabilidade no Interior das Minas Gerais: Coromandel (1958 - 1985)
Carina Costa de Resende – Uberlândia, 2006-09-15
133 fl.
Orientador (a): Maria Clara Tomaz Machado.
Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.
Inclui Bibliografia
Práticas Culturais, Sociabilidades e salas de cinema.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CARINA COSTA DE RESENDE

Os Espaços de Sociabilidade no Interior das Minas Gerais: Coromandel (1958 - 1985)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa.Dra Maria Clara Tomaz Machado.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Maria Clara Tomaz Machado - Orientadora

Profa Dra. Vera Lúcia Puga

Prof Ms Luziano Macedo Pinto



À minha família e à memória de meu pai

Agradecimentos

Ao chegar no final de mais essa etapa em minha vida, os agradecimentos são muitos:

Agradeço a Deus por estar sempre comigo e em minhas ações, me protegendo e guiando meus passos.

À minha mãe, Sônia, pelo exemplo de vida e pela garra demonstrada diariamente.

À vovó Iracy pelo aconchego nas horas difíceis, pelo apoio incondicional e por me transmitir durante toda vida as peculiaridades de nossa terra natal.

Cristiana, Juliana e Michel: muito obrigado pela paciência que tiveram com minhas dúvidas, pelo auxílio "técnico" durante o curso e por partilharem comigo os meus propósitos.

À Tize pelas correções e principalmente pelo incentivo "coruja".

Agradeço também a toda minha família, tias, tios, primos e primas, que torceram por mim. De maneira especial a minha madrinha, Maria Ângela, pelo companheirismo desde o primeiro momento da pesquisa e por ser meu porto seguro em terras coromandelenses.

A você, Maria Clara, orientadora e amiga, minha eterna gratidão pelos direcionamentos, "empréstimos" e caminhos apontados nos momentos de insegurança.

A todos os professores do curso de História-UFU, que contribuíram de forma direta ou indireta para o meu amadurecimento intelectual, especialmente a prof.Dr. Heloísa Helena Pacheco e ao prof. Fábio Piva pelas sugestões na execução da pesquisa.

Às minhas amigas de curso Kamila, Arine e Juliana por me ouvirem e me apoiarem em dúvidas e angústias.

Nesse momento não poderia deixar de agradecer e dizer o quão valiosos foram os depoimentos tomados. Obrigada: Dr.Sebastião Machado, D. Terezinha R. Pereira Machado, D. Maria das Dores M. Honorato, Sr. Bernardo, por me receberem tão bem em suas residências e por me relatarem suas memórias entremeadas de aspectos que marcaram a história da cidade.

Ao prof. Mauro Orlando Barbosa Marinho, não só pelo depoimento dado, mas pela amizade com que sempre me recebeu e auxiliou. Sem a sua ajuda o trabalho não seria possível.

Por fim, a todos os amigos e conterrâneos de Coromandel, espero que se sintam homenageados.

Resumo

A nossa pesquisa tem como tema os espaços de sociabilidades presentes na cidade de Coromandel entre as décadas de 1950 e 1980. Buscamos compreender as novas formas de sociabilidade advindas da transformação do espaço urbano, tendo como ponto de partida a inauguração do Cine União em 1958, tomado como marco referencial de modernização e de inserção desta cidade no mundo urbano, e os possíveis enfrentamentos com as antigas práticas culturais tradicionais.

16. p. 76.
17. p. 81
18. p. 83
19. p. 88
20. p. 90
21. p. 94
22. p. 95
23. p. 96
24. p. 106
25. p. 118
26. p. 121
27. p. 125
28. p. 133
29. e as plantas, o q. são?
30. E os bancos? O q foi feito deles?
31. Norbert Elias - Processo Civilizador
32. ~~Maria Stella~~ Etiqueta no artigo requi Renato Janine

Lista de Imagens

Imagem 1 – Mapa da Região do Alto Paraníba e Triângulo Mineiro **28**

Imagem 2 – Festa de Nossa Senhora do Rosário **29**

Imagem 3 – Time de Futebol Maracanã Esporte Clube **40**

Imagem 4 – Ginásio Municipal de Coromandel **47**

Imagem 5 – Salão do Juca's Bar **50**

Imagem 6 – Hora Dançante no salão do Juca's Bar **51**

Imagem 7 – Propaganda de Eletrodomésticos **57**

Imagem 8 – Cine União **71**

Imagem 9 – Ingresso do Cine União **76**

Imagem 10 e 11 – Alunos encenam "Liberdade, Liberdade" **78**

Imagem 12 – Sessão de Transmissão de Cargo **79**

Imagem 13 – Sessão de Transmissão de Cargo **80**

Imagem 14 – Anúncio do Cine União **80**

Imagem 15 e 16 – Cine União **84**

Imagem 17 – Anúncio de Baile **89**

Imagem 18 – Anúncio de Baile **90**

Imagem 19 – Anúncio de Baile **90**

Imagem 20 – Anúncio de Baile **80**

Imagem 21 – Salão Nobre do Ginásio Municipal **91**

Imagem 22 – Baile das Férias **92**

Imagem 23 – Baile "Dez mais elegantes" **97**

Imagem 24 – Baile "Brotos do Ano" **98**

Imagem 25 – Jure dos "Brotos do Ano" **99**

Imagem 26 – Baile "Broto do Ano" **103**

Imagem 27 – Baile de Debutantes **104**

Imagem 28 – Clube Recreativo **104**

Imagem 28 – Alunos do Ginásio Municipal **111**

Imagem 29 e 30 Folder do Teatro Estudantil **114**

Imagem 31 – Anúncio da Peça "Liberdade, Liberdade" **115**

Imagem – Folder da peça "My Fear Lady" **117**

Sumário

Introdução 10

Capítulo 1: Inventariando a cidade: modos de viver e sociabilidades 25

1.1 Historicizando Coromandel: tradições culturais, personalismo político e rusticidade urbana 26

1.2 Anos 50: quando o urbano se define 44

1.3 A Carabandela dos dias atuais: as transformações sócio-econômicas e a nova trajetória política administrativa 54

Capítulo 2: Espaços de sociabilidades e lazer: modernidade e práticas culturais 63

2.1 Cinema: um outro mundo se descortina 64

2.2 Clubes sociais: bailes, orquestra, brincadeiras: uma nova estética um novo código de postura 85

2.3 A escola e suas novas linguagens e expressões culturais: o teatro, o grêmio estudantil e as excursões 109

Considerações Finais 121

Fontes Documentais 123

Referências Bibliográficas 126

Anexos 133

Introdução

A fim de cumprir uma exigência do curso de graduação em História da UFU, se faz necessário a elaboração e defesa de monografia. Partindo desse requisito, a escolha de um tema se tornou o primeiro passo, de muitos a serem dados.

Como objeto de pesquisa e análise, escolhi a cidade de Coromandel que está situada em Minas Gerais, na região do Alto Paranaíba. Optei por ela não só por ser riquíssima em práticas culturais-que ainda permanecem- mas, também, pela ligação afetiva que tenho com a mesma. Apesar de morar em Uberlândia, desde 1982, minhas raízes lá se encontram, por vários motivos. Além de ter nascido em Coromandel, toda minha família (tanto materna, quanto paterna) teve origem e escreveu sua história na cidade. Nunca me desliguei desses laços. As idas a Coromandel fazem parte da minha vida. Sempre que posso lá estou.

Após tomar a cidade como objeto, foi necessário afunilar, ou seja, centrar o foco em determinado assunto. Tarefa difícil, já que há muitas coisas, ainda inexploradas, nessa cidade. Nesse primeiro momento, optei por centrar meu olhar no papel que o cinema exerceu nessa cidade dos idos 1950 até o final dos anos de 1980, mais precisamente, o período compreendido entre 1958-1985, ano de abertura e decadência do Cine União.

Antes mesmo de definir meu tema, já tinha em mente dedicar-me ao estudo de práticas culturais no interior de Minas Gerais. Essa vontade cresceu e se firmou durante a disciplina "Estudos Alternativos em História Contemporânea", feita no 6° período do curso, na qual tivemos como eixo temático a Cultura Popular. Discutimos as práticas culturais, tomando por base a produção historiográfica contemporânea. Visualizamos a multiplicidade de fontes e metodologias, o valor da narrativa histórica e o papel que as práticas culturais têm no que diz respeito à resistência.

A escolha por Coromandel foi feita com o intuito de visualizar e compreender como práticas e representações culturais sobreviveram a um período de profundas transformações. Em suma, procurar entender como uma cidade, na qual a população era até final dos anos de 1970 e início dos 1980, majoritariamente rural, lidou com as inovações e transformações advindas da aplicação de projetos políticos que visavam o desenvolvimento e a inserção de Coromandel no cenário político brasileiro. Neste viés, entender como uma

cidade que começou, ainda que timidamente, a se modernizar nos anos de 1950 (influenciada pelos planos desenvolvimentistas do governo Juscelino Kubitschek), se tornou, na década de 80, beneficiada pelos projetos econômicos dos governos militares, um pólo agro-exportador de grãos. Tais projetos, com certeza refletiram no universo cultural e social da cidade. Nesse sentido, torna-se relevante considerar também o papel exercido pela cultura popular rural[1] nesse período de transformações. Cultura essa que sofreu profundas mudanças não só nas relações de produção, como também nas sociais, mas que ainda mantêm, por meio de práticas profanas e religiosas, a identidade de seu povo através da arte de (re) inventar suas ações e seus costumes[2].

É exatamente a essas questões que esse estudo se dedica, problematizando o enfrentamento entre antigas práticas culturais e o advento dos novos espaços de sociabilidade da cidade, em especial o papel do cinema, já que sua inauguração não só significou mais um espaço de convívio social, como também um marco de modernidade e urbanização. Por este viés, acreditamos ser possível perceber quais foram as transformações sofridas e as estratégias encontradas pela cultura popular para resistir às mudanças e persistir, ainda que de formas e maneiras diferentes.

Coromandel, conta hoje com 27.452 habitantes, segundo o censo demográfico[3] de 2000. O município é conhecido pela potencialidade de suas jazidas de diamantes. Contudo, sua história foi marcada por uma economia de subsistência, rodeada por grandes latifundiários que, a partir de 1975, passa a conhecer uma nova dinâmica na sua agropecuária. Esta, incentivada pelo Pólo Centro[4], transformou o cerrado em terras produtivas, especialmente de café e soja.

Tais transformações econômicas modernizaram o município que conheceu os sistemas de estradas, eletrificação e telefonia rural, espaços de silagens e armazenamento, além de novas escolas, postos de saúde, entre outras novidades. O espaço da cidade se desenvolveu, planejado, com lojas, um hotel, clubes recreativos, ginásios, sindicatos, entre outros equipamentos urbanos, prédios e praças. A base de sua economia porém, é a

---

[1] SANTOS, Márcia Pereira. **O Campo (Re) Inventado**: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950-1990). Uberlândia: UFU, 2001. p.76. (Dissertação Mestrado de História).
[2] SANTOS, Márcia Pereira. op. cit., p.20.
[3] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico – Coromandel**. Disponível em: **<http://www.ibge.gov.br.** Acesso em abr. 2005.
[4] Programa de Desenvolvimento dos Cerrados. Visava a exploração dos cerrados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, através do emprego de novas técnicas.

agropecuária. Todo o município está na região do cerrado, onde se produz principalmente café e soja, além disso, é produtor de leite.

Assim, estão em foco como problemática desta pesquisa, o processo de modernização e urbanização da cidade e a maneira como esta se deu, a partir da década de 1950, o enfrentamento entre as práticas culturais populares tradicionais do lugar e as novas formas de sociabilidades, em especial o cinema, o teatro e o clube social.

Desta perspectiva, problematizaremos essa relação, verificando como essas transformações foram recebidas, ou seja, como essa assimilação aconteceu e quais os conflitos que essas mudanças ocasionaram.

Para vislumbrar esses problemas levantados, utilizamos a presença do cinema na cidade de Coromandel, procurando evidenciar quais as novas formas de se relacionar da população, advindas da inauguração do Cine União, do Ginásio Municipal de Coromandel (oferecendo estudo e evitando a evasão dos jovens para outras cidades) e, posteriormente, do grupo de teatro, além do Jucas'Bar, ponto de encontro, após as sessões de cinema. Todas essas mudanças, supostamente, refletiram-se no social e reafirmaram novas sociabilidades.

Tomando Coromandel como modelo empírico de nosso estudo, propõe-se a identificar e analisar as formas de sociabilidade, tendo o cinema como argumento inicial. Partindo desse intuito, trabalhamos com a história local e regional, na linha de história da cultura/cultura popular.

Nesse sentido, utilizamos na realização desse trabalho possibilidades de pesquisa oferecidas pela nova história cultural, corrente historiográfica, advinda da história das mentalidades, que, segundo Ronaldo Vainfas, considera as diferenças de classes, pois práticas e representações culturais são concebidas e estão imbricadas ao social:

> *A primeira característica do que hoje se chama de história cultural reside, justamente, na sua rejeição ao conceito de mentalidades, considerado excessivamente vago, ambíguo e impreciso quanto às relações entre o mental e o todo social. Os "historiadores da cultura" que, diga-se de passagem, parecem sentir-se mais à vontade em assumir este rotulo no lugar das mentalidades, não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental. Não recusam, pelo contrário, a aproximação com a antropologia, nem a longa duração. E longe estão de rejeitar os temas das mentalidades e a valorização do cotidiano, para não falar da micro-história, por muitos considerada legítima, desde que feitas*

> *as conexões entre microrrecortes e sociedade global. É lícito afirmar, portanto, que a história cultural é, neste sentido, um outro nome para aquilo que, nos anos 70, era chamado de história das mentalidades.*[5]

Portanto, a análise do historiador da cultura deve estar vinculada à realidade do homem, ou seja, é preciso perceber os conflitos sociais e pensar as práticas e representações culturais no social. Partilhando dessa concepção, a análise do objeto (os espaços de sociabilidade na cidade de Coromandel), contempla não só aspectos culturais e sociais, como também questões econômicas e políticas, aspectos indissociáveis no processo de análise e compreensão do historiador; elementos que se perpassam e se interpenetram constantemente.

Como já nos referimos anteriormente, adotamos como linha de pesquisa, a história cultural por nos permitir construir novas abordagens historiográficas, a partir da análise de práticas e representações culturais. Além disso, a história cultural trabalha e reflete a cultura como um conjunto de significados compartilhados e elaborados socialmente, que por sua vez traduzem e são expressão da realidade vivida. Segundo Chartier: *A história cultural, tal como a entendemos, tem por princípios identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler*[6]. Nessa perspectiva, há a valorização de temas ligados a vida cotidiana, atitudes, crenças, comportamentos, rituais, costumes, hábitos, relações familiares e amorosas - eleitos e encarados como significados que permitem refletir sobre uma dada realidade e, sobre o papel de determinados sujeitos sociais no processo histórico.

Por romper com antigos paradigmas teóricos e abrir inúmeras possibilidades de pesquisa, a história cultural não impõe modelos e normas e sim, amplia os caminhos teóricos gerando um desafio que se torna, ainda maior, quando consideramos a sensibilidade, a subjetividade do historiador no resultado da narrativa histórica. Narrativa que não busca verdades absolutas e sim uma interpretação, dentre muitas outras possíveis, do vivido.

O embasamento teórico é algo vital para o desenvolvimento do estudo. Ao longo do curso, várias leituras que contemplam esta temática foram feitas. Textos que vão desde o

---

[5] VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 148.

[6] CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1998. p. 34-35.

surgimento da chamada Nova História Social ou História da Cultura, até as dificuldades enfrentadas pelo historiador que deseja trabalhar com história local, contemplando as práticas culturais. Muitos estudiosos se dedicam à análise dessas questões (problemas e possibilidades de pesquisa dentro desta linha). Mas, nesse primeiro momento, no qual se inicia um ciclo, selecionamos alguns textos que contribuíram de forma especial na definição do tema de monografia. Essas primeiras leituras e os questionamentos provocados por elas são uma prévia do caminho a percorrer.

Através da leitura de textos de autores como: Márcia Janete Espig[7], Sandra Jatahy Pesavento[8], Alessandro Portelli[9], Ronaldo Vainfas[10], Maria Clara Tomaz Machado[11], Alcides Freire Ramos[12], Eliane Aparecida S. Rodrigues[13], Márcia Pereira dos Santos[14], Michel Certeau[15], Ana Maria de Oliveira Burmester[16], Peter Burke[17], Ecléa Bosi[18], Janaina Amado[19], Pierre Goubert[20], Jane de Fátima S. Rodrigues[21], pudemos tecer considerações próprias.

---

[7] ESPIG, Márcia Janete. **Limites e possibilidades de uma nova história cultural**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998. v. 4, n. 1.

[8] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

[9] PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista Projeto História. São Paulo: PUC, n.14, fev.1997.

[10] VAINFAS, Ronaldo. Da história das mentalidades à história da Cultura. **Revista História.** São Paulo: UNESP, 1996. v. 15.

[11] MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular – em busca de um referencial conceitual. **Cadernos de História**. Uberlândia: Gráfica da UFU, 5(5), jan./dez. 1994.

_____.Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. RAMOS, Rosângela Patriota; RAMOS, Alcides Freire. (Org.). **História cultural**: espaços plurais. Uberlândia: Asppectus, 2002.

[12] RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: Do Fime como Documento à Escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Política, Cultura e Movimentos Sociais:** contemporaneidades historiográficas. Uberlândia, 2001. p. 07-26.

[13] RODRIGUES, Eliane Aparecida Silva. **Sociabilidade em Catalão (GO)**: entre o arcaico e o moderno 1920 a 1960. Uberlândia: UFU, 2004. (Diss. Mestrado).

[14] SANTOS, Márcia Pereira. **O Campo (Re)Inventado**: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950-1990). Uberlândia: UFU, 2001. (Diss. Mestrado).

[15] CERTEAU, Michel. Culturas populares. In: **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 75-90.

[16] BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. A História cultural: apontamentos, considerações. **Revista ArtCultura**. Uberlândia: NEHAC/UFU, 2003. v. 5, n°6.

[17] BURKE, Peter. História como memória social. **Variedades da História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

[18] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

[19] AMADO, Janaina. História e Região: Reconhecendo e Construindo espaços. In: SILVA, Marcos A.(Coord.). **República em Migalhas História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, 1990. p. 07-15.

[20] GOUBERT, Pierre. História Local. **História & Perspectivas**. Uberlândia: UFU/COCHI, 1992. n°6.

[21] RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História Regional e Local: problemas teóricos e práticos. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia: UFU/COCHI, 1997. n° 16/17. p. 151.

Os textos de Machado que foram fundamentais no esclarecimento de algumas questões. Neles, a autora aborda vários aspectos presentes nesse novo fazer histórico que auxiliaram na análise do objeto e no diálogo com as fontes. Questões como: cultura popular/erudita, produção/recepção, consumo, apropriação, narrativa histórica, memória coletiva, representação e subjetividade. Machado nos alerta sobre os desafios e as possibilidades:

> *Se cultura é um modo específico de ver, sentir e representar o mundo em que se vive, para estudar as suas formas de representações culturais é preciso, antes de mais nada, penetrar pelo interior de uma determinada realidade social, desvendar a lógica de como essas representações foram constituídas e apresentam-se ao público- o que pode estar presente nos gestos, na linguagem, no seus referenciais de mundo, nas suas práticas cotidianas de trabalho, de lazer e religiosidade*[22].

Além dos textos de caráter teórico-metodológico, a tese de doutorado de Maria Clara Tomaz Machado[23] foi o elemento mais significativo para esta pesquisa, pois tomou a cidade de Coromandel como objeto de análise. Seu trabalho é dividido em três capítulos que contemplam elementos dessa cidade, no que diz respeito à economia, as relações sociais e a cultura. A autora realiza uma pesquisa minuciosa em uma série de fontes e traça o perfil e o desenvolvimento de uma cidade e de um povo no interior das Minas Gerais. Aborda os primeiros vestígios de cidade até os sinais de modernização.

A leitura de Michel de Certeau[24] também é fundamental no trabalho do historiador da cultura, considerando que o autor analisa e traz à tona a relação produção/consumo da mesma, destacando as resistências na sua apropriação pelo público.

Certeau[25] se dedica ao estudo da apropriação feita pelo público, identificando as diversas formas de resistências. Segundo o autor, os sujeitos não são atores passivos, pelo contrário, são astutos, reinventam práticas culturais recebidas, assimilando-as de acordo com suas experiências e suas condições sociais. Ao trabalhar com essas questões, o autor as

---

[22] MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. RAMOS, Rosângela Patriota; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **História cultural:** espaços plurais. Uberlândia: Asppectus, 2002. p. 336.

[23] MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: Departamento de História/USP, 1998. (Tese, Doutorado).

[24] CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

[25] *CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.*

problematiza por meio de situações concretas, tornando-as mais próximas de nós, pesquisadores.

Como analisamos a relação entre práticas culturais tradicionais e as novas formas de sociabilidades, as concepções de Certeau[26] são de grande valia para a pesquisa. A sua análise suscita questões, algumas delas abordadas pelo autor: as recriações que as práticas culturais sofrem. Assim, ao analisar o enfrentamento entre o tradicional e o novo em Coromandel, questões como apropriação, recriação, produção/recepção e resistência se fazem presentes.

A relação rural/ urbano é marcante na história de Coromandel (até a década de 1980 a maioria da população se concentrava no campo), por isso, a análise campo/cidade é fundamental na compreensão do tema proposto. Nesse sentido, as considerações elaboradas por Márcia Pereira dos Santos[27], na sua dissertação de Mestrado, auxiliaram no desenrolar desta pesquisa. No seu estudo, a autora procurou desvelar as relações, muitas vezes conflituosas, entre culturas diferentes. Santos trabalhou com a cultura popular rural no sudeste goiano, trouxe à tona, transformações sofridas ao longo do tempo, em determinadas práticas culturais e, deixou evidente as resistências e apropriações feitas pela comunidade local.

O artigo de Pierre Goubert[28] resgata as origens da História local e aponta as dificuldades enfrentadas ao se trabalhar com ela. Utiliza o desenvolvimento da História local, nos limites da França, como ponto de partida para chegar a conclusões mais gerais. Com esse intuito, faz um resgate minucioso sobre os primeiros temas abordados, revelando os motivos pelos quais foram escolhidos. Dentro dessa perspectiva, o autor aponta as deficiências dessa linha no seu início, considerando-a convencional e elitista. Ao mesmo tempo não a desconsidera, pois, ela inaugurou uma nova forma de olhar os indivíduos (ainda que de maneira elitista), além de contestar idéias mais gerais.

A história local, vista nos dias de hoje, se preocupa com o social, ou seja, houve uma mudança no método e no foco. Com a mudança de postura, os historiadores passaram a se voltar para pequenos núcleos, procurando estabelecer relações entre o povo e as elites.

---

[26] CERTEAU, Michel. op. cit.

[27] SANTOS, Márcia Pereira. **O Campo (Re)Inventado**: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950-1990). Uberlândia: UFU, 2001. (Diss. Mestrado).

[28] GOUBERT, Pierre. História Local. **História & Perspectivas**. Uberlândia: UFU/COCHI, 1992. n°6. p. 45-57.

A história local passou a se preocupar com o social. Os historiadores começaram a enxergar que a história local é fortalecida pelo homem comum, por aquele individuo que se sente pertencente a algum lugar.Dentro dessa perspectiva analisamos os espaços de sociabilidades presentes na cidade de Coromandel, ou seja, estabelecemos através do recorte de particularidades, determinadas relações entre fatores políticos, econômicos e sociais. Situamos o estudo na perspectiva da história local e regional, por permitir o retorno à temas relegados pela história geral e a sujeitos sociais, sucumbidos, na análise do processo histórico. Assim, a micro história evita generalizações e homogenizações e valoriza o estudo das particularidades.

A história regional/local se firma e atinge cada vez mais historiadores, no momento em que um esgotamento das macro-abordagens é sentido. Mas isso não significa dizer que a história local/regional faça oposição a história nacional/geral, e sim a busca de novos caminhos teóricos na análise das relações sociais. Fazendo nossas as análises de Silva, acreditamos que:

> *O deslocamento proporcionado pelas novas abordagens, priorizando as experiências cotidianas de homens e mulheres, e a visão de que as realidades são social e culturalmente construídas, numa intricada teia de relações e atividades humanas com seus inúmeros agentes, interesses e práticas, trouxeram um novo vigor para os estudos regionais e locais*[29].

Esse novo fazer histórico sofre preconceito por parte dos grandes centros e, como resposta a esta marginalização imposta, devemos persistir nos estudos que contemplam o modo de vida de determinado local, relacionando-os às questões nacionais. Não há como apartar o objeto específico do contexto nacional.

Tanto a "micro-história", que propõe uma redução de escala, favorecendo uma análise microscópica quanto a "história vista de baixo", que aborda experiências cotidianas trazendo para o centro do debate pessoas comuns, contribuem para a ampliação do debate no seio de uma historiografia tradicional[30].

---

[29] RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. "História Regional e Local: problemas teóricos e práticos". In: ***Revista História & Perspectivas***. *Uberlândia: UFU/COCHI, 1997. n°16/17. p.151.*

[30] LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.

O texto de Rodrigues[31] traça um paralelo entre modernidade e técnicas de modernidade (precisamente as imagens do cinema) com práticas de sociabilidade. Aborda as transformações nas relações sociais, advindas do desenvolvimento de novas tecnologias. Como objeto de pesquisa utiliza as salas de exibição de filmes, evidenciando as mudanças nos comportamentos e nas práticas culturais.

Tendo como ponto de partida o histórico do cinema no Brasil e no mundo, algumas discussões são levantadas, tais como: o cinema como veículo de integração, unindo diferentes atores sociais e formando novos costumes.A autora alia a noção de novos costumes com práticas de sociabilidades. Esclarece que *sociabilidades são, no entanto, normas estabelecidas para convivências em espaços públicos e coletivos, no qual indiferente da classe social, ou raça, possam estar, e se relacionar, no mesmo ambiente*[32]. Problematiza essa relação, buscando a origem destas normas (onde elas tomam corpo) e quais são os seus principais atores. Nesse sentido, traz à tona a relação entre erudito e popular, considerando que há circularidade entre as culturas e desvela as influências que ambos sofrem mutuamente.

Para situar seu estudo, Rodrigues analisa a cidade de Catalão que, assim como Coromandel, buscou o progresso e a tão sonhada modernidade. Faz o resgate da história, ainda que parcialmente, por meio da relação existente entre modernidade/salas de cinema/sociabilidades.O estudo foi elucidativo, pois aborda as relações de um triângulo modernidade/salas de cinema/sociabilidades. Relação esta, presente na cidade de Coromandel, norteando os rumos do estudo. A maior proximidade, além da dita anteriormente, está no fato de Coromandel e Catalão serem cidades do interior do país que almejaram o pleno desenvolvimento e a modernização vislumbrando o cinema como um dos marcos dessa nova realidade.

O ensaio de Alcides Freire Ramos[33], alerta para a relevância de estudar/analisar a relação arte/comunicação/entretenimento. Segundo o autor, vivemos em uma realidade, na qual o audiovisual ganha cada vez mais espaço. Ramos não discute um filme

---

[31] RODRIGUES, Eliane A. Silva. Modernidade: uma reflexão a partir das salas de cinema. In: **Revista Guaiás**. Caldas novas, 2002. p. 101-105.
[32] RODRIGUES, Eliane A. Silva, op. cit., p. 102.
[33] RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: Do Filme como Documento à Escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Política, Cultura e Movimentos Sociais**: contemporaneidades historiográficas. Uberlândia, 2001. p. 07-26.

especificamente, e sim, dialoga com diferentes autores sobre as principais propostas teórico-metodológicas, referentes à relação História/Cinema, com o intuito de dar sua contribuição no esclarecimento de alguns enfrentamentos. Elege o filme como documento e traça por meio da fala de diferentes estudiosos (entre eles Marc Ferro) os métodos que podem ser utilizados na análise fílmica.O ensaio referido acima serviu para refletir como diferentes objetos de estudo – o cinema como sinal disso – podem ser utilizados para pensar e analisar uma dada época.

Confesso que me sinto um pouco insegura ao lançar determinadas conclusões, já que sou principiante nesse fascinante terreno que é a história cultural. Mas arriscar-se e descobrir novas possibilidades faz parte do oficio do historiador – vivemos num eterno aprendizado.

A definição do termo cultura popular é algo bastante complicado e desafiador. Compartilho da idéia de que não existe a separação entre popular e erudito. Estes termos são denominações utilizadas para diferenciar determinadas manifestações, não significa que uma seja melhor ou superior à outra, cada uma possui seu determinado valor. Além do mais, elas estão em eterno contato, é a circularidade defendida por Ginzburg[34], ou seja, a interpenetração é uma constante e, cabe ao historiador da cultura, estar ciente e levar em consideração essa troca, pois as diferenças culturais são determinadas pela forma como cada sujeito as percebe e as apropria, de uma determinada maneira. Vários fatores influenciam nessa apropriação, que vão desde experiências pessoais até o meio social em que se vive. A apropriação é feita e, a partir dela, temos uma determinada representação de mundo; aquilo passa a ter significado para as pessoas, simboliza a realidade vivida. Desta forma, na cultura popular permanecem as práticas que tiveram importância em um determinado tempo para um certo grupo de sujeitos, práticas que trouxeram sentido e significado naquele contexto. Portanto, os termos recepção e apropriação são elementos vitais no trabalho do historiador da cultura porque, inclusive, permite refletir que, ao se apropriar, existe a possibilidade de recriar, resistir, (re)significar[35].

---

[34] Ver: GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. No livro, o autor aborda as idéias de Menochio, um moleiro friulano condenado pelo Santo Oficio. O autor procura evidenciar os conflitos e as relações de classe no campo cultural.

[35] CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

Outro aspecto que chama a atenção no estudo e instiga a discussão diz respeito à questão da subjetividade no trabalho do historiador. A subjetividade é algo presente e inevitável no oficio do pesquisador, pois além de ser humano, dotado de sentimentos e aspirações, ele lida com a vida, ou seja, com as experiências de vida de seus interlocutores. Acreditamos que nesse diálogo, as apropriações e as representações de mundo de cada um, vem à tona, cabendo ao historiador o compromisso ético, o respeito às experiências vividas pelos sujeitos históricos e a produção de um conhecimento sério sustentado por referenciais teóricos-metodológicos. A questão da subjetividade suscita a questão da alteridade, ou seja, como o historiador trabalha com a diferença. O pesquisador deve procurar resgatar e mostrar como o outro é percebido, respeitando as diferenças e mantendo o afastamento.

Pretendo deixar claro que na minha concepção, o estudo das práticas culturais tem uma importância relevante no trabalho do historiador. O estudioso da cultura elege como foco central aspectos do cotidiano, buscando identificar nesses aspectos as representações do que é e do que foi o real, sem o desvencilhamento das questões sociais, pois elas andam atreladas.

No que diz respeito à utilização de fontes documentais, a pesquisa exigiu intensa dedicação, o material recolhido é vasto e sua análise foi feita de forma minuciosa. Foi realizado o levantamento de toda documentação disponível em visita feita à Casa de Cultura de Coromandel. Nessa etapa do trabalho, vivi um misto de sentimentos: tive uma grata surpresa em encontrar um considerável número de fontes (fontes essas que me foram entregues em sinal de amizade) e, uma grande preocupação e pesar, pois constatei que a documentação em Coromandel não recebe o devido cuidado (é manuseada de forma incorreta e não há nenhum tipo de restauração).

As fontes documentais, em sua maioria, escritas e impressas, foram organizadas por data e categoria para que a análise e o fichamento se tornassem mais práticos e proveitosos. Com a documentação discriminada o nosso foco se voltou para a análise do material, mais precisamente, das colunas e notas sociais dos jornais. Em especial as notas do "*Coromandel em Revista*", jornal mensal que se dedicava, quase que exclusivamente, aos acontecimentos sociais da cidade. Por esse motivo, sua utilização foi fundamental na realização do trabalho. Os demais jornais, principalmente "*Carabandela*" e "*Coromandel em Notícias*" traziam

notícias diversas. Notícias que iam desde matérias culturais até acontecimentos políticos que contribuíram para o desenvolvimento da cidade.

As informações colhidas tanto dos jornais quanto das demais fontes, (convites, folders, cartazes), foram condensados em quadros específicos e gerais, com informações precisas sobre os principais eventos sociais. Além da produção dos quadros que serviram como guia, durante a análise da evolução social e cultural da cidade, foi feita a interpretação das matérias e notas jornalísticas, buscando enxergar os valores da época, as normas de comportamento, os desejos de modernidade e as aspirações dos moradores nos seus diferentes aspectos.

Além da utilização da documentação escrita que consiste em jornais, revistas, folders, convites, livretos memorialistas e fotografias (a título de ilustração de uma época),realizamos entrevistas com diferentes atores sociais, com a intenção de perceber, por meio da fala, o que significou aquele momento e aquelas práticas culturais na vida de cada um. Dentre esses sujeitos, os interesses que os levavam a determinados ambientes eram os mais variados possíveis iam desde encontros amorosos até motivações políticas. Demos voz a figuras como: Dr.Sebastião Machado, médico mais antigo da cidade, que nos relatou passagens da sua vida, entremeadas de histórias de Coromandel; ao professor Mauro Marinho, precursor da vida cultural e social de Coromandel; às D.Terezinha Machado Rodrigues Pereira e D. Maria das Dores Matias Honorato, presenças constantes nos eventos sociais; à D. Iracy Ramos Costa, proprietária de um dos primeiros cinemas da cidade e ao Sr.Bernardo Pereira, músico que abrilhantava os acontecimentos da época.

Nesse sentido, a relação entre os conceitos Memória e História se tornam fundamentais no desenvolvimento do trabalho. E segundo Alistair Thomson[36], o conceito de memória está diretamente ligado à idéia de lembranças e recordações, que são continuamente reconstruídas. Assim, as constantes (re)interpretações da relação passado/presente exercem influência sobre experiências relatadas por diferentes atores sociais. Em vista disto, o historiador deve estar ciente de que, o trabalho que atrela memória e história o remete a um campo altamente subjetivo, onde os fatores psicológicos estão presentes: emoções, receios e angústias permeiam as narrativas. Cabe ao historiador não o

[36] THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: (14) abril, 1997.

papel de investigador de uma verdade única e sim a de um produtor de conhecimento que considera os indícios, as subjetividades (mantendo o distanciamento necessário), na elaboração de uma versão do vivido.

A história oral possibilita ao historiador, a produção do conhecimento, por meio de relatos repletos de significados subjetivos que são capazes de construir uma memória, ao mesmo tempo, individual e coletiva, considerando que a memória individual é reflexo de relações sociais estabelecidas no meio em que se vive[37].

Este foi um dos desafios encontrados no desenrolar da pesquisa, pois, apesar da utilização das fontes documentais impressas, os depoimentos tomados foram ponto chave na execução do trabalho. Diferentes sujeitos sociais foram ouvidos e trouxeram à tona versões (re)elaboradas do vivido.

A história oral é um recurso que contribui muito no trabalho do historiador, principalmente no que diz respeito à análise de práticas culturais. Nesse sentido, a leitura do texto de Alessandro Portelli foi importante:

> *Assim sendo, todos são historiadores de alguma maneira, todos tem uma visão de história, uma interpretação; todos dão um sentido ao passado, todos têm uma relação entre o presente em que narram ou relatam e o passado de que falam. Há esses paradigmas de forças, o presente e o passado, o entrevistado e o entrevistador, o "eu" "enunciador" e o "eu" "enunciado" e todas essas relações estão sempre em movimento, o tempo todo*[38].

Por meio do texto de Portelli, a noção do que é a oralidade no trabalho do historiador se tornou mais clara. O historiador não deve partir para entrevistas com idéias pré-formuladas, mas sim estar aberto a receber as mais variadas interpretações. O pesquisador não trabalha e nem encontra a verdade, o real, e sim as interpretações do vivido.

Os depoimentos orais nos permitiram à volta aos desejos, valores, aspirações e ao imaginário de uma cidade, que almejava e primava por um discurso que os levassem a inserção em um mundo moderno, urbano, desenvolvido.[39]

---

[37] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
[38] PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, 1997. p. 09-54.
[39] Sobre Memória e História Oral Cf.: BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

A monografia foi realizada em dois capítulos. O primeiro capitulo, intitulado: *Inventariando a cidade: modos de viver e sociabilidades*, foi dividido em três partes, mas que estão diretamente relacionadas. Na primeira parte, fizemos um inventário da cidade, buscando entender o que era Coromandel, desde a sua emancipação política até o inicio de 1950, identificando não só as carências e os problemas estruturais, como também as relações estabelecidas. Questões essas, vivenciadas em uma cidade, onde a população era predominantemente rural.

Na segunda parte, trabalhamos os aspectos visíveis de modernidade presentes na cidade, a partir de 1950. Evidenciando as novas formas de sociabilidades, não só ao redor e no interior do cinema, mas elegendo outros espaços de convívio tão relevantes quanto o mesmo. Espaços esses, nos quais as formas e os modos de viver dessa sociedade se faziam presentes. Nesse quesito, analisamos o que significou os anos de 1950 em termos de desenvolvimento na cidade (a política Jk, a construção de Brasília, a chegada da energia e do telefone, o rádio...) e, como esses fatos refletiram na forma de viver e de se relacionar dos moradores.

Na terceira, resgatamos o período que compreende de 1970 a 1985. Analisamos o que significou e quais foram as conseqüências dos projetos econômicos dos governos militares em Coromandel, relacionando-os de forma direta às práticas culturais da cidade e do campo, ou seja, as mudanças e influências sofridas no contexto cultural e social.

____. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e Ressentimentos**: indagações sobre uma questao sensível. Campinas: UNICAMP, 2001.

COSTA, Cléria Botelho e MAGALHÃES, Nancy Aléssio. **Contar História, Fazer História**: história, cultura e memória. Brasília: Paralelo 15, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEGOFF, Jacques. **Memória - História**. Lisboa: Einandi, 1985. v.1.

NOVA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História.** São Paulo: PUC, n°10, dez.93.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da Memória: o universo das fossas ardeatinas. "História, mito, rituais e símbolos" e "História oral e memórias". **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, n° 25/26, 2001/2002. p. 9-26 e 27-54.

THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: (14)abril, 1997. p. 52.

REVISTA PROJETO HISTÓRIA. **Trabalhos da Memória**. São Paulo: PUC, v. 17, 1998.

_____. **Ética e História Oral**. São Paulo: PUC, v. 15, 1997.

_____. **História e Oralidade**. São Paulo: PUC, v. 22, 2001.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, História e Historiografia**. São Paulo: ANPUH, v. 25/26, 1993.

O segundo capítulo: *Espaços de sociabilidades e lazer: modernidade e práticas culturais*, também é dividido em três partes; nele nos dedicamos exclusivamente à análise dos novos espaços de sociabilidades advindos do crescimento da cidade. Abordamos a origem do primeiro cinema e toda sua trajetória até a inauguração, em 1958, do Cine União é abordada. Em meio a história do cinema em Coromandel, analisamos o seu significado e a recepção do público, relacionando esse novo espaço de convívio social com as transformações comportamentais.

No segundo tópico, trazemos à tona, os reflexos da transformação urbana nas práticas sociais. Período único na vida social da cidade em que o anseio pelo desenvolvimento e a magia dos *anos dourados* davam o tom do momento, provocando a (re)criação de hábitos, costumes e comportamentos.

No último item enfocamos o importante papel que o Ginásio Municipal de Coromandel, não só na área educacional da cidade, mas como marco de modernidade e urbanização e de espaço provocador de novas práticas culturais. Haja vista que foi a partir da sua aparição, com o trabalho desenvolvido pelo seu corpo docente (em destaque o papel do professor Mauro), com a realização de projetos culturais, que a vida social ganhou novo espírito.

CAPÍTULO 1: Inventariando a cidade: modos de viver e sociabilidades

1.1 Historicizando Coromandel: Tradições culturais, personalismo político e rusticidade urbana.

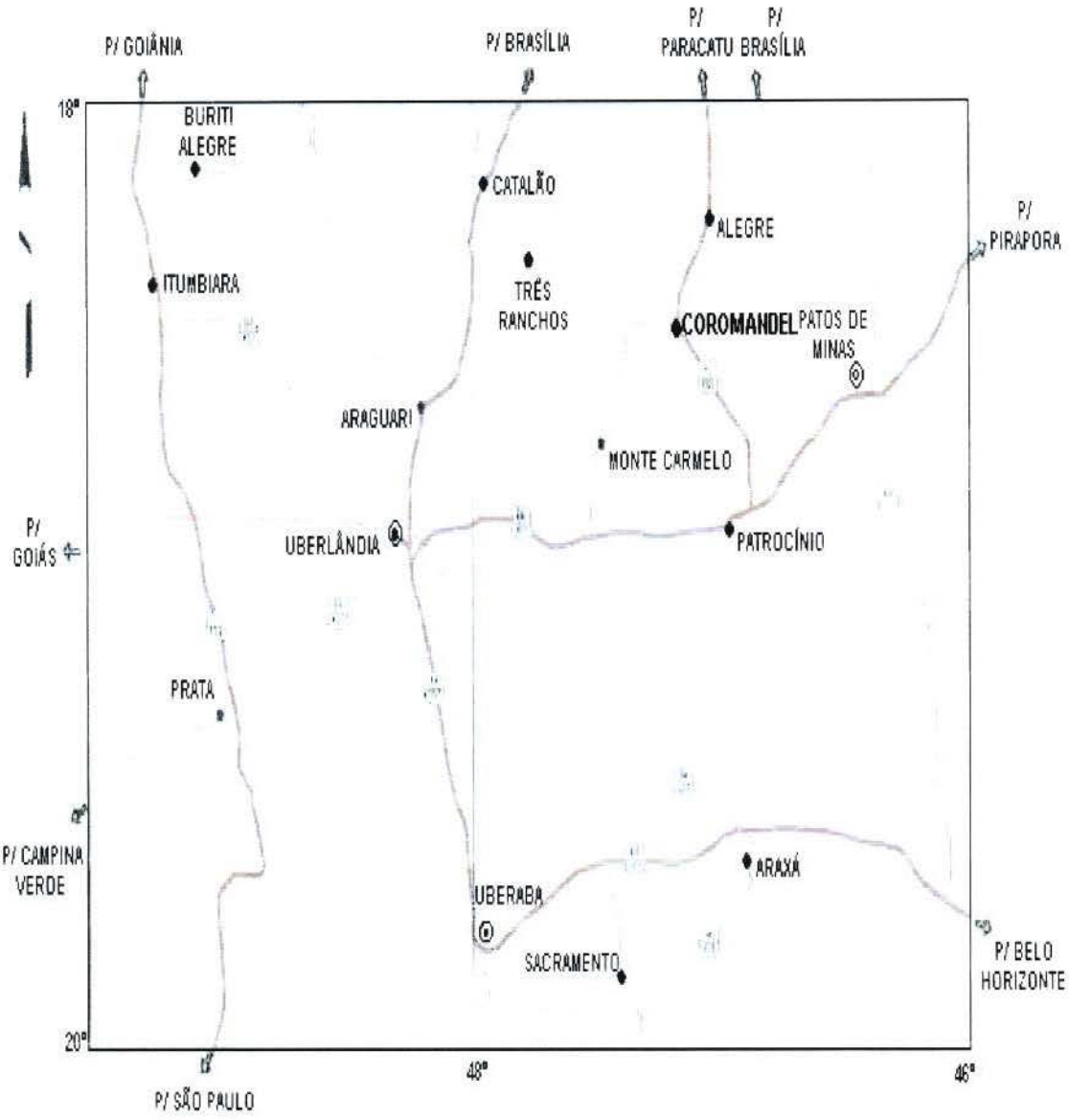
A história do Arraial de Santa Ana do Pouso Alegre, também conhecido por Carabandela, situado na região Oeste do Estado de Minas Gerais, na zona do Alto Paranaíba, foi marcada por uma economia de subsistência ladeada por grandes latifundiários e pela exploração de suas jazidas de diamantes. Localizado em um ponto estratégico da província, o pequeno arraial que no início do século XIX que servia de retiro e descanso para boiadeiros e viajantes, que circulavam entre Paracatu e Goiás, viu a transformação do seu espaço a partir da chegada de famílias oriundas de Paracatu e de garimpeiros de diamantes, atraídos pela perspectiva de "bamburrar" e melhorar de vida[40].

O lugarejo que em 1824 contava com aproximadamente 40 casas, uma ponte sobre o córrego e uma capela erguida em devoção a Sant'Ana, prosperou não só pela abertura de garimpos como também pelo desenvolvimento da pecuária na região, e se estabeleceu como município independente em 1923, mais precisamente no dia 07 de setembro. Marco importante na história de Coromandel. A partir dessa data, através da Lei Estadual n° 843, o pequeno Distrito de Coromandel, até então anexado a Patrocínio, emancipa-se, alcançando autonomia política e status de cidade. O município passa a ser formado por dois distritos: o da sede, Coromandel e o de Abadia dos Dourados, que se emancipa em 1948[41].

---

[40] Sobre a história da cidade Cf.: MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais:** caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: Departamento de História/USP, 1998. (Tese, Doutorado).
MACHADO, Sebastião. **Uma Vida**. Ituiutaba: EGIL – Editora Gráfica Ituiutaba, 2005.
MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. **Escola Estadual Osório de Morais e sua História**. Belo Horizonte: UCMG/FUMARC, 1982.

[41] MACHADO, Maria Clara Tomaz. Coromandel: das vastas solidões ao progresso e a urbanização. In: **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: Departamento de História/USP, 1998.



Mapa da região do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE COROMANDEL. Disponível em: < http://www.coromandel.mg.gov.br/dadosgerais.php >. Acesso em: 12 jul. 2006.

Criada a cidade, o espaço urbano era constituído de duas ou três "ruas de terra", com casa de adobe e pau-a-pique, que cercavam a Igreja Matriz de Santana. Igreja, essa, fundada em 19 de setembro de 1870[42], símbolo maior da fé e cristandade do lugar desde o seu início como corrutela até os dias atuais, exercendo influência, através de suas ações e da imposição de regras morais, nos destinos da cidade e na vida dos seus fiéis.



Festa de Nossa Senhora do Rosário no dia 20 de outubro de 1934. Em frente à porta principal da Igreja Matriz de Santana.

Em princípios do século XX contava com uma escola primária, Escola Mista de Coromandel, sob a direção do Sr. Levy Mattos que funcionava em dois turnos com três salas de aula, nas quais se lecionavam conteúdos das três primeiras séries. Pelas próprias condições físicas as matrículas eram limitadas, deixando muitas crianças sem poder estudar[43].

Em junho de 1928, graças ao empenho do Sr.Osório de Morais, na época presidente da Câmara Municipal, foi dado início a construção do prédio que sediaria o novo grupo

[42] MACHADO, Sebastião. **Uma Vida**. Ituiutaba: EGIL – Editora Gráfica Ituiutaba, 2005.
[43] MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. **Escola Estadual Osório de Morais e sua História**. Belo Horizonte: UCMG/FUMARC, 1982.

escolar. O Grupo Escolar Osório de Morais criado pelo Decreto Lei n°10254 de 22/02/1932, teve sua inauguração em 08 de agosto de 1932 e o evento de inauguração contou com a presença de autoridades locais e da população, encantada com a imponência do prédio, até então inédito na vila composta de construções de adobe e pau a pique.

Sob a direção do Sr.Arthur Ferreira Brandão, o grupo inicia suas atividades, oferecendo o curso primário, no qual se cursava uma série em dois anos. Dona Iracy, uma das primeiras alunas do grupo, explica o seu funcionamento:

> *(...) a gente fazia o primeiro ano atrasado e adiantado. Era dois anos no primeiro ano, dois anos no segundo ano, dois anos no terceiro, dois anos no quarto. Então a pessoa tirava o diploma.Por exemplo, a Irani, nunca tomou bomba, mas ela tirou o diploma com quinze anos. Já tirô o diploma, entrô com sete e ficô lá fazenô dois em dois. Aí ela já saiu professora da escola, já foi contratada professora da escola.*[44]

Terminado o primário, aqueles que possuíam condições financeiras prosseguiam seus estudos em colégios internos fora de Coromandel, e aqueles que não tinham recursos ou interesse em continuar os estudos se dedicavam a diferentes atividades. Algumas moças se casavam, outras começavam a lecionar em escolas rurais e aos homens cabia o trabalho no campo ou alguma atividade de pequeno comércio na cidade. Somente os filhos de famílias abastadas e tradicionais davam continuidade aos estudos e chegavam as universidades:

> *(...) casava cedo...quem não estudava, era 15,16 anos já tava casanô. Agora as que saía fora prá estudar demorava mais um pouquinho, mais ainda casava cedo.*[45]

O Grupo Osório de Morais foi durante 27 anos a única escola primária da cidade. Fato que provocava sérias dificuldades para seu pleno funcionamento, pois a escola não possuía estrutura necessária para receber alunos da cidade e da zona rural. Verificamos isso nos arquivos da escola vasculhados pela memorialista local:

---

[44] COSTA, Iracy Ramos. **Depoimento**. Uberlândia. Gravado com Dona Iracy Ramos Costa, dia 01/08/2005 em sua residência. Dona Iracy lecionou 32 anos no Grupo Escolar Osório de Morais, além disso, foi juntamente com seu esposo o Sr. Oswaldo Costa, proprietária de um dos primeiros cinemas da cidade.

[45] HONORATO, Maria das Dores Matias.**Depoimento**. Coromandel, 11/08/05. Dona Maria das Dores presença constante nos eventos sociais da cidade. Figurou na lista das "Dez Mais Elegantes".

> *O funcionamento do Grupo em dois prédios acarreta sérias dificuldades para esta diretoria, não deixando de prejudicar muitíssimo o Ensino; isto contra a nossa vontade.Tudo tenho feito para solucionar esse problema que nos preocupa, como também a toda população: mais Escolas para seus Filhos.*
> *Há 27 anos foi construído o nosso Estabelecimento e até hoje é o único da cidade. Dia-a-dia cresce em nosso Grupo a matrícula de crianças do meio rural.*
> *Conto pois, com o alto espírito de compreensão dos Dirigentes do Ensino na solução deste problema tão sério.*
> *Coromandel, 12 de março de 1959*
> *(ass.) Ligia Rabelo*
> *Diretora Técnica.*[46]

Como solução do problema foi criada uma nova escola: Grupo Escolar Egídio Machado, pelo Decreto n°5723, de 21 de dezembro de 1959[47].

O comércio da cidade era formado por farmácias, pequenas lojas e armazéns, onde podia se encontrar de tecidos a artigos de armarinho até ferragens e utensílios domésticos.

Os problemas estruturais, não só na década de 1920, mas até início da década de 1970 eram muitos e desafiadores. A começar pela questão da água, cujo abastecimento era insuficiente e precário e se dava através de regos d'água, oriundos do córrego dos Buritis. A água corria a cidade por meio de bicas feitas de aroeira, atravessando os quintais e as ruas da cidade. As cisternas abertas nos fundos dos quintais das casas foram também um dos recursos utilizados pela população. Aspectos desse cotidiano são rememorados por antigos moradores da cidade:

> *(...) O povo de hoje num sabe o quê que é vida ruim não. Nossa Senhora! Tirava água na cisterna, num tinha água encanada, num tinha nada. Num tinha banhero, era no quintal, furava aquele buraco...fazia um estrado assim...Era assim...*[48]

A iluminação consistia em um sério entrave para o desenvolvimento da cidade, a luz oriunda de uma pequena usina hidrelétrica, com horário certo de funcionamento, geralmente entre sete da noite e dez da noite. Sua potência era reduzida, pouco resolvendo as necessidades básicas da população.

---

[46] MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. **Escola Estadual Osório de Morais e sua História**. Belo Horizonte: UCMG/FUMARC, 1982. p. 17-18.
[47] MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira, op. cit.,p. 18.
[48] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.

Os meios de comunicação eram quase inexistentes, o sistema de telefonia ainda não havia sido implantado de forma satisfatória e o telégrafo começava a ser utilizado. Poucas pessoas ficavam sabendo o que acontecia pelo Brasil e pelo resto do mundo. Um jornal local só veio a existir em 1962, com a publicação de "Coromandel em Revista", e assinaturas de jornais e revistas de circulação nacional eram raras. O número de assinantes na cidade era modesto, além do que as edições chegavam atrasadas, tendo em vista que o Correio realizava entregas de seis em seis dias, e de maneira precária algumas entregas eram feitas a cavalo.

Os almanaques de farmácia[49], apesar de serem usados como veículo de propaganda para laboratórios que recomendavam e indicavam seus produtos e remédios, significavam uma fonte alternativa de informação para os coromandelenses, pois traziam curiosidades, dicas de economia doméstica, receitas culinárias, além do calendário católico com os dias de cada santo e das indicações para o sucesso da lavoura.

Mais tarde, a partir dos anos 40, a grande maioria dos moradores do campo e da cidade tomavam conhecimento de determinadas notícias nacionais e internacionais por meio do rádio. Considerado artigo de luxo na época, acessível apenas às famílias mais abastadas. Sua popularização no espaço urbano acontece em meados da década de 1950. No campo, o rádio faz sua aparição na segunda metade da década de 1960. No entanto, isso não impediu seu sucesso imediato no meio urbano, a inovação que o rádio trazia fascinava a todos, talvez por consistir em uma ponte com o resto do país, rompendo barreiras físicas e divulgando uma série de novidades. Dentre as rádios mais cotadas estavam a Rádio Nacional, a Bandeirantes, a Tupi, a Nove de Julho, a Aparecida do Norte e a Rádio Excelcior.

Pelas ondas do rádio, os ouvintes tomavam conhecimento de notícias sobre política e economia, eram atraídos ao consumo pela veiculação de comerciais e propagandas, fora a oferta de entretenimento representado pelas novelas e pelos programas de auditório. Tanto as novelas quanto os programas de auditório com os seus aclamados cantores: Ângela

---

[49] Almanaque Biotônico,1959/1960/1963.
--Almanaque Brasil, 1956/1959/1961/1962/1965/1966.
--Almanaque Bristol, 1961.
--Almanaque Capivarol, 1962/1963.
--Almanaque Elixir Prata, 1959/1960.
--Almanaque Goulart, 1959/1960/1961.
--Almanaque Renascim, 1959/1960/1961/1962/1963/1963/1984.

Maria, Orlando Silva, Silvio Caldas, Vicente Celestino, Linda Batista, Cauby Peixoto, entre outros, faziam muito sucesso com o público, especialmente o feminino, aguçando a curiosidade sobre a vida dos ídolos e povoando a imaginação com as seqüências dos folhetins:

> *(...) o rádio de pilha, era uma pilha grande assim ó... desse tamanho assim ó... Era uma pilha grandona mesmo e ligava o rádio ali na pilha e a gente escutava as novela... Eu escutava o rádio, e quando era dia de jogo...tinha os menino, os menino... Eu era do Vasco e os menino quase tudo era do Flamengo, então eles ficava, os menino do Flamengo, ficava lá na porta da minha casa pelejano pra tê coragem de me pedi pra vê, pra assisti o jogo... Eu falava: _ Ah não! Pode entrá, pode entrá todo mundo... Ia pra cozinha fazê pipoca, assá pão de queijo.*
> *(...) a Rádio Nacional nesse tempo era uma maravilha, os cantores: Nelson Gonçalves, Francisco Carlos, a Marlene, a Emilinha Borba, o Chico Buarque já tava começando... E eu ouvia no rádio de pilha... Quem mais?... O Carlos Galhardo,... Irmãos Cury, Linda Batista, Dircinha Batista, Trio Uiraquitam ... Como chamava? Num tô lembrada como que chamava os três...um era marido da Dalva de Oliveira...Era trio...Tinha o Abel Ferreira que tocava muito na Radio Nacional.*[50]

O rádio suscitava a sociabilidade na cidade:

> *(...) o povo ia lá em casa e via as novela quando num tinha música...Vinha as mulher lá da rua de baixo...lá em casa prá ouví a novela...Então o povo lá da rua de baixo, ês falava rua do sapo...Ia lá pra casa assisti as novela...tinha umas amiga lá que perguntava se podia i, eu falava:_Pode, pode vir...A casa era grande...*[51]

O transporte gerava dificuldades aos coromandelenses, as raras estradas eram de terra, atravancando a circulação de pessoas entre um Estado e outro ou mesmo entre regiões vizinhas, o que dificultava o escoamento da produção agrícola. Na cidade e zona rural os meios de transporte mais usados eram os cavalos e os carros de boi. Aliás, essa foi uma prática utilizada até o início da década de 1970[52]. Automóveis eram poucos exemplares somente as famílias mais favorecidas economicamente e os fazendeiros ricos da região possuíam um modelo.

---

[50] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.
[51] Ibidem.
[52] CAMARA MUNICIPAL DE COROMANDEL.**Ata de Reunião da Câmara Municipal de Coromandel realizada no dia 24 maio.1971**. Coromandel, 1971.

As inesquecíveis jardineiras, sempre associadas à figura de Pedro da Jardineira, motorista presente na memória dos moradores da cidade, foram trazidas pelo senhor Joaquim Botelho. Eram responsáveis pelo transporte de passageiros e de encomendas. O primeiro cinema da cidade utilizou o transporte da jardineira para trazer os filmes de Patrocínio até Coromandel.

Coromandel contava também no seu espaço urbano com instituições assistenciais. A primeira: São Vicente de Paulo, fundada em 30 de março de 1903, teve como primeiro presidente o Sr. Egídio Machado. Essa instituição ocupava um lugar político esquecido pelo poder público, visto que suas obras supriram necessidades da área de saúde e de ação social. Obras como a Casa de Caridade e o Asilo São Vicente de Paulo, ambos inaugurados na década de 1930, a Vila Vicentina e o Dispensário Frederico Ozanan, já nos anos de 1950 tiveram papel importante na vida da comunidade, pois acolhiam os marginalizados sociais, excluídos de sua cidadania e, em certa medida, denunciava uma sociedade desigual.

Além das obras realizadas pelo São Vicente de Paulo, o Asilo Padre Eustáquio punha também em prática o trabalho assistencial. Fundado por Dona Querubina, conhecida por todos como Biloca, recolhia pessoas carentes que necessitavam de cuidados especiais. O Asilo prestava assistência a deficientes físicos e mentais sob o seu comando, que segundo moradores da época, pagava uma promessa por ter sido prostituta.

O abrigo e todos os seus internos habitavam e ainda habitam o imaginário da gente do lugar, principalmente das crianças, que sentiam verdadeiro pavor ao se aproximar do asilo da Biloca. Asilo esse que se localizava em uma área mais afastada do centro de Coromandel, alimentando ainda mais a fama do lugar. Entre os mais lembrados estão "as mutucas": Sebastiana e Aurorinha, duas primas que andavam pela cidade, enfeitadas dos pés a cabeça com objetos achados ou ganhados; o Diolino, que adorava viajar e por isso se escondia dentro das jardineiras; o Lola que perambulava pela cidade; o Pedro Mudo que andava pedindo comida em uma cuia; a Madalena que tirava a roupa em público ao ouvir a palavra chuva...

As ações filantrópicas continuavam na Santa Casa de Misericórdia de Coromandel, que teve seus primeiros alicerces fincados em 1946 em um terreno doado pelo Sr. Egídio Machado. No entanto, seu pleno funcionamento só aconteceu por questões financeiras e técnicas, em 1951. A Casa prestava auxílio a pacientes citadinos e da zona rural. Nesse

sentido, vale lembrar as questões de saúde daquela época e Dr. Sebastião Machado, personalidade ímpar na história de Coromandel, rememora alguns de seus muitos atendimentos:

> *(...) Um dos casos mais tristes das minhas viagens foi um chamado ao Rio Preto para atender um parto. Fui até quase a metade do caminho em um fordinho preto de um fazendeiro da região. De lá fomos à cavalo e ao chegar a casa do chamado, notei que não havia movimento algum. Tudo quieto. Geralmente quando chegávamos, havia muitas pessoas, vizinhos e curiosos. Veio lá de dentro da casinha, um pobre homem que disse: " – Doutor, o senhor chegou atrasado". A doente ficou boa? Eu perguntei. "Não, ela morreu!" Ao chegar ao quartinho, sob uma velha colcha, estava um corpo sem vida, com a barriga grande e aflorando na vulva dois ossinhos brancos: cúbito e rádio. A parteira que já não estava na hora saiu receosa, puxara tanto o bracinho do feto que lhe arrancara a mão. Perguntei ao marido da defunta porque não haviam me chamado mais cedo e ele respondeu: "-Porque sou pobre e não tenho como pagar". Mas eu acabei não vindo, sem pensar em pagamento? Respondi.*
> *(...) Nos primeiros anos eu fazia esses atendimentos sem auxílio de enfermeira, sozinho. Em um deles sendo preciso fazer uma curetagem uterina, à noite, pedi a mulher que estava acompanhando a doente que segurasse a lamparina, mas quando ela viu a preparação das ferramentas para a curetagem, disse que não tinha coragem de ver aquilo. Chamei o marido, a única pessoa da casa, para que segurasse a lamparina. Iniciado o trabalho eu tive sorte de olhar para o "enfermeiro" e ver que ele não estava passando bem. Foi só lhe dizer que largasse a lamparina e deitasse depressa para que desmoronasse na cama. Acabei o ritual sozinho, quase no escuro.*[53]

Como percebemos pelo depoimento do Dr. Sebastião, a prática médica era bem diferente. Os médicos precisavam contar com a sorte, com a intuição e com o "jogo de cintura" necessário diante de situações inusitadas. Neste contexto contava as más condições físicas, principalmente quando se tratava de chamados da zona rural, que só eram feitos em casos de extrema urgência. Os casos mais recorrentes eram complicações no parto, em sua maioria feitos por parteiras que adquiriam seus conhecimentos na prática.

E o que dizer da vida política de Coromandel nas décadas de 1920, 1930 e 1940? Como muitas cidades do interior mineiro as divergências políticas ocorriam mais por questões particulares do que por diferenças ideológicas. Os apoios eram dados a troco de favores prestados. Na realidade em que viviam a construção de um simples mata burro na zona rural já era motivo para tornar-se aliado. Os grandes latifundiários, coronéis, além de concentrarem terras, detinham o controle e os rumos da política local. Encaravam o cargo

[53] MACHADO, Sebastião. **Uma Vida**. Ituiutaba: EGIL – Editora Gráfica Ituiutaba, 2005. p. 32, 33, 34.

público como extensão de seus domínios em terras; utilizavam a máquina administrativa visando interesses próprios e de seus pares As oposições de idéias, se existiram naquela época, eram pouco mencionadas, o que valia era a política dos coronéis com o seu voto de cabresto, os currais eleitorais e as manobras de bastidores. Apesar de Coromandel possuir dois partidos políticos de expressão nacional, o PP- Partido Progressista e o PRM- Partido Republicano Mineiro, as questões se fechavam mais por acordos políticos do que por embate de idéias, opiniões e projetos.

O primeiro prefeito nomeado em 1925 foi o Sr. Osório de Morais, pertencente ao PP- Partido Progressista. Logo em seguida foram nomeados o Sr. Egídio Machado em 1933 e o Dr. Ermiro Rodrigues Pereira em 1937, por escolha da Câmara, ambos filiados ao PP. Dr. Ermiro permaneceu a frente da prefeitura até o ano de 1945, designado como interventor pelo então presidente da república Getúlio Vargas. Vale lembrar que os partidos políticos haviam sido suprimidos pela Constituição Federal.Essa realidade se manteve até a democratização política e a conseqüente criação dos partidos políticos: UDN- União Democrática Nacional e PSD- Partido Social Democrata. Mesmo assim por mais que houvesse confrontos durante a campanha e que a eleição desencadeasse rixas pessoais, os acordos ainda permaneciam como a melhor solução. Com exceção das campanhas de 1947 e 1962, nas quais os candidatos dos dois partidos UDN e PSD disputaram voto a voto. A eleição de 1947 foi a primeira e única vitória da UDN em Coromandel, nela se elegeu Vicente Goulart, eleito segundo alguns depoentes, graças à promessa de emancipar o distrito de Abadia dos Dourados. O que veio a acontecer em 1948 pela Lei Estadual de 31/12/1948. Em 1962, o PSD volta à cena elegendo Dr. Sebastião Machado por meio de uma disputa ferrenha com o candidato da UDN, Geraldo Goulart, irmão do ex-prefeito Vicente Goulart. O PSD ganha a eleição e se mantém até o golpe político, que instaurou a ditadura militar em 1964, como o partido liderante da política local.

Paralela a questões políticas, a vida cultural e social de Coromandel acontecia ainda que timidamente:

> *(...) Sem lugar apropriado para se divertirem, as pessoas se reuniam na residência do Sr. Egídio Machado, onde se faziam os bailes daquele tempo...Havia muita alegria, muita animação e muito 'biscoito', feito pela saudosa Dona Olímpia...As*

> *festas religiosas também muito animadas, com os movimentos de barraquinha, constituiam motivo de euforia, para a gente coromandelense...54*

Os espaços destinados somente ao lazer eram poucos no meio urbano, consistindo no prédio do antigo cinema, na praça da Igreja Matriz e no salão do Juca's Bar. Locais esses, que anos mais tarde estariam interligados no circuito de lazer realizado pelas pessoas do lugar. Após assistirem a missa, o destino certo, especialmente dos jovens, era se reunirem na praça e de lá seguirem juntos para uma sessão de cinema e quem sabe, mais tarde, o salão do Juca's Bar.

As pessoas da época buscavam alternativas para se encontrarem e se divertirem. Os piqueniques ao redor do Poço Verde, os passeios na lagoa para andar de canoa, as idas ao circo quando estavam na cidade, o vai e vem na rua do bar Diamantina possibilitando o flerte de moças e rapazes eram formas encontradas para o lazer:

> *(...) É...os passeio que o povo tinha era i no mato, no cerrado catá gabiroba, era i no Poço Verde, na Usina velha e na lagoa...Num tinha lugá de passiá, assim...*
> *(...) Eu num pudia sai, meu pai num deixava, né? Passeava nas casas dos vizinhos, assim mesmo apanhava quando chegava...Meu pai gritava:-Fiaaa!!!De longe eu escutava, ai corria pra dentro e a taca era certa, né?"*
> *(...) Mais moça num tem juizo não e faiz tudo que tem vontade.Eu saia lá de casa e ia. Saia de noite,tinha as vizinhas lá.As menina ia passiá no vai e vem, mais eu num ia, tinha medo, né? Ìa e voltava...Os moço ficava...tinha passeio não...a rua era de terra...Aquele puerão! Santa Maria!* (Risos)...[55]

Fora essas práticas era comum as brincadeiras dançantes, nas quais moças e rapazes, alguns acompanhados pela mãe ou pelo pai, se reuniam em casa de família ou em um salão improvisado, para dançarem as músicas do momento. Essa prática de sociabilidade persistiu sobrevivendo às transformações do tempo e permanecendo como opção de lazer, mesmo com o advento de novos espaços na cidade a partir do final dos anos de 1950. Muitas são as lembranças desses encontros:

> *(...) A mamãe de vez em quando dava um baile na casa dela... os rapazes reuniam lá e dançavam. Minha irmã, a Zuca, ela não saia de casa, mas ficava doida pra fazê um baile, pra dançá lá. Então, eu tive aqueles bailes, a gente saia na rua, buscava um sanfoneiro, morava lá nas Piteiras...Tocava. Isso era nas casas de*

---

[54] MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. **Escola Estadual Osório de Moraes e sua História**. Belo Horizonte: UCMG/FUMARC,1982 p.9.
[55] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.

> *família, os bailes. Depois é o ...Joaquim Botelho fez aquele prédio da agência Ford e tinha um salão grande lá. Nós passamos a dançá lá... A mamãe não fazia essa festa sem dá um...uma mesa lá de biscoito e de doce... Rapaizinho, estudante já era no clube... Manoelzinho dava festa, só pra dançá, eu ainda brincava muito com os companheiros e falava: _Hoje tem baile porque eu vi moça na janela com bobs... O dia que elas punham um bobs tinha baile...*[56]

A realização de serenatas era outro ponto alto da época. Os músicos se reuniam no bar Diamantina, combinavam o repertório e saíam pela cidade. Nem sempre as serenatas estavam ligadas à conquista amorosa, muitas vezes eram feitas com a intenção de reunir os amigos, "por farra" como nos diz Seu Bernardo:

> *(...) então a gente fazia serenata, tinha os pontos. A gente fazia, reunia no bar Diamantina, sabe? Ali, ali a gente fazia hora pra serenata, sabe? Comê um arroz com lingüiça enquanto dava a hora, e também era ponto de, de reunião de todos os amigos e onde a gente, pra onde a gente, todo músico ou seresteiro de fora, a gente tirava uma prova com eles ali, sabe?* (Risos). *Muitas vezes tinha uns que intimidava, tocava mal. Outros bons, né? Era, era muito divertido. Eu já tocava violino, bandolim e a serenata tinha as casas dos amigos, sabe? Com quem a gente tinha mais intimidade. Serenata é uma coisa romântica, bom, né?*[57].

Nos momentos de lazer vale ressaltar a atuação da Igreja, primeiro local não só dedicado ao lazer, mas que promovia o encontro de fiéis, estabelecendo relações de convívio social:

> *(...) mais nos primórdios quando a cidade era pequenininha o que tinha de mais importante eram as festas religiosas, as barraquinhas na porta da Igreja, né? Era bem dizer onde a pessoa se sociabilizava, né? Onde conhecia os amigos, conversava com os amigos era na porta da Igreja, sabe? Nas procissões. Tinha as procissões. E as festas eram muito bonitas porque nessa época a parte folclórica era muito forte.*[58]

A celebração de missas e de sacramentos da Igreja Católica: batizados, primeira eucaristia, crisma, casamentos, eram motivo de encontro entre os moradores da corrutela. As festas religiosas presentes em um calendário fixo, cuja as mais importantes

---

[56] MACHADO, Sebastião. **Depoimento.** Coromandel 19/04/2005. Dr. Sebastião Machado, 87 anos, médico e político, nasceu em Coromandel, foi um dos criadores da Santa Casa de Misericórdia, onde clinica até hoje. Foi prefeito da cidade de 1963 a 1967 e vice-prefeito por dois mandatos.

[57] PEREIRA, Bernardo. **Depoimento**. Coromandel 11/08/2005. Filho de uma família de músicos, Seu Bernardo não só tocava nos eventos sociais da cidade como também vendia em sua loja, entre outros artigos, instrumentos musicais.

[58] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.

eram a de São Sebastião, comemorada em janeiro; a de Santana, padroeira da cidade festejada em julho e a de Nossa Senhora do Rosário em outubro, permitiam, não só o fortalecimento da fé, como abriam espaço para as sociabilidades. Eram durante os dias de festa que se realizavam as novenas, missas e procissões, reunindo a população de Coromandel e dos distritos.

O contrário também acontecia, as festas e os pagodes da roça, como os próprios depoentes os chamam, aglomeravam um grande número de pessoas. Geralmente nessas comemorações as famílias, os vizinhos, os amigos, os compadres se encontravam e celebravam a vida, seja através do culto aos santos, dos terços cantados, das procissões em devoção, dos pagodes, que promoviam o arrastapé ao som da sanfona ou das "tachadas" de comida preparadas para o evento. Não podemos nos esquecer da festa de Nossa Senhora da Abadia, comemorada no município vizinho de Abadia dos Dourados, que era um evento esperado e prestigiado por muitos coromandelenses. As famílias se preparavam durante dias para que tudo saísse a contento. Comida, cobertas e tudo mais que fosse necessário para a sua permanência nos dias da festa. Toda a tralha era carreada em carros de boi. Famílias inteiras ficavam acampadas para participarem da festa.

Dr. Sebastião nos descreve esses momentos:

> *(...) As festas eram familiares, os bailes de família ou um aniversário, um pagode na roça. Tinha muito...fazia aqueles terços na roça e dava pagode...Um pagode, um casamento e quando os noivos chegavam, davam um jantar...e depois o arrastapé...Isso chamava pagode antigo. A gente ficava lá também ou então uma festa de Santo Reis, fazia muito. Santo Reis fazia muito...aquela folia...Santo Reis e depois a dança...*[59]

Os bailes da época realizados por famílias tradicionais de Coromandel e figuravam nesse cenário como mais uma opção de lazer e recreação. Apesar de não acontecerem freqüentemente possibilitavam o encontro e o estabelecimento de relações sociais. Através das reminiscências desses primeiros bailes antigos, tomamos contato com os valores da época, especialmente no que diz respeito as relações amorosas. E é de forma bem humorada, que Dr. Sebastião nos remete a esse passado:

---

[59] MACHADO, Sebastião. Depoimento. cit.

> *(...) quando eu era menino, eu lembro de presenciar o namoro de minhas irmãs. O noivo chegava, geralmente antes de ficar noivo, ficava um ano esperando pra casar. O noivo às vezes ia visitar a noiva, sentava lá, a noiva aqui, a mãe da noiva, o irmão da noiva ficava servindo de vela...Tinha esse negócio nem de pegar na mão...*
> *(...) Mas nessa época que não podia sentar perto da noiva, noiva heim! De aliança no dedo. Então essa mudança social também foi muito grande, muito...todos os costumes familiares, costumes públicos.*[60]

Percebemos que tanto os namoros quanto os noivados e casamentos aconteciam mais por conveniência e escolha da família do que por opção pessoal. A liberdade, especialmente das moças, era cerceada pela autoridade do pai, cabendo a ele decidir o futuro dos filhos.

Os namoros da época eram seguidos de perto pela vigilância da família da moça. Quando não era a presença dos pais, inibindo a ação dos enamorados, era a companhia dos irmãos. Namoro e noivado consistiam quase que só nos olhares trocados, pois que chegar mais perto e ter momentos a sós, só mesmo depois de casados. Mesmo assim é provável que exceções existiram, muitos casais se uniram por afinidades e sentimentos verdadeiros.

Não podemos deixar de mencionar entre as práticas de lazer, a existência de dois times de futebol: Maracanã Esporte Clube – recebeu esse nome devido ao fato de alguns de seus jogadores morarem no Hotel Maracanã – fundado em 24 de junho de 1953[61] e Coromandel Esporte Clube, fundado em 08 de setembro de 1963[62]. Eternos rivais, os dois times disputavam partidas em Coromandel e em campeonatos da região. Os jogos atraiam o público e também figuravam como opção de lazer dos coromandelenses.

---

[60] Ibidem.
[61] ILDEU. Saudades do Maracanã. **Carabandela**. Coromandel, n°8. dez 1981.
[62] ROSA, Lúcio F. S. Coromandel Esporte Clube. **Carabandela**. Coromandel, n°9. jan.1982.



Imagem 3 - Jogadores do time de futebol Maracanã Esporte Clube na década de 1950.

Ao traçarmos esses primeiros contornos de cidade, pontuando práticas culturais presentes no incipiente espaço urbano, as vivências do mundo rural vêem à tona de maneira marcante, seja através dos registros sobre a cidade, seja através dos depoimentos tomados.Na trajetória de Coromandel o urbano e o rural se misturam. A cidade cresceu em termos de território e se desenvolveu cercada por pequenas propriedades de terra baseada na economia de subsistência e por grandes latifundiários, que conheceram uma nova dinâmica agrícola na década de 1970, com aplicação de programas e projetos dos governos militares.

É fundamental na retomada do processo histórico, que levou Coromandel a se tornar um dos mais destacados centros da região do Alto Paranaíba, com muitas opções na vida social, estabelecer a relação campo/ cidade, evidenciando as suas interpenetrações.A zona rural de Coromandel até o início da década de 1970, com a modernização da agricultura no Estado de Minas, esteve à margem das relações de produção capitalistas, especialmente os pequenos produtores que viviam numa economia de subsistência. Suas relações eram baseadas na luta pela sobrevivência, na ajuda mútua entre vizinhos, nos

ciclos da natureza. O cultivo da terra não visava o lucro –a falta de maquinário e de auxílio técnico e financeiro permitiam- apenas a sobrevivência da família que possuía a pequena propriedade.

Com exceção dos grandes latifundiários, as práticas estavam baseadas em uma economia de subsistência, na qual todos os membros da família trabalhavam para garantir o sustento coletivo e a sobrevivência da pequena propriedade. O auxílio dos vizinhos que se davam por meio de mutirões e traições também ajudavam e marcavam a vida e as relações sociais, estando inseridos em uma seqüência de eventos que tinham a festa como seu ápice maior.

As propriedades, divididas, entre pequenas, médias e de grandes latifundiários diferenciavam-se mais por extensão das terras, pela casa maior, por instrumentos usados e pelas relações de trabalho empregadas. Pequenas e médias propriedades, sustentadas pelo trabalho de tipo familiar, cultivavam em sua maioria lavouras temporárias de milho e mandioca, muito utilizados no regime alimentar da família. A criação de porcos, galinhas e vacas, também acontecia, fornecendo além da carne, ovos e leite. O gado era criado visando a ordenha do leite e a posterior fabricação de queijos, não só para consumo próprio como também para comercializá-lo na cidade e região, além disso, o leite era utilizado na feitura de pães, roscas e bolos presentes na culinária caipira. A carne bovina era servida excepcionalmente, no mais a carne de porco e o frango caipira figuravam no cardápio alimentar. Ovos e verduras, também eram vendidos para moradores da cidade, geralmente pelas mulheres que buscavam uma fonte alternativa de renda, que suprisse necessidades pessoais e dos filhos[63].

Já os latifundiários, que muitas vezes eram grandes investidores na criação de gado, compartilhavam de hábitos de vida muito semelhantes aos pequenos, afastando-se no quesito de plantio e das relações de trabalho estabelecidas. A figura do parceiro estava presente nessa realidade, prestando serviço ao grande fazendeiro, geralmente se responsabilizava por todas as etapas do cultivo, assumindo tarefas e dividindo ao final o lucro ou o prejuízo da plantação. Vale lembrar que nem sempre a partilha era de 50% da produção, dependia do tipo de acordo firmado entre empregado e patrão. Assim como o parceiro, o agregado também contava para sua sobrevivência no meio rural com a própria

[63] Cf.: CÂNDIDO, Antônio. **Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

força de trabalho e de toda sua família. A relação que envolvia os préstimos de todos os membros da família do agregado era diferente da do parceiro, no que diz respeito à remuneração. Enquanto aquele dividia os dividendos da produção, esse recebia em troca do trabalho menos que um salário mínimo da época[64].

Situações como as descritas estavam presentes numa teia complexa de relações, envolvendo diferentes esferas do mundo rural, não estanques uma das outras, mas entrelaçadas e garantindo a sua permanência. Ou seja, trabalho, fé, religiosidade e momentos de recreação eram parte de uma seqüência de eventos, que constituíam o mundo rural e caipira do interior do país.

O lazer rural era marcado pelo calendário católico, pelos sacramentos concedidos e pelo tempo da natureza, ou melhor, o período de plantar e de colher. Nesse meio, trabalho e lazer estavam intimamente ligados; a existência de um dependia do sucesso do outro. Todos os esforços despendidos durante o plantio e a colheita eram recompensados e comemorados por meio de festas de cunho religioso, já que as ações do homem do campo e suas possíveis conseqüências, boas ou ruins, eram sempre relacionadas com desígnios sagrados.

As festas religiosas aconteciam o ano inteiro, em quase todos os meses, cada um deles correspondia à comemoração em devoção a um santo específico. O calendário era seguido e respeitado por quase todos, as pessoas se envolviam nos preparativos e participavam ativamente não só dos momentos de louvação como também dos momentos de brincadeiras e descontração.Além das festas religiosas, as ocasiões de lazer eram preenchidas pelos pagodes com dança, jantar e música caipira; pelos banhos nos rios e cachoeiras; pelas partidas de futebol disputadas em campo de chão de terra; pelas pescarias e também pelas visitas feitas a parentes e vizinhos.

Os modos de vida e as práticas culturais cultivadas no meio rural exerceram influência nos hábitos de moradores da cidade. Costumes, crenças, valores e comportamentos foram mantidos, ainda que de formas e maneiras diferentes pelas famílias que saindo do campo, começavam desfrutar e se adaptar a uma nova realidade. Permanências de uma cultura rural tradicional estavam presentes em atitudes relacionadas a atividades do dia-a-dia. Práticas que aludiam à tempos idos, vividos no campo, podiam

---

[64] MACHADO, Maria Clara Tomaz. A Rusticidade da Economia e o Comércio das Trocas – relações de trabalho e solidariedade. In: **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: Departamento de História/USP, 1998. (Tese, Doutorado).

também ser percebidos no espaço urbano. As influências da cultura caipira se faziam sentir em ações presentes no cotidiano urbano, tais como: na manutenção de uma dieta alimentar rica em grãos e derivados do leite; na conservação de alimentos como a carne, preservada em latões cobertos de banha; no cultivo de hortas e pomares, fornecendo verduras e frutas à família; na utilização de determinadas plantas na cura de algumas enfermidades do corpo; na crença em supertições que cercavam a menstruação e o resguardo e influenciavam nos cuidados com a higiene pessoal, como não lavar a cabeça e comer canja de galinha para aumentar o leite; na criação de porcos e galinhas no fundo dos quintais; na utilização de fogão a lenha entre outras...

Tais costumes são apenas uma amostra das influências vividas, mas que permitem vislumbrar as relações mantidas entre a cultura rural e urbana, que forjaram o perfil da cidade atual. Essas foram algumas das muitas maneiras encontradas de trazer um pouco da atmosfera rural para o meio urbano.

Retomar esse passado, apontando questões de ontem, que ainda estão vivas e presentes, não só na memória, mas nos registros da cidade, é se deparar com um povo na sua origem, que vivia e sentia as transformações de uma realidade, até então intocada pelos apelos de um mundo urbano e moderno, que soube enfrentar e se adaptar as exigências e as novas possibilidades que o desenvolvimento trazia, sem perder de vista suas raízes.

1.2- Anos 50: quando o urbano se define:

A década de 1950 desponta encontrando um Brasil imbuído de um espírito realizador, envolto pela política de Juscelino Kubitschek (1956-1961), com seu famoso slogan "50 anos em 5" e seu ousado Plano de Metas, que prometia sanar problemas estruturais e trazer o crescimento econômico. O anseio pela modernização do país e a busca pelo desenvolvimento de áreas como transporte, energia, alimentação e indústria de base davam o tom do momento e influenciavam as ações políticas do país inteiro.[65]

Roberto Schwarz analisa o momento como o anseio em romper com o arcaico/tradicional, em apagar os laços de ruralidade que existiam no Brasil de então. Sem atentar para o custo social que essas ações trariam, ou seja, a tão almejada urbanização/industrialização seria concretizada à custo de migrações forçadas, desemprego, favela[66]. Novas perspectivas se abriam para o interior do país provocadas pela construção da nova Capital Federal na região Centro Oeste. Brasília significou a concretização do discurso da época e também o desejo de uma maior integração nacional.

Partilhando desse espírito empreendedor, Coromandel como outras cidades do interior que, até então, conservava contornos e práticas tipicamente rurais, se abre para novas possibilidades e passa a buscar equipamentos urbanos que lhe imprimisse ares de cidade, inserindo-a em um cenário urbano e moderno. Vale ressaltar que esse foi o período no qual o ideário modernizador estava no auge e se recusava o mundo agrário e a tudo que o lembrasse.Os coromandelenses atraídos pelas facilidades que a vida moderna oferecia começam a perceber que a rusticidade dos modos de vida não cabiam mais no projeto de cidade.

Frente à mudança de mentalidade, a classe que detinha o poder político local, começa a primar por ações e medidas que impulsionassem a redefinição do espaço urbano. Ou seja, tinham como meta dar a um pequeno arraial, com população majoritariamente

---

[65] Ver: RODRIGUES, Marly. **A Década de 50: Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. São Paulo: Editora Àtica S.A. 1992.

[66] SCHWARZ, Roberto. **Fim de Século**. Folha de S.Paulo. São Paulo, 04/12/94, pp. 6-9. (Caderno Mais).

rural e distribuída em pequenas vilas e distritos, contornos urbanos com a estrutura que isso exigia. Dr. Sebastião Machado recorda esse ensejo:

> *(...) Coromandel naquele tempo...ruas sem calçamento, sem luz, sem nada, né? Luz ruim, uma usinazinha feita pelo Seu Emiliano Ferreira. Depois fizemos outra usina, fizemos em Abadia...Mas antes o que Coromandel tinha era um rego d'água que abastecia a cidade. Cortava a cidade toda...Uma corrutela mesmo, era um arraialzinho, daqueles ruim, mas que deixa muita lembrança boa na gente, né? Eu vi o progresso todo, porque o progresso teve.*
> *(...) Automóvel só tinha um aqui dentro da cidade. Eu peguei essa época...não tinha luz, não tinha telefone. Telefone que nós tínhamos aqui era uma caixa preta pregada na parede tocada a manivela, tinha que gritá tanto que eu tinha impressão que lá na Abadia* (Abadia dos Dourados) *eles estavam escutando* (Risos)...[67]

Quando o médico e político trás à tona a dureza da vida outrora, percebemos claramente a introjeção do discurso político da época em Coromandel e a adoção da idéia de progresso pelos políticos locais. Segundo eles, era necessária uma mudança de postura na maneira de administrar a cidade, desenvolvendo-a em setores que certamente trariam o crescimento.

A década de 1950 lança o desafio. Havia muito o quê fazer, mas como fazer?Os problemas estruturais como bem rememora Dr. Sebastião, persistiam e sem dúvida atravancavam o desenvolvimento da cidade, o espaço urbano ainda bastante acanhado não correspondia aos modelos da época. A ação imediata do poder público na resolução de problemas primordiais como: o abastecimento insuficiente de água; a deficiente produção de energia elétrica; o calçamento das ruas de terra; a iluminação pública; o serviço de coleta de lixo; a implantação de um sistema telefônico satisfatório; a construção de um matadouro que regulamentasse o abate de carne; a implantação de escolas e postos de saúde, entre outras melhorias permitiriam, não só a modificação do espaço, urbanizando-o e modernizando-o, como trariam mais conforto e praticidade nas práticas do dia a dia.

As primeiras conquistas dessa época foram: em 1951[68] a construção e inauguração da ponte sobre o Rio Paranaíba, ligando Coromandel a Paracatu e em 1955[69] a compra do Porto das Gamelas, que possibilitava a conexão entre Coromandel e o Estado de Goiás por

---

[67] MACHADO, Sebastião. Depoimento. cit.
[68] CAMARA MUNICIPAL COROMANDEL. **Ata de Reunião da Câmara Municipal de Coromandel realizada no dia 27 jan. 1951**. Coromandel, 1951.
[69] CAMARA MUNICIPAL COROMANDEL. **Ata de Reunião da Câmara Municipal de Coromandel realizada no dia 16 nov. 1955**. Coromandel, 1955.

meio do Rio Paranaíba. Duas aquisições fundamentais para o desenvolvimento econômico da cidade, pois permitiam a circulação de pessoas, o escoamento da produção agrícola e a relação entre os dois Estados.Toda a década de 1950 foi pontuada por medidas que visavam o desenvolvimento do município.

O abastecimento de água e o fornecimento de energia elétrica apareciam como problemas primordiais para a cidade. A energia elétrica que era insuficiente para a iluminação pública, quiçá para a instalação de indústrias, atrapalhava o crescimento econômico de Coromandel. Na tentativa de resolver a questão, foi feita em parceria com a cidade de Abadia dos Dourados, a Hidroelétrica Coromandel-Abadia S/A.Com potência de 750 KWA foi entregue ao povo de Coromandel no ano de 1964, pelo então prefeito Dr.Sebastião Machado:

> *(...) Em 1963 nós ganhamos a eleição. Aí, mas era uma dificuldade tremenda...A usina que nós tínhamos pego no tempo de estudante... Quando fez foi uma beleza, caiu logo. Depois fizemos uma em Abadia. Ah! Essa foi um estouro...é...usina boa, grande... Também logo, logo tornou-se deficiente. Foi aquela peleja até conseguir uma CEMIG... Telefone... Depois passô pra companhia telefônica... uma dificuldade. Então era essa dificuldade. O serviço de água era esse rego grande, abastecia a cidade, ia passanô nas hortas. Tornou-se deficiente também. Tivemos então que parti pra COPASA. O calçamento também não tinha, começamos com umas pedras, paralelepípedos. Depois veio o asfalto. Então tudo isso num tinha. Um trabalho de conjunto não era só o prefeito."*[70]

Ao contrário do que se esperava a hidroelétrica não foi capaz de resolver o problema, a sua produção ainda era insuficiente para as necessidades da época. Por esse motivo, em 1969, foi assinado um acordo entre a Prefeitura Municipal e as Centrais Elétricas de Minas Gerais-CEMIG, que ficaria responsável a partir daquele momento pelo fornecimento de energia elétrica ao município.

O frágil abastecimento de água, problema antigo da cidade, desafiava o poder público e provocava discussões na Câmara Municipal. A solução encontrada foi a criação em 1969 do Departamento de Água e Esgoto de Coromandel-DAEC, mas a sua eficácia não se confirmou sendo desativado poucos anos depois. O acordo assinado entre a prefeitura e a COPASA- Companhia de Abastecimento e Saneamento de Minas Gerais

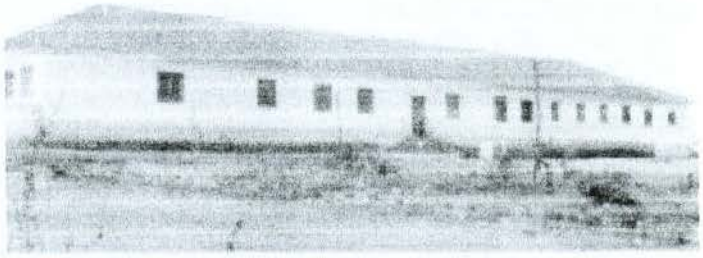
---

[70] MACHADO, Sebastião. Depoimento cit.

encerra a questão. A partir de 1975, a COPASA se tornou a responsável pelo abastecimento e tratamento da água na cidade. Resolução que perdura até os dias atuais.

Com relação ao sistema telefônico, foi realizada uma tentativa frustrada; já que a Companhia Telefônica mantida por acionistas e incentivada pelo poder público, oferecia um serviço de qualidade questionável. A solução encontrada foi a encampação da Companhia Telefônica de Coromandel pelo Estado, através da ação da Companhia Telefônica de Minas Gerais- CTMG.

No final dos anos de 1950 os primeiros símbolos materiais do tão almejado desenvolvimento começam a aparecer no espaço urbano da cidade. A inauguração do Ginásio Municipal de Coromandel, em março de 1958, marca definitivamente os rumos que a cidade irá tomar nas décadas seguintes. A sua implantação foi possível graças à criação da Fundação Educacional de Coromandel[71], órgão mantenedor do Ginásio, responsável por capitanear recursos necessários a sua construção.



O primeiro centro de ensino médio, "Ginásio Municipal de Coromandel", foi inaugurado em 1958, ano que culminou com o calçamento da primeira rua da cidade.

Imagem 4 - Ginásio Municipal de Coromandel no ano de sua fundação, 1958.

A importância do Ginásio vai além de oferecer estudo aos jovens, que até aquele momento eram obrigados a sair da cidade rumo a centros vizinhos ou mesmo para a capital do Estado, a fim de prosseguirem seus estudos. O Ginásio Municipal de Coromandel, sem

[71] CAMARA MUNICIPAL COROMANDEL. **Ata de Reunião da Câmara Municipal de Coromandel realizada no dia 28 jul. 1957**. Coromandel, 1957.

dúvida alguma, inaugurou uma nova era na cidade, pois que mais do que significar um avanço na área educacional, foi capaz, por meio da postura de professores, alunos e pais, engendrar novas práticas culturais na vida dos coromandelenses.

Revela-se neste período não só a permanência dos jovens na cidade, filhos das famílias mais abastadas, pois o colégio era pago, mas a necessidade de novos espaços de lázer. Todavia também a vinda de professores de fora, com idéias inovadoras e até então inéditas naquela comunidade, mexeu com a morosidade da pequena Coromandel. As memórias do professor Mauro remetem a esse período:

> *(...) Então eu posso dizer com muito orgulho que foi a partir de 1958, com a criação do Ginásio Coromandel, que a cidade teve um, um novo avanço, foi dado um impulso, assim, muito forte.*[72]

Coromandel até esse momento oferecia poucos e modestos atrativos nas áreas social e cultural da cidade. Além dos passeios campestres, das brincadeiras dançantes nas casas de família e das festas religiosas, o salão do Jucas'Bar figurava com grande destaque como se observa na nascente imprensa local:

> *Um lembrete aos que acusam a insipidez de nossa vida social: com a chegada da luz o JUCAS Bar tomou outro aspecto. É hora dos rapazes e moças, dos casais que tão bem animam qualquer ambiente prestigiar nosso único local de danças. Ambiente não aparece, se faz. Lugar nenhum é melhor para brincadeiras dançantes que o salão de vidro que ornamenta Coromandel. Vamos nos bater por essa causa. Já que Clube não sai mesmo, façamos do Jucás o nosso Clube. Fica aqui a sugestão.*[73]

O famoso bar do Seu Juca (José Carneiro de Mendonça), com seu pequeno salão que comportava apenas dezesseis mesas, fez história em Coromandel, não há coromandelense que não conheça seu passado, ou por ter freqüentado ou por saber de momentos vividos por aqueles que o desfrutou. A pesar de simples, o bar administrado pelo próprio senhor Juca, fazia o papel de clube social na cidade. Durante muitas décadas foi não só um ponto de convívio dos moradores como também referência na sociabilidade da

---

[72] MARINHO, Mauro Orlando Barbosa.**Depoimento**. Coromandel, 21/04/2005. Professor e diretor de escola desde 1958. Responsável pelo primeiro jornal local da cidade, promotor de eventos culturais e sociais.
[73] MARINHO, Mauro. O Que Se Comenta **Coromandel em Revista**. Coromandel, n.17, maio 1964.

cidade. O Jucas'Bar antecedeu ao surgimento de uma nova realidade e soube se manter dividindo o espaço com outros locais de lazer:

> *(...) O Jucas'Bar, era nosso ponto de encontro, porque nós não tínhamos clube...Então, nós tínhamos cinema, do cinema nós já subíamos para o Jucas'Bar, que era um ponto de diversão. No Jucas'Bar dançava de segunda a segunda. O seu Juca muito, muito enérgico, não se podia dançá de rosto colado, não se podia beber, mulher não podia beber, entendeu?*
> *(...) O Jucas'Bar foi um ponto referencial da época. Era nosso ponto de encontro. Um lugar pequeno, gostoso, mais que nos cabia bem. A gente queria era calor, a gente queria era encontro, a gente queria integração, sabe?... Então a gente se encontrava, era um ponto de encontro e lá funcionava de segunda a segunda. Então dançava, segunda, terça, quarta, todos os dias da semana contanto que chegasse em casa às dez horas. Porque Coromandel não tinha luz também. Às dez horas acabava a luz e você tinha que voltar pra casa, depois é que foi inaugurada a luz da CEMIG. Entendeu? A luz, a luz era de motor. Mais era tudo muito gostoso.*[74]

Mesmo com as limitações bem marcadas por Dona Terezinha, o Jucas'Bar significava um local para encontros e troca de vivências, no qual não só casais iam se divertir, os amigos jogar conversa fora e comentar a realidade da época como também moças e rapazes experimentavam uma maior liberdade para flertar e até começar namoros.

Namoros que, segundo os freqüentadores da época, eram insinuados antes da sessão de cinema. O footing, o movimento de vai e vem de moças e rapazes e o encontro de amigos que anteriormente acontecia na praça da Igreja, passa a ser feito na porta do cinema. O vai e vem era feito antes da sessão de cinema começar:

> *(...) Antes do cinema havia um vai e vem, né? Você já deve ter ouvido falar? Que os rapazes ficavam de um lado e outro dos passeios, que era do cinema até mais ou menos lá na farmácia do João da Mota, e as moças engatada uma na outra de braço dado, ia e vinha, ia e vinha. Os rapazes ficavam parados e às vezes faziam até pose, punha a mão no bolso, a mão no bolso do paletó, aquela pose assim de galã, né? E ali que as moças iam vendo e olhando, depois se encontravam todos no Jucas'Bar. Esse era o ritual e havia um prefixo, o cinema punha a música para fora, que havia um alto falante com músicas variadas e quando tocava um prefixo, que eu não me recordo mais qual fosse, aí todo mundo já começava a entrá, que já havia comprado um ingresso, né? É interessante que se você entrasse no cinema hoje e daqui a dez dias você via as mesmas pessoas quase, que nos mesmos lugares.*[75]

---

[74] MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. **Depoimento**. Coromandel, 04/08/2005. Participou ativamente da vida cultural e social de Coromandel. Foi considerada hors concurs na lista das "Dez Mais".
[75] MARINHO, Mauro. Depoimento cit.

O Jucas'Bar foi o embrião de uma vida social mais intensa; cedeu espaço para as promoções do "Clube das Dezesseis". Formado por 16 moças da cidade, o clube buscava suprir as carências de divertimento de Coromandel, promovendo jantares e horas dançantes. Dona Maria das Dores, integrante do clube, rememora sua participação:

> *(...) como Coromandel não tinha clube, nós reunimos uma turma, chamávamos Clube das Dezesseis. Foi uma iniciativa da Conceição Rosa, então nós reunimos 16 moças e fizemos do Jucas'Bar uma espécie dum clube, sabe? Ali a gente reunia, funcionava, fazia baile, fazia hora dançante, sabe? É, jantar dançante e o seu Juca era muito assim sistemático, mais muito bom, sabe? Então ele cedia o salão pra gente dançá, sabe?* [76]



Imagem 5 - Salão do Jucas'Bar em 1958.

[76] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.



Imagem 6 - Hora dançante no salão do Jucas'Bar, 1958.

A aprovação do Código Tributário[77] em 1959 e do Código de Posturas[78] em 1967 contribuiu para a remodelação do espaço urbano; o poder executivo ganhou maior autonomia e pôde, por meio da aprovação de projetos e obras públicas, concretizar melhorias para a população. Acenavam com a solução para questões antigas, que continuavam a desafiar a cada administração. Haja vista as muitas soluções paliativas que esses problemas graves tiveram.

Era necessário acompanhar a evolução do universo cultural e social da cidade possível a partir da inauguração da escola. O colégio além de servir de palco para a realização de diversos eventos sociais e culturais, promovidos, muitas vezes em seu salão nobre, foi responsável pelo nascimento do grupo de teatro, do coral e do grêmio estudantil.

A mola propulsora para essas inovações foi o professor Mauro Orlando Barbosa Marinho, um ex-seminarista que veio em 1958 para Coromandel ministrar aulas na

---

[77] CAMARA MUNICIPAL COROMANDEL. **Ata de Reunião da Câmara Municipal de Coromandel realizada no dia 23 nov. 1959**. Coromandel, 1959.

[78] CAMARA MUNICIPA COROMANDEL. **Ata de Reunião da Câmara Municipal de Coromandel realizada no dia 17 out. 1967**. Coromandel, 1967.

nascente escola. Além de uma profunda paixão pelo magistério- grande parte de sua vida foi dedicada a educação- e de ser um exímio professor de Português, ele foi, sem sombra de dúvida, o responsável pelo surgimento de uma vida social mais intensa em Coromandel. Apaixonado por teatro, literatura, música e cinema, foi muitas vezes a ponte entre Coromandel e o resto do país, promovendo por meio de projetos culturais a circularidade das idéias; rompendo tradições e provocando o surgimento de novos hábitos e costumes.

> *(...) E o Ginásio Coromandel foi assim, o ponto de partida para o desenvolvimento não só cultural, mas social da cidade. Cultural porque não havia escola de ensino médio, quem queria estudar tinha que ir para Araguari ou tinha que ir pra Uberlândia ou Uberaba, e a partir daí ninguém mais ousava sair daqui, havia a escola. Talvez não fosse a melhor como se esperava, porque nós éramos ainda inexperientes, mas foi como eu já dizia um ponto de partida não somente para...a mudança cultural, mas social, porque aproveitando os alunos, o interesse que eles tinham pela nova realidade nós começamos a promover, a fazer festas, é ensaiar peças de teatro, organizar corais. Que tudo era novidade para eles...*
> *(...) Nós conseguimos muita coisa...e nesse relacionamento professor/aluno, aluno/professor, professor/família, família/professor, nós fomos criando um ambiente de muita sociabilidade...Então é, eu posso dizer com muito orgulho que foi a partir de 1958, com a criação do Ginásio Coromandel, que a cidade teve um, um novo avanço, foi dado um impulso assim, muito forte. E isso se faz sentir até hoje.*[79]

Muitos foram os feitos do dinâmico professor Mauro. "Coromandel em Revista", o primeiro jornal da cidade, foi idealizado e produzido pelo professor. Com distribuição gratuita, trazia notícias de cunho nacional, internacional e especialmente divulgava os eventos realizados e as promoções futuras. Fora isso, o professor Mauro adaptava e dirigia peças teatrais, organizava bailes, festivais, feiras, desfiles de moda e brincadeiras dançantes, entre outras atividades. Atividades que mexiam com antigos costumes e muitas vezes causavam indignação, especialmente, por parte do pároco da cidade: Padre Lázaro Menezes.

Chegado em Coromandel em 1947, o famoso Padre Lázaro marcou a história recente da cidade. Como em tantas outras cidades do interior, o papel do pároco excedia ao espaço da Igreja, influenciando em decisões políticas e ditando regras morais e de

---

[79] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

comportamento. Regras que quando quebradas eram reprimidas publicamente nos sermões da missa.

E assim era a presença de Padre Lázaro na cidade, dono de uma personalidade forte, participava ativamente de tudo que acontecia na cidade. Nada acontecia sem que o padre não soubesse e emitisse sua opinião. De maioria católica, os coromandelenses não só consideravam as manifestações do padre como temiam seus sermões, atitudes consideradas por ele como avançadas demais eram reprimidas duramente.

> *(...) como a cidade era pequena e era também costume da época a Igreja influenciava demais. A religião era muito importante, o catolicismo principalmente. Então os padres influenciavam muito...*
> *(...) o Padre Lázaro, porque como eu tô ti falanô, a religião influenciava demais, influenciava demais. Os padres mandavam demais na gente. Então era uma coisa. Ai, era! Nossa! No sermão de domingo era cada sermão que cê ganhava, cada carapuça por causa de usá o slack, né? Porque foi até que se aceitô, foi uma dificuldade. Mulher de calça cumprida era um, sabe?*[80].

Além da resolução de questões estruturais, a cidade entre 1950 e 1970, de acordo com os anseios da classe política local, toma fôlego e seguindo um plano de desenvolvimento e modernização, passa a sofrer transformações efetivas em seu espaço.Coromandel se redefine vivendo um período de intensa modernização e urbanização, especialmente da área urbana da cidade, que se inicia em meados da década de 1950 e perpassa as demais. Equipamentos urbanos surgem no cenário da corrutela. Além do Ginásio Municipal, que trouxe um avanço significativo para a cidade, outros sinais materiais desse projeto de desenvolvimento começam a aparecer. Seu espaço, agora se modifica, preenchido por lojas, boutiques especializadas em moda feminina; hotéis, bancos; clubes recreativos; sindicatos; órgãos federais e estaduais e especialmente pelo Cine União, inaugurado em 1958.

Todas essas questões foram capazes de modernizar e dar racionalidade ao espaço, preparando Coromandel, uma cidade que no final dos anos 60 se apresentava próspera e ansiando novos postos, para um período de intenso desenvolvimento, especialmente no setor agrícola.

---

[80] HONORATO, Maria das Dores Matias cit.

1.3- A Carabandela dos dias atuais: as transformações sócio-econômicas e a nova trajetória política administrativa.

Se a década de 1960 foi marcada em Coromandel por melhorias na área educacional -novas escolas surgiram, estimuladas pela criação do Ginásio Municipal: a Escola de Comércio em 1963; a Escola Normal de Coromandel em 1964; a construção da primeira Escola Estadual de 5° a 8° séries em 1966 (Escola Estadual Joaquim Botelho); além da ampliação da rede escolar na zona rural, com a construção de várias escolas municipais- e pelo aparecimento de edificações que caracterizavam a modernização do espaço e a mudança de seu perfil.

Foi durante os anos 70, especialmente a partir de 1973, que o município sofreu profundas transformações urbanas. Transformações, essas, que consolidaram as bases para que Coromandel se tornasse um dos alvos de incentivo dos governos militares.

Figura chave nesse período, Dr. Humberto Machado, representante da ARENA, eleito em 1972 por meio de acordo político, foi o responsável por inaugurar em Coromandel uma nova forma de administração pública, mais ágil, eficiente e de acordo com as metas nacionais. Preocupado com o desenvolvimento urbano, sua gestão foi marcada por ações, que visavam a solução definitiva de problemas estruturais. Problemas que se arrastavam ao longo dos anos e impediam o crescimento social e econômico de Coromandel.

Notas na imprensa local nos permitem perceber o contentamento com o crescimento urbano e a expectativa depositada no novo prefeito, conforme a imprensa:

> *A Aliança Renovadora Nacional indicou o nome do Dr.Humberto Machado para Prefeito Municipal de Coromandel. Antes mesmo da convenção, o nome do ilustre advogado já ressoava como clarinada de alegria. De todos os lados e de todas as camadas sociais, a escolha recebeu calorosos aplausos. Dr.Humberto Machado é o que se diz de muita gente, com gabarito para ocupar um cargo público: "o homem certo para o lugar certo". E Coromandel, neste surto consolador de progresso está necessitando de um administrador que acompanhe "passo a passo", o desenvolvimento. É a nova Coromandel se expandindo em todos os setores que trazem desenvolvimento é a cidade que está ingressando na era da indústria e da lavoura especializada; é a cidade ganhando roupagem nova, com várias casas em construção; é o comércio regurgitando de fregueses selecionados; são as casas*

> *bancárias impulsionando o progresso.O futuro prefeito surge assim como uma esperança, para melhorar ainda mais, os dias melhores que se avizinham. Homem honesto, administrador dos mais, exigentes, filho devotado da cidade que o viu nascer, conhecedor profundo dos anseios da gente que o aplaude.O coromandelense aplaude a indicação do nome do Dr.Humberto, na certeza que, ele será o perfeito condutor de uma população que agora, mais que nunca conhece a realidade e entende que os alicerces da pacata cidade devem ser sacudidos para a construção de um amanha bem mais promissor*[81].

Tendo isso em vista, o então prefeito, empossado em 1973, dá início a um plano de governo, que teve continuidade no governo de seu sucessor, Dr. Marcos de Siqueira Nacif (1977-1983), com a pretensão de desenvolver o município por meio de um planejamento urbano: *Queremos sacudir os alicerces de Coromandel. Tudo faremos para corresponder os anseios do povo que muito confia em nosso governo*[82]. Foi durante a sua gestão que Coromandel ganhou contornos de cidade.

Abalando antigas estruturas, o arrojado Dr. Humberto Machado promoveu dois projetos fundamentais na sua administração que marcaram época em Coromandel: um deles foi a reforma administrativa do setor público, com a criação de secretarias municipais específicas para cada área, aquisição de um novo prédio para a instalação da prefeitura e a instituição de um novo Código Tributário e do Estatuto dos Funcionários Públicos.

O segundo foi a criação, que contou com o auxílio de técnicos da Secretaria Estadual de Obras Públicas de Minas Gerais, do "Plano e Cronograma do Desenvolvimento Urbano de Coromandel". Esse plano propunha o planejamento que romperia com os limites urbanos da cidade, que nessa época não excediam a nova Igreja Matriz. A partir disso o cerrado foi devastado e os limites urbanos se expandiram com a construção de avenidas largas e canteiros centrais. Começava então o nascimento de uma nova Coromandel!

Acreditando que o desenvolvimento urbano atrairia investimentos para a cidade, especialmente no setor industrial, vários investimentos foram feitos para o aparelhamento e uso racional do espaço. As mudanças que começaram nesse governo permearam todas as gestões seguintes.

Entre os anos de 1973 e 1977 foi realizada uma série de ações que alteraram concretamente o perfil da cidade: houve a ampliação efetiva dos limites urbanos, com o recapeamento e asfaltamento das ruas; a instalação de um novo sistema de iluminação

---

[81] MARINHO, Mauro. Fato que Destacamos. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°113, set. 1973.
[82] MACHADO, Humberto. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°113, set. 1972.

pública (luz à mercúrio); a execução de obras de saneamento; a sinalização do trânsito urbano; a confirmação e manutenção das parcerias firmadas com a TELEMIG e a COPASA. Além da inauguração de sedes de órgãos federais e estaduais e da abertura de canais de televisão.

Todas essas inovações reestruturaram o município e mexeram com as relações sociais, especialmente no que diz respeito à permanência de antigas práticas e o advento de novas maneiras de viver e de se relacionar. O aparelhamento do espaço provocou o aparecimento de novos valores e (re)criou hábitos e costumes dos moradores. O maior acesso a informação e aos bens de consumo trouxeram mudanças na vida social e cultural de Coromandel.

Usufruindo das vantagens do fornecimento irrestrito de energia elétrica, o estilo de vida dos coromandelenses se transforma. Deixando relegado hábitos e crenças rurais, são seduzidos pelas facilidades que a vida moderna oferece. O uso dos eletrodomésticos se populariza e a aquisição de geladeiras, fogão a gás, ferro e chuveiro elétrico, aparelho de televisão, entre outros produtos. Alteraram a rotina familiar, já que permitiam a distribuição de tarefas e a sua execução de forma mais prática.



Imagem 7 - Propaganda publicada no jornal. **Coromandel em Revista**. Coromandel, dez. 1966.

Como reflexo dessa nova realidade, os momentos de lazer e recreação também passaram por modificações. A criação de dois clubes sociais: o Clube Recreativo Coromandelense em 1969 e o Guapiara Tênis Clube na década de 1980 movimentaram ainda mais a vida noturna da cidade. Oferecendo salão apropriado para realização de eventos culturais. O salão do Clube Recreativo foi palco de inúmeros bailes, shows e festas que, a partir desse momento, atraíam um público ao mesmo tempo diversificado e seleto, haja vista que a entrada se limitava aos associados.

Festas de caráter popular, ligadas às atividades do campo fazem sua aparição. As exposições agropecuárias, os rodeios e os encontros de coromandelenses ausentes são incorporados ao calendário cultural da cidade.

A televisão que surgiu em Coromandel no final dos anos de 1960, se firma, agora, com a (re)transmissão de canais abertos, alterando o cotidiano e atraindo o público com a exibição de filmes e novelas nacionais. O rádio, mesmo com a chegada da TV, mantém seu espaço, particularmente no campo, onde as limitações financeiras e a incipiente eletrificação rural são um grave empecilho, servindo não só como veículo de informação, especialmente a partir de 1980 com a inauguração da primeira rádio da cidade, Rádio Diamante, como também oferecendo entretenimento, executando músicas de sucesso, que contagiavam o país inteiro.

A imprensa escrita também se desenvolveu, Coromandel chegou a ter muitos títulos locais: "Carabandela", jornal de oposição que circulou durante quatro anos e contribuiu para o fortalecimento do debate democrático; "Coromandel Notícias" (1977-1982); o "Jornal" (1986-1988); a "Folha de Coromandel" (1987); todos ligados ao poder público, mas que não deixavam de ser um veículo de informação e de expressões culturais.

O cenário foi também modificado, não só pelo início do processo migratório do campo para a cidade como também pela chegada de forasteiros, vindos do sul do país, especialmente Paraná e Rio Grande do Sul, atraídos pela perspectiva de comprar terras baratas e produtivas na região do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Talvez esse movimento já sinalizasse para a aplicação de projetos, que visavam transformar as terras do cerrado, tidas como impróprias para o cultivo, em terras produtivas e lucrativas.

Se a área urbana viveu transformações entre os anos de 1970 e 1980, o quê dizer então da zona rural? Zona rural que, a partir de 1975, passou a viver inserida em uma lógica capitalista, com intensas mudanças nas suas relações de produção.

Com a infra-estrutura necessária, Coromandel fez parte como área prioritária de aplicação, de planos e projetos desenvolvimentistas dos governos militares. Projetos políticos que pretendiam por meio da exploração racional e da transformação do cerrado em terras próprias ao cultivo, desenvolver o país economicamente. Visavam a modernização da agricultura no país com o emprego de novas técnicas de plantio, rompendo as fronteiras de produção e transformando o país em uma economia agro-exportadora.

Nesse sentido, foram aplicados importantes projetos no Estado de Minas Gerais, que contribuíram para a conquista do mercado internacional. Dentre eles, merece destaque especial o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados, Pólo Centro, que visava a exploração dos cerrados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso através do emprego de novas técnicas, produzindo milho e soja para exportação[83]. Tal projeto alterou substancialmente o panorama rural de Coromandel a partir 1975. Incluída pelo Decreto Lei n° 75.320 de 29 de janeiro de 1975[84] como área prioritária para a implementação do Pólo Centro em Minas Gerais, Coromandel recebeu recursos do Governo Federal que permitiram o beneficiamento do setor rural com obras públicas, que estruturaram e facilitaram o escoamento da produção agrícola. O município a partir de 1977 conheceu os sistemas de estradas, eletrificação e telefonia rural, espaços de silagens e armazenamento, além de novas escolas e postos de saúde, entre outras novidades.

Quanto as atividades do PóloCentro, Maria Clara Machado esclarece:

> *...O campo de ação do Pólo Centro é bastante extenso: abrange pesquisa, experimentação, promoção agropecuária, florestamento, reflorestamento, assistência tecnica, credito rural orientado, produção e comercialização de*

---

[83] PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das Zonas de Paracatu e Alto Paranaíba – M.G**. Rio Claro: Dep. Geografia/UNESP, 1998. (Tese de doutorado)
GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Agricultura e Política Agrícola na Década de 70**: a cafeicultura em Araguari – M.G. Campinas: Dep. História/UNICAMP, 1983. (Dissertação de mestrado).

[84] **Coromandel Notícias**. Coromandel, mar. 1978.

> *calcário, fertilizantes e outros insumos agrícolas, sistema de beneficiamento, armazenagem, transporte, eletrificação e telefonia rural, estradas.*[85]

Mas não podemos deixar de ressaltar que o Pólo Centro beneficiou e enriqueceu apenas um grupo de produtores rurais, a grande maioria dos produtores e trabalhadores rurais que ficaram a margem do programa passaram a lidar com questões agravadas pela concentração de terra. Pequenos e médios produtores foram praticamente expulsos de suas propriedades, ou seja, a nova lógica não permitia a sua permanência. Carentes de maquinário e de incentivo financeiro e técnico, esses produtores se viram em uma situação sem saída; pressionados por uma nova ordem, vendiam suas terras e rumavam para a cidade, transformando definitivamente o seu perfil. A cidade recebe essa massa de trabalhadores, que pela falta de qualificação profissional não encontram emprego ou exercem funções com baixa remuneração, formando parcelas de desempregados e aumentando a pobreza.

Questões dessa natureza não eram consideradas, nem mesmo citadas. As transformações do campo eram "vendidas" pela imprensa local como benefício para todo o município; as desvantagens do programa desapareciam diante das obras para melhoramento da zona rural. As matérias incentivavam as ações do projeto sem atentar para o custo social.

> *(...) A aplicação substancial de recursos do Polocentro tem provocado uma sensível transformação na zona rural de Coromandel, quer pela construção de estradas vicinais, quer pela eletrificação rural*[86].

Assim como o Pólo Centro outros projetos governamentais beneficiaram o município. A aplicação do Programa de Desenvolvimento do Cerrado – PRODECER I pôs em prática um projeto agrícola, viabilizado graças ao acordo firmado entre Brasil e Japão, desenvolvendo A CAMPO – Companhia de Promoção Agrícola. O projeto da CAMPO consistia na formação de uma fazenda experimental, que se tornasse pólo referencial de tecnologia na produção de sementes, e na criação de gado. Na mesma época a região foi alvo da aplicação do Pro-Várzeas, programa que tinha como meta final a transformação do

---

[85] MACHADO, Maria Clara Tomaz. Coromandel: das vastas solidões ao progresso e a urbanização. In:**Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). São Paulo: Departamento de História/USP, 1998. p.159. (Tese, Doutorado).

[86] POLOCENTRO TRANSFORMA ZONA RURAL DE COROMANDEL. **Coromandel Notícias.** Coromandel, abr. 1979.

cerrado em terras produtivas e o seu aproveitamento através da irrigação de várzeas. Esse projeto permitiu o aumento da produção agrícola e a conseqüente expansão das fronteiras agrícolas do país[87].

Mas a década foi marcada também por realizações importantes nas áreas de saúde, habitação e urbanização. Reflexos da nova lógica do campo. Conjuntos habitacionais (PRODECON I e II), construção de postos de saúde, asfaltamento da parte nova da cidade, instalação da Caixa Econômica Federal e do Banco de Minas Gerais, inauguração de escolas; abertura de dois clubes de serviço: a Loja Maçônica (1971) e o Lions Clube de Coromandel (1981), que ampliaram o quadro de ações assistenciais; entre outras realizações, marcaram o governo de Marcos Nacif (1977 – 1983).

Como reflexo da redemocratização pela qual o país vinha passando, temos a vitória de Dr.Nivaldo Umberto da Silva em 1982, representante do PMDB. Mesmo sendo filho das elites locais, a sua vitória nas eleições não deixa de significar uma ruptura na política local, o tradicional grupo político é forçado a lidar com uma nova realidade, ou seja, com uma oposição, e mais ainda com uma oposição que tinha um novo foco de administração pública: ações ligadas ao social e não mais obras que visavam angariar votos. Dr. Sebastião, candidato derrotado nas urnas alega:

> *(...) perdi uma eleição para o Dr.Nivaldo Umberto da Silva, eleição essa que fui lançado candidato, contrariado, como boi de piranha, pois a população queria mudar de sigla partidária e meus próprios companheiros achavam que não teríamos êxito em ir contra essa opinião. O nosso partido era a ARENA, mal visto pelo povo, pois era herança do regime militar*[88].

Dr.Nivaldo encontrou problemas inerentes ao progresso. A marca da sua gestão foi a participação democrática, esse governo encampou obras públicas que consolidaram a transformação do espaço urbano e garantiram a sobrevivência dos projetos agrícolas.

Foi durante o seu governo que Coromandel conheceu significativas realizações na área de saúde, com a inauguração de postos de saúde nos distritos; de saneamento urbano com a canalização do Córrego e a extensão das redes de esgoto; de ampliação da rede

---

[87] PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das Zonas de Paracatu e Alto Paranaíba – M.G.** Rio Claro: Dep. Geografia/UNESP, 1998. (Tese de doutorado).
[88] MACHADO, Sebastião. Op. cit.

educacional com novas escolas na zona rural e creches e de programas habitacionais que atendia a população mais carente. Além de promoções culturais e inaugurações de bens públicos. Inaugurou o Parque Municipal de Exposições Agropecuárias e o estádio de futebol.

Na realidade, o projeto de cidade iniciado pelo Dr.Humberto Machado em 1973 teve continuidade nas administrações subseqüentes de Marcos Nacif e Nivaldo da Silva, deixando claro as suas diferenças, alcançou o seu auge em meados da década de 1980.

Coromandel chega ao final dos anos 80 em franco desenvolvimento, contando com uma população predominantemente urbana, um sistema de estradas de acesso eficiente, um projeto educacional avançado com a inauguração de novas escolas estaduais, com a instalação de um hospital público e ocupando uma posição de destaque na região do Alto Paranaíba como pólo agro-exportador de grãos (especialmente café e soja). Mas também vivenciou o lado oposto do desenvolvimento; com o aumento da pobreza e da miséria, do desemprego e da violência urbana.

muito entusiasmo!!!

Neste 1º cap. parece q vc só trabalha c/ Hist de vida e se esquece dos teóricos...

P/ mim não seria o 2º Cap.
mas vc. q/ vc. tb. fala de festas
1º cap. X
lazer, modernidade, pois no
não há separação entre o
1º e o 2º cap.

Capítulo 2: Espaços de sociabilidades e lazer: modernidade e práticas culturais.

2.1- Cinema: um outro mundo se descortina.

> *(...) Íla-se ao cinema todos os dias, mesmo que o filme fosse o mesmo, né?...Íamos ao cinema para preenchermos o vazio...*(MARINHO, Mauro. Depoimento cit)

Os Annales, como um movimento historiográfico autofágico, ao criticar o modelo braudeliano de análise da história propôs, na década de 1970, sob o comando de LeGoff, uma revolução metodológica e temática no que diz respeito aos novos objetos, novos problemas e as novas abordagens.[89] É nessa rasteira que o filme, enquanto fonte privilegiada, e o cinema, como espaço de novas sociabilidades, aparecem como possibilidades investigativas do social, do cultural, enfim do viver, do fazer humano.[90]

Nessa tênue fronteira entre a ficção e realidade o imaginado e o vivido, a história tem tecido uma complexa relação que, num primeiro momento, toma o filme como apenas mais um dos múltiplos recursos documentais e, num segundo, alargando o espectro de análise, pensa o cinema por uma abordagem interdisciplinar. E nesse viés amplia-se o debate para a indústria cultural e as diversas mídias; o filme enquanto recurso estético (cenografia, roteiro, atuação, direção, entre outros), técnico (película, digital) e inclusive

---

[89] Sobre o tema Cf.: NORA, Pierre e LEGOFF, Jacques (Org.). **História:** novos objetos. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
LEGOFF, Jacques (Org.). **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
LEGOFF, Jacques e outros (Org.). **A nova história.** Lisboa: edições 70, 1983.
BURKE, Peter. **A escola dos Annales:** 1929-1989- a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.
_____ (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
DOSSE, François. **A história em Migalhas:** dos annales à nova história. Campinas/São Paulo: Ed.UNICAMP, 1992.

[90] FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LEGOFF e NORA (Org.). op.cit.
XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e as imagens do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos**. Bauru: Edusc, 2002.
_____. Cabra Marcado para Morrer de Eduardo Coutinho: CPC Revisitado e os Conflitos da Memória. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (Org.). **Histórias e Historiografia**: perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia: Edufu, 2006.

didático; o cinema como espaço de sociabilidades; e a critica cinematográfica e os depoimentos produzidos sobre o making off como interticios da recepção.[91]

É nossa intenção nesta pesquisa pensar as salas de cinema, especialmente aquelas de cidades do interior do país, não só como um marco da modernidade e, nesse sentido um fator que proporciona um elo entre o mundo global e a aldeia, mas, sobretudo, como um novo espaço de sociabilidade e lazer.[92] Este modifica profundamente não só as relações sociais como permite também que o imaginário da ficção refigure conceitos, entre eles os morais, estéticos e religiosos, rompendo com a tradição e valores a tanto tempo arraigados, especialmente em lugares onde o filme chegava primeiro que as estradas, os veículos e os produtos de consumo de massa. Assim, importa mais entender o cinema na história "do que a história do cinema".

Para Rodrigues, o cinema nas pequenas cidades do interior provocam transformações que incluem

> *não só a convivência com uma nova técnica, mas também promover uma prática cultural coletiva, em cujo espaço pessoas de todas as classes sociais estariam se misturando, o que proporcionava uma circularidade cultural*[93].

Em uma cidade pequena como Coromandel, que contava com uma população essencialmente rural, a estréia na década de 1930 de uma sala de cinema simbolizava um projeto ousado para a época. Haja vista uma cidade provinciana com carências em setores primordiais, como no fornecimento de energia elétrica possuísse no seu espaço urbano algo visto nos maiores centros do país. Tal fato é significativo se consideramos que a abrangência e a popularização do cinema, com maior distribuição de cópias e inauguração de novas salas, no Brasil, só veio acontecer no início dos anos 1940. Provavelmente devido

---

[91] BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro**: propostas para uma história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
RAMOS, Alcides Freire. O filme como documento à Escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela. **Política, Cultura e Movimentos Sociais**: contemporaneidades historiográficas. Uberlândia: Edufu, 2001.
_____ e PATRIOTA, Rosângela. Cinema-Teatro-Ensino de História: proposições temáticas e apontamentos metodológicos. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e CARDOSO, Heloísa H. P. **História**: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: Edufu, 2005.

[92] Sobre o assunto Cf.: RODRIGUES, Eliane A. Silva. Salas de Cinema: espaços de memória e práticas culturais. In: PATRIOTA, Rosângela e RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **História e Cultura**: espaços plurais. Uberlândia: Asppectus, 2002.
PINTO, Luziano Macedo. **Situações de cinema:** tramas e imagens de sociabilidade Uberlândia 30 a 50. Uberlândia, UFU, 2001. (mestrado/história).

[93] RODRIGUES, Eliane A. Silva. op.cit., p. 317/318.

ao maior incentivo federal e a criação de produtoras cinematográficas, como a Atlântida do Rio de Janeiro, fundada em 1941 com o objetivo claro de produzir cinema brasileiro de qualidade e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, fundada em 1949, com seus enormes estúdios, aludindo aos de Hollywood[94].

Mas, surpreendentemente em Coromandel o fascínio exercido pelo cinema já acontecia desde o início da década de 1930. Inaugurado em 1932 pelo Sr. Benedito Onisto, o primeiro cinema da cidade, atraía a atenção de adultos e crianças pela novidade que representava. Ocupou um prédio, construído para ser teatro, localizado à praça Dom Eduardo. A estrutura desse primeiro cinema contava com aproximadamente 200 lugares, além de um palco e de uma pequena sala para projeção dos filmes, que nesse tempo eram mudos. Havia também uma campainha do lado de fora do prédio, usada para avisar do início do filme.

As imagens do cinema encantavam a platéia tornando-a assídua as muitas sessões. Os espectadores seguiam por diversas semanas a projeção de seriados, passados aos capítulos nos dias de domingo. Dentre os seriados que causaram maior repercussão, segundo o Sr. Mário Rosa, estavam: "A Ameaça Vermelha"; "O Fantasma do Oeste"; "Bucha para Canhão" e "Aloha ou a Virgem Prometida".[95]

As fitas alugadas de uma distribuidora de filmes em Belo Horizonte eram trazidas de ônibus até Monte Carmelo e de Monte Carmelo até Coromandel vinham a cavalo. Era dispensado muito esforço para que as sessões de sábado e domingo, que geralmente aconteciam por volta das 20:00 horas, estivessem garantidas. Além dos finais de semana, havia exibição às quintas-feiras e aos domingos à tarde com as famosas matinês.

Tudo era muito simples e sem muita sofisticação, os filmes eram assistidos aos poucos, ou melhor, havia intervalos para a troca de fitas; pois que o cinema possuía apenas uma máquina de projeção a eletricidade, mas tocada a manivela. Nesses intervalos e também durante a exibição dos filmes, havia música ao vivo, a orquestra do maestro Abel Ferreira composta por: Sebastião de Moura, Brasilino Salgado, Presídio Pontes Filho,

---

[94] GALVAO, Maria Rita e SOUZA, Carlos Roberto. Cinema Brasileiro 1930-1964. In: PIERUCCI, Antônio Flavio. (org.). **O Brasil Republicano, tomo III: educação e cultura (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

[95] ROSA, Vanessa. História de nossos cinemas. **Carabandela.** Coromandel, n°13, jul. 1982.

Vicente de Moura e Sebastião de Souza Santos tocava enquanto o público conversava e até mesmo dançava ao som de valsas e chorinhos.[96]

O espaço do cinema também foi usado para a promoção de bailes e de encenações teatrais. Encenações essas, montadas pelo grupo de teatro do Sr.Jonas Machado.

> *A cidade possuía um grupo liderado pelo Sr.Jonas Machado. Antes e mesmo após o cinema fechar, várias peças foram apresentadas. Como: "O Erro Judiciário", "Dois Caipiras na Corte". Além do Sr.Jonas, atuavam também Maurício Aguiar, Benedito Onisto, Aurélio Rosa, Juvêncio Machado, Zizi e Tonica Rosa*[97].

O primeiro Cine-Teatro de Coromandel existiu nesses moldes durante três anos. Após o fechamento foi posto no local a primeira máquina de arroz da cidade. Mas foi o suficiente para conquistar o público e engendrar novas práticas culturais.

Talvez por isso em 1935 o mesmo Sr.Benedito Onisto reinaugura, agora em outro prédio, o Cine Alba, com um espaço maior e com aparelho sonoro, mas que ainda não permitia a exibição sem intervalos para a troca das fitas. Além dos filmes o novo espaço era usado também como pista de dança, moças e rapazes dançavam entre o palco e as cadeiras.

Pouco tempo depois o cinema é vendido para o Sr.Teófilo Rodrigues, que lhe dá o nome de Cine Mauá. Em meados da década de 1940, o cinema ganha novo dono e nome – Cine Brasil. O jovem Oswaldo Costa, com espírito empreendedor vende o antigo aparelho para a cidade de Ibiá e adquiri nova aparelhagem de 16mm, mas que mesmo assim não permitia a projeção contínua.

Os intervalos regados a música, agora de eletrola, continuaram a existir. E são as memórias de Dona Iracy que permitem visualizar esses momentos:

> *(...) ele (o marido Oswaldo Costa) comprô o cinema mais num pagô, né? Era pra pagá com a renda do cinema. Alugava um filme, ele depositava o dinheiro pra pagá o aluguel do filme. Vinha de Belo Horizonte, vinha na jardineira do Pedro.*
> *(...) Tinha uma vizinha nossa que ficava assim: "_O filme hoje é de amor, Seu Oswaldo? Se, for eu vou".* (Risos) *Ele falava que todo filme era de amor, né?*[98]

Sobre a estrutura do cinema as memórias prosseguem:

---

[96] ROSA, Vanessa. História dos nossos cinemas. **Carabandela**. Coromandel, n°13, jul. 1982.
[97] ROSA, Vanessa. op.cit.,
[98] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.

> *(...) Ah! Era...num sei quantas pessoas que tinha, quantas cadeiras que tinha? Acho que era 600 cadera que tinha. Mas num tinha declive não. Ele era reto. Tinha o palco, tinha uma cortina bonita lá no palco. Puxava a cortina pra aparecê a tela. Mais era um aparelho só. Aí tinha intervalo, pra trocá a fita...então na hora que passava duas partes ou uma parte, desligava o aparelho pra trocá a fita e tinha intervalo...acendia a luz e o povo ficava conversanô na hora do intervalo. Depois entrava e começava de novo, apagava a luz e continuava o filme. Era tudo muito atrasado.*[99]

Além do novo aparelho foi montado um barzinho na frente do cinema, no qual vendia-se bebidas e uma variedade de biscoitos reminiscências da zona rural:

> *(...) fazia tudo. Mingau de milho verde, fazia rosca, fazia pão de queijo, fazia bolo, fazia pudim, fazia requeijão, fazia rocambole. Fazia tudo! E lá tinha cerveja, tinha...só num tinha pinga lá nesse barzim. Mais tinha cerveja, tinha guaraná, coca-cola num existia. Era cerveja e guaraná.*
> *(...) a bebida do bar era quente. Num existia geladera, lá ninguém tinha...lá num tinha luz direito. Lá no cinema tinha luz porque tinha um motor a óleo diesel.*[100]

As quintas, sextas, sábados e domingos eram marcados pelas sessões de cinema. Às quintas era reservado à exibição de seriado, que fazia muito sucesso com o público, aguçando a curiosidade sobre a próxima parte e povoando a imaginação dos espectadores. Os demais dias eram dedicados a projeção de filmes nacionais e estrangeiros. As matinês aconteciam aos domingos à tarde. Quanto a freqüência do público, D.Iracy esclarece:

> *(...) o povo ia, mais num era muito assim não. Da roça vinha na matinê. A matinê de domingo vinha os rocero, vinha. A meninada aí achava bão, né? Tinha também quando passava seriado, por exemplo, na quinta-feira era seriado, então passava cada, cada quinta passava uma parte do seriado. Então o povo ficava doido pra vê a outra quinta, pra tê mais seriado.*[101]

Mantendo a tradição o Cine Brasil servia também para a realização de shows e apresentações de circo. Shows de música com artistas locais e de outras cidades agradavam muito. O cantor e compositor Goiá[102] fez uma das suas primeiras aparições no palco do cinema, acompanhando uma dupla sertaneja. Já a sensação que a chegada do circo

---

[99] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.
[100] Ibid.,
[101] Ibid.,
[102] Coromandelense apaixonado por sua terra natal, Gerson Coutinho da Silva, o Goiá, autor de mais de seiscentas músicas, cantou sua gente e as belezas naturais de Coromandel. Sua música mais conhecida nacionalmente é "Saudade de minha terra". Morreu em Uberaba, no dia 20 de janeiro de 1981.

provocava era única. Jovens, adultos e crianças se encantavam com o inesperado que os números do circo traziam:

> *(...) e alugô o cinema pra fazê os espetáculos. Então fazia as coisas de palco, fazia comédia, os cantores. Ês fazia propaganda na rua: -"Palhaço o quê é? É ladrão de mulhé". Esse tipo de coisa assim. Eles saíam fazenô propaganda, tinha um caminhãozinho véio, né? E eles saiam fazenô propaganda do circo. Num tinha bicho, num tinha nada. O circo apresentava naquele palco* (do cinema). *Eles apresentavam era malabarismo, era...num tinha trapézio, era drama, comédia, os palhaços, o povo fazenô malabarismo. Era esse tipo de coisa que eles apresentavam lá. E eles ficarô lá em casa* (refere-se ao cinema) *mais dum mês e tudo que eu fazia no bar eles compravam porque eles moravam ali pertim e tudo que eu fazia no bar eles compravam. E quando foi no fim do mês que eles forô embora, já tinha juntado o dinheiro pra cabá de pagá o cinema. Juntô o dinheiro pra cabá de pagá o cinema. O tanto que foi bão esse aluguel desse cinema!*[103]

O cinema e todos os eventos promovidos em seu espaço quebravam o ritmo do cotidiano, conquistavam platéias que se encantavam com o charme e a beleza de astros e estrelas hollywoodianos e inseriam novas práticas culturais. Novas práticas que extrapolavam o espaço do cinema, sendo perceptíveis na dinâmica social da cidade. Foi ele o responsável não só por introduzir novas formas de comportamento na vida dos coromandelenses, mas também por estabelecer elos entre a realidade local e a vida urbana, moderna e desenvolvida dos cenários fílmicos.

A sua existência não representava um mero lazer, refletia diretamente nos hábitos e costumes daquela população. O cinema apresentava por meio de seus filmes novas experiências e possibilidades, influenciando o comportamento das pessoas do lugar.Como expressão dessa condição temos o fechamento do Cine Brasil no final da década de 1940. Episódio que, extrapola o âmbito de uma simples "pendenga", trazendo à tona rixas políticas e porque não dizer pessoais. Nesse conflito rememorado por D.Iracy, a trajetória do cinema e da política em Coromandel se cruzam:

> *(...) 1946 fechô. Fechô o cinema porque seu avô* (Oswaldo Costa) *foi lá no Crédito Real depositá o dinheiro do aluguel do filme, e tinha um sargento lá. E nesse tempo tava no tempo da ditadura. Foi no tempo bravo mesmo da ditadura do Getúlio. Aí foi depositá o dinheiro pra pagá o aluguel do filme, depositava senão a gente acabava com o dinheiro tudo e no dia de pagá o filme, num tinha. E ele foi depositá o dinheiro no banco e teve uma pessoa, acho que foi o gerente do banco que brincô*

[103] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.

> *com ele, falô assim, porque o gerente era muito amigo nosso. Ele falô assim, brincô com ele assim: "-Aquele filme seu ontem tava meio comunista, né, Oswaldo?" E ele* (Oswaldo) *foi e falô assim:-"Hoje em dia quêm que num é meio comunista? Até eu sou meio comunista". Nu que ele falô assim o sargento tá no braço dele* (Oswaldo). *Prendeu! Aí juntô o povo da cidade intera pra soltá, pra num dexá seu avô i pra cadeia e virô um treim. Eu tava lá na roça, doente, tava com hemorragia, fui pra lá. Quando seu avô chegô lá a cavalo. Ês foi lá buscá meu pai pra matá o sargento. Era, era pra matá. Nossa Senhora da Abadia, né? E aí entrô todo mundo no meio e virô aquela confusão. Aí virô aquela política lá. O prefeito era da UDN e nós éramos do PSD e era uma guerra danada e virô uma confusão. Era todo mundo armado, aquele treim mais horroroso do mundo, né? E do nosso lado tinha o Dr.Ermírio, tinha o Dr.Sebastião, tinha o Alírio Herval. Todo mundo rico tava do nosso lado. Do outro lado de lá num era assim igual era do lado de cá, do PSD, tinha o Joaquim Botelho tinha muita gente.*
> *(...) e o tempo fechô e virô aquela confusão. Resultado: aposen...o sargento ia saí de lá de qualquer jeito. Aí o sargento num saiu, mais aposentô. O sargento aposentô e ficô lá mesmo e depois nós voltamos, mais num pode funcioná o cinema.*[104]

O relato nos permite (ainda) vislumbrar os embates entre UDN e PSD vividos durante a eleição, na qual Vicente Goulart da UDN saiu vitorioso:

> *(...) o povo da UDN ganhô lá por causa da Abadia dos Dourados. Era município de Coromandel e o povo da Abadia votô tudo neles. Num era pra ganhá. Na campanha cê precisava de vê, por exemplo, se tivesse esse negócio que tem hoje: pesquisa. Nossa Senhora! Quando tinha comício do PSD, ia era 30, 40 carro. Os carro que tinha na cidade ia tudo, ia os ônibus da cidade tudo, porque o candidato era do PSD e os ônibus fazia corrida pra todo lado, mais no domingo num tinha corrida não. Então no domingo os ônibus ia tudo pros comício.*[105]

Em razão da rivalidade política entre PSD e UDN o cinema teve seu funcionamento interrompido. Após a exibição do último capítulo do seriado "O Último dos Moicanos" que estava em curso, o Cine Brasil foi obrigado a fechar definitivamente suas portas. Somente o bar poderia continuar funcionando.O prédio do cinema permaneceu fechado até ser vendido para o Sr.Brás Rocha; que, por sua vez, o vendeu ao Sr.Teófilo Rodrigues.O cinema volta a funcionar na década de 1950, mas já não fazia mais o mesmo sucesso entre os coromandelenses.

Nessa época dois irmãos, Caetano e Geraldo Alberto de Figueiredo, oriundos da zona rural e interessados em se estabelecer na cidade, tiveram a idéia de inaugurar um novo

---

[104] COSTA, Iracy Ramos. Depoimento cit.
[105] Ibid.,

cinema. Contrataram um construtor de Patrocínio e deram início a obra. A área escolhida ainda não havia sido loteada pela prefeitura, era um espaço vazio sem nenhum sinal de urbanização, foi durante as obras que o então prefeito Sr.Antônio Matias Pereira (1955-1958) fez o loteamento da área. A partir da instalação do cinema outras construções especialmente de residências começaram a ser erguidas próximas ao local.

Diante do aumento dos gastos da obra um dos irmãos, Caetano Figueiredo, desistiu do negócio e vendeu sua parte para os também irmãos Alírio Herval e Joaquim da Silva Pena. Durante um ano o cinema esteve em obras, ao seu final já havia sido gastos mais de quatro mil cruzeiros. Em São Paulo foram comprados, além dos projetores em 35 milímetros da marca Philips, o motor para o fornecimento de energia elétrica, haja vista que a capacidade da usina era modesta[106].

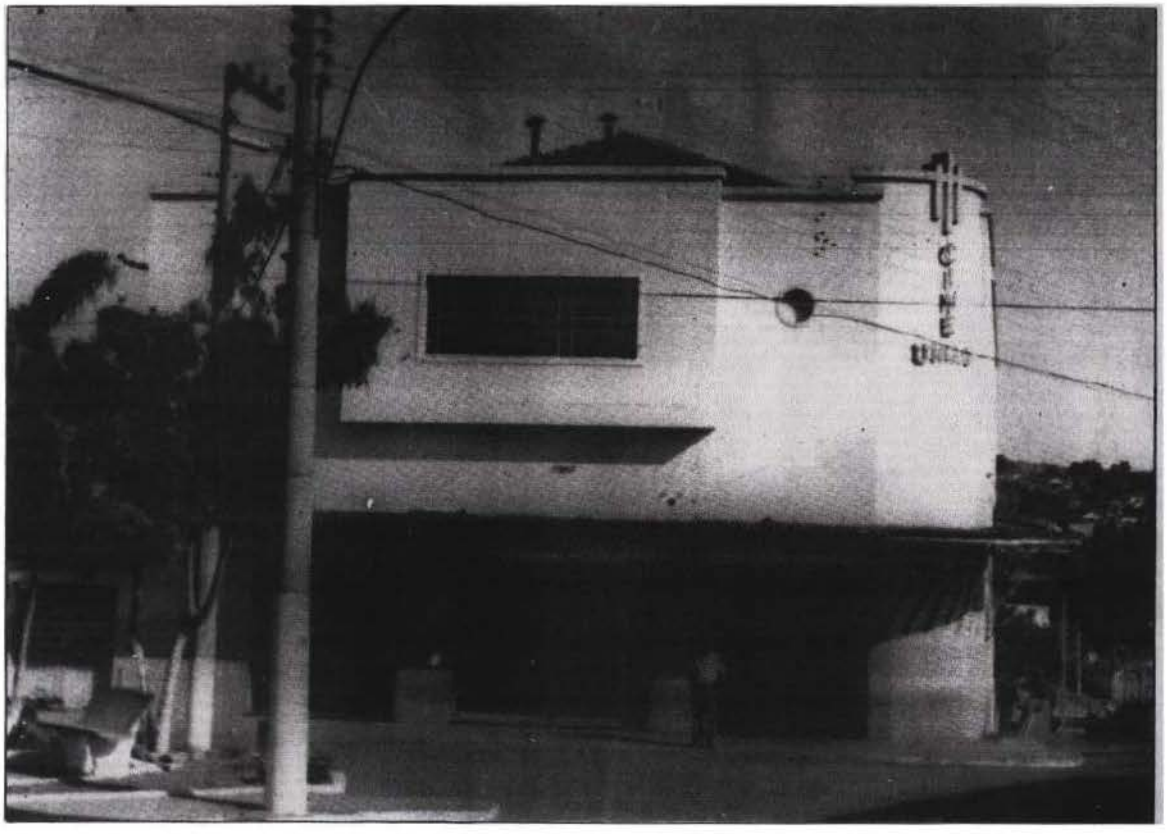


Imagen 8 - Cine União de Coromandel. Fonte: **Panorama**. 1991.

[106] CAETANO, Maria do Rosário. Cine União: 24 anos a serviço da cidade. **Carabandela**, n°3, abr. 1981.

Em 1958, o Cine União inaugura sua sala de projeção com o filme: "A Morte Ronda o Espetáculo", causando comoção entre os habitantes do lugar.

> *(...) Nossa!Foi um sucesso, todo mundo alvoroçado, a casa lotada, aquele comentário... Depois o comentário do filme. Foi muito bonito. Foi muito bom.*
> *(...) Eu me lembro até o filme que inaugurou, chamava: "A Morte Ronda o Espetáculo"...era o nome do filme que teve na inauguração.*[107]

A abertura do novo cinema, como era chamado pelos moradores da época, considerando que o antigo cinema (cinema velho) continuava a funcionar nas antigas instalações do Cine Alba pode ser vista como reflexo material de uma época. Época em que a cidade se abria para novas perspectivas de desenvolvimento urbano. O Cine União com sua construção arrojada para a época, 652 lugares divididos entre o térreo e o balcão, apelidado de "puleiro" por seus freqüentadores significou, além de mais uma opção de lazer um sinal concreto do início da transformação da cidade. As novas instalações e os investimentos e equipamentos atualizados se vinculavam à idéia de modernidade e, sobretudo de urbanidade que pode ser visualizada na cidade. O próprio investimento uma construção planejada e o capital empregado em maquinário evidencia que estavam contados os dias de calma.

Juntamente com o Ginásio Coromandel, o Cine União se tornou um dos símbolos da redefinição do espaço e da modificação da vida cultural e social da cidade. A existência do Ginásio e do cinema reflete as transformações culturais que se encenam no lugar.

Mesmo não sendo uma novidade, pois que desde 1932 Coromandel contava com uma sala de exibição, a presença do cinema era sinônimo de um possível desenvolvimento urbano na corrutela acanhada e de características rurais marcantes. Além de significar um marco na urbanização e na modernização da cidade, o Cine União foi capaz de inaugurar novas formas de sociabilidade, provocar novos comportamentos e recriar antigas práticas culturais. Isso porque em torno do cinema um novo mundo se cria, práticas de lazer são (re)elaboradas a partir da sua existência. Seu espaço não se limitava apenas à exibição dos filmes, era visto também como um ponto referencial de encontro. Marinho lembra que o

---

[107] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.

cinema permitia: *Promover encontros, se mostrá, mostrá um vestido novo, o rapaz a camisa nova, né? E ser o ponto de partida para encontro depois, né?*[108]

Com a sua inauguração o Cine União tornou-se um local de destaque no dia-a-dia da cidade. A sua presença não só modifica antigos hábitos como também afeta as relações humanas.Até aquele ano, Coromandel oferecia poucos locais públicos destinados a sociabilidades. Com a aparição do cinema, um novo roteiro se cria e a população, especialmente a jovem, que estudava no Ginásio Coromandel, ganha um novo espaço de convívio, no qual podia experimentar uma maior liberdade em suas ações. O Cine União surge redefinindo as práticas de lazer existentes até então e dividindo espaço com os demais locais de encontro na cidade. A reunião social se transfere para seu quarteirão, é claro, sem deixar de lado os antigos locais, que se tornam espaços secundários a partir daquele momento. D. Maria dos Dores rememora as alterações sentidas:

> *(...) então 58, por exemplo, aqui ainda tinha nessa rua, Olegário Maciel, que era a principal rua da cidade, tinha é...footing... Era um passeio, um vai e vem... as moças passeavam prum lado, os rapazes pro outro... Ali você batia papo, geralmente de sete até oito horas da noite... Ficava andando pra lá e pra cá, havia encontros, sabe?... Antes da aparição do cinema. Depois quando inaugurou o cinema começou a ser no cinema, né? Era o ponto, a gente marcava o encontro ali, porque era o lugar mais importante da Cidade.*[109]

Anteriormente os momentos de diversão - que eram vividos no interior das residências com a organização de brincadeiras dançantes, sob os olhares atentos dos pais; no salão do Jucas'Bar; na praça da matriz e nas calçadas das casas - ganham um novo espaço. O cinema faz sua entrada e passa a ser um dos pontos referenciais no universo social da cidade, percebemos isso nos depoimentos tomados:

> *(...) Ele era um dos pontos altos de reunião da sociedade... Então todo mundo que ia no cinema, ia muito bem vestido, muito bem arrumado, sabe?*[110]

Os finais de semana dos jovens, principalmente os domingos, passaram a seguir uma programação previsível: assistir a missa consistia no primeiro momento, logo após desciam para a porta do cinema e realizavam o footing, o movimento de vai e vem de

---

[108] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.
[109] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.
[110] Ibid.,

moças e rapazes, com o intuito de se olharem e se insinuarem, despertarem interesse. Após os olhares trocados, os casais (quando a paquera dava certo) entravam para o cinema e assistiam a exibição do filme juntinhos. O desfecho da noite acontecia no salão do Jucas'Bar, isso quando os pais permitiam, dançando ao som da época.

Mais do que a transformação física, o cinema alterou as relações estabelecidas até então. A transferência do footing para a fachada do cinema, realizado anteriormente na praça da matriz é sinal dessa mudança. O cinema e principalmente o seu entorno se tornam palco de mudanças nos costumes. As memórias sobre os namoros nos confirmam isso:

> *(...) na porta do cinema. Só ali naquela portinha...Então ali a gente se encontrava com alguém, Depois se desse namoro a gente entrava pro cinema junto, se não desse também ficava por ali, depois ia pra casa... Muitos namoros e casamentos surgiram ali.*
> *(...) O meu namoro começou na porta do cinema, meu namoro com o meu marido... Ia antes pro cinema... Fazia o vai e vem. Vai pra lá, vai pra cá. Sempre com uma amiga, né?*[111]

Por ser um ambiente particular/privado e ao mesmo tempo público, a sala de cinema passa a ser o local preferido para o namoro de moças e rapazes. No interior desse ambiente havia a liberdade de praticar ações não comuns em público, tendo em vista que durante a sessão, localizar e identificar alguém eram tarefas difíceis. Fora isso as tramas que se desenrolavam na tela exerciam influência e até encorajavam para a tomada de atitudes românticas.

O cinema se torna junto com o rádio, uma das referências da época. Os comportamentos são afetados, percebemos isso não só em relação às relações amorosas, mas também se fazia sentir na fala (uso de gírias), no vestuário (roupas e cabelos são copiados das estrelas), na escolha das músicas e nas posturas políticas. As imagens do cinema encantavam e levavam seus espectadores para realidades, fictícias ou não, onde tudo era possível acontecer. Choravam nos dramas, riam nas comédias, se apaixonavam pela beleza de mocinhas e galãs e eram influenciados a praticar no seu dia a dia um pouco do que era visto na tela do cinema.

Nesse sentido, devemos destacar o perfil do público freqüentador, pois não só a população urbana, mas também os moradores da zona rural freqüentavam a sala

---

[111] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento cit.

cinematográfica. O sucesso e a comoção que o filme causava era a mesma, o que os diferenciava era os interesses que os levavam ali. Para os moradores da cidade a ida ao cinema visava não só assistir a um filme, mas ver e principalmente serem vistos, a sessão às vezes era o pretexto necessário para que os encontros acontecessem:

> *(...) Tinha dia que eu ia pra lá, ficava andando pra lá pra cá até 9,10 horas sem entrá pro cinema...Você ia encontrá pessoas, você ia ver pessoas, você ia arranjá um namorado...*[112]

Para a população do campo a intenção era outra. Iam a cidade quase sempre a cavalo às vezes não com o único objetivo de ir ao cinema, mas com encomendas dos vizinhos e compras de artigos para a casa e para a lida na roça, outras vezes, como nas matinês de domingo iam à cidade apenas para assistir ao filme. Mas diferentemente dos cidadãos citadinos a população rural não visava participar das práticas de sociabilidades, que envolviam o cinema (podiam acontecer). O seu interesse era pelas imagens, muitas das quais semelhantes à sua própria realidade, como nos filmes de temática rural.As seqüências mostradas no cinema não só cativavam essa platéia - a exibição de seriados fazia sucesso, eram acompanhados com grande entusiasmo por esse público- como também introduziam um lenitivo em suas vidas marcadas pelas árduas tarefas do mundo rural: o lúdico, o inesperado.

As diferenças dos freqüentadores não se resumiam apenas ao público urbano/rural; a sala de cinema sinalizava para a divisão que existia entre a própria população urbana. Ou seja, o período de ouro do Cine União também foi o período no qual a cidade desfrutava de uma vida social intensa com promoção de bailes e eventos culturais. Todos quase sempre no salão nobre do ginásio e restritos as famílias tradicionais do lugar (as elites locais).

Na sala de exibição essa separação ganha contornos diferentes; o cinema podia ser freqüentado por todos, independente de classe social, era necessário somente a compra do ingresso. É claro que essa possibilidade não tira o significado que o cinema tinha na época, ele continuava a ser um local importante na cidade, no qual era necessária uma toalete caprichada, tanto dos homens que freqüentavam de camisa e paletó, quanto das mulheres de vestido e luva; nem encerra a divisão social presente na cidade. Mas de toda forma essa

---

[112] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento cit.

facilidade de acesso provocando o encontro de classes, caracterizava o crescimento da cidade, que passava a dispor de locais públicos onde a confluência social seria maior.

Apesar da entrada ser aberta a todos que tinham ingresso, a divisão existia no interior da sala. Fato mencionado durante os depoimentos e sobre isso Prof. Mauro nos diz: *"Se encontravam (refere-se ao público), mas ficava meio a parte"*[113]. Pela expressão "meio a parte" podemos concluir que o Cine União significava a modernização do lazer pois não só aliava técnica ao divertimento como também o popularizava na cidade - entremeado por antigas práticas culturais tradicionais que óbvio ainda persistiam.



Imagem 9 - Ingresso do Cine União

O Cine União em Coromandel além de entretenimento era tido como espaço de convívio social, onde novas práticas de sociabilidade eram promovidas. De acordo com a documentação e os depoimentos, seu ambiente foi durante muitos anos utilizado como local ideal para a promoção de eventos sociais, culturais e cerimônias civis. As reminiscências de D.Terezinha confirmam isso:

> *(...) Era o local de fazê formatura. Porque não tinha outro lugar e não só de formatura como também de desfile. Eu lembro de desfile. Se não me engano, se não me engano, teve uma vez que teve um desfile da Rainha do Maracanã* (time de futebol Maracanã Esporte Clube), *foram três candidatas, me lembro de duas:*

[113] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

> *Maria do Carmo e Perinha* (Dona Maria das Dores Matias Honorato). *Perinha ganhô rainha do Maracanã. Esse desfile se eu não estou enganada, se a minha memória não está falhando, foi no Cine União, entendeu? Fazia-se desfile também. Embora as formaturas todas, do Ginásio, do colégio, né? Eram feitas no cinema, o Cine União além de nos trazer filmes muito bons da época, era também, o local de eventos desse porte, sabe? De eventos de formaturas, de eventos culturais, sabe? Palestras, eventos do São Vicente, congresso do São Vicente de Paula. Era o local também para isso. O local único para isso. Palco de muitos eventos sociais, culturais, muitos! Não só para você assistir filmes como também para eventos sociais e culturais.*[114]

O depoimento permite reiterar a idéia de que o cinema além de único ambiente com capacidade para receber um público numeroso era referência nas novas práticas de sociabilidades advindas de sua inauguração, mas também e principalmente pela construção do Ginásio Coromandel e de sua estreita relação com o cinema.

Vários eventos promovidos durante as décadas de 1960 e 1970 no Cine União tinham relação direta ou indireta com o colégio. As peças teatrais encenadas pelos alunos ginasianos foram, em sua grande maioria, montadas naquele local. Apesar de não ser uma novidade, pois o cinema desde o seu começo, nos anos 30, servia também de palco para a realização de peças teatrais. As apresentações teatrais causavam comoção, pois a infra-estrutura e a produção caprichada (que muitas vezes mobilizava famílias inteiras de estudantes) quebravam a rotina e alinhava Coromandel aos grandes centros do país, haja vista a relevância dos textos encenados. As formaturas eram outro motivo de euforia para os coromandelenses. As entregas de diplomas com a presença de personalidades políticas e religiosas da cidade reuniam a alta sociedade para prestigiar as conquistas de filhos, filhas, amigos e afilhados. As *Semana do Estudante* também elegiam o espaço do cinema. Durante estes eventos, palestras, concursos de oratória, apresentações artísticas eram promovidas por alunos e professores.

Além de espaço privilegiado pelo Ginásio para a realização de eventos, o cinema mantinha outra relação com a escola, desfiles de moda (esses não ligados diretamente a escola, apesar de promovidos pelo professor Mauro), peças teatrais, shows eram organizados com o intuito de formação dos alunos, como também uma forma de arrecadar fundos para a construção do salão nobre do Ginásio. Professor Mauro nos confirma isso:

---

[114] MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. Depoimento cit.

(...) Cine União. Era o ponto único, onde se apresentava o coral, onde se apresentava a ... peça de teatro, onde se fazia o show. E isso havia uma renda que nós sempre aplicávamos no Ginásio Coromandel que não estava concluído. Tínhamos que terminá o salão de festa, que depois ia servir para os nossos bailes. Então se cobrava ali e era o único ponto existente na cidade para a realização de eventos, e tanto é que às vezes a gente fazia duas sessões, um show às sete e às nove para atender o povo, né? Porque o aluno não só ia como levava os irmãos, a família pra participá do evento.[115]





Imagem 10 e 11 - Foto do palco do Cine União alunos do colégio encenam *Liberdade, Liberdade*, set. 1966. Esta foto compõe o acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

[115] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

A parceria com o Ginásio não deixou de existir mesmo após a finalização do salão. Durante os anos 1960 a sala de cinema continuou a ser utilizada pelo Ginásio, vale lembrar que Coromandel inaugurou seu primeiro clube social em 1969. O cinema continuava a sediar peças teatrais, formaturas, desfiles de moda, e o salão nobre do Ginásio promovia bailes e festas previstas em um calendário fixo. Muitas vezes as comemorações envolviam os dois locais, por exemplo, as formaturas: com missa em ação de Graças na Igreja Matriz, entrega de certificado no palco do Cine União e baile de Galã no salão do Ginásio.

As cerimônias cívicas também eram realizadas no Cine União, recepção de autoridades políticas e religiosas; comemorações do aniversário da cidade; conferências; entrega de diploma da Escola de Comércio, do Colégio Normal e do Colégio Técnico, além das sessões solenes de transmissão de mandato.



Imagem 12 - Sessão de transmissão de cargo de prefeito e vereadores no palco do Cine União na década de 1960. Esta foto compõe o acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.



Imagem 13 - Sessão de transmissão de cargo de prefeito e vereadores no palco do Cine União na década de 1960. Esta foto compõe o acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

Percebemos que mesmo com o posterior crescimento urbano e com a aparição de outros locais de convívio com capacidade de público, o Cine União se manteve, recriado, mas dividindo a cena com os novos ambientes (novos bares e lanchonetes, Ginásio Poliesportivo, Parque de exposições, clubes sociais). O que havia se transformado era seu significado, ou seja, a partir dos anos de 1970 o cinema não tinha mais o mesmo destaque na sociedade, a atmosfera de glamour de anos atrás desaparece, os valores haviam mudado, o mundo era outro. O perfil e a intenção do público na ida ao cinema eram outros, não havia mais a necessidade de freqüentá-lo para o encontro social.

CINE UNIÃO no propósito de sempre oferecer o melhor aos seus frequentadores anuncia para dezembro:
"O Rei Pelé"
"Barrabás"
"Os quatro da Ave Maria"
"Gringo, Reze Para Morrer"

Imagem 14 - Anuncio do Cine União publicado no jornal **Coronel e Revista**, jan, 1972.

Os anúncios presentes nos jornais entre as décadas de 1970 e 1980 permitem perceber que a sala de cinema continuava a ser uma das opções dos coromandelenses nos momentos de lazer, o significado de tal prática é que havia mudado. O Cine União a partir daí assume outra representação: opção de mero entretenimento na nova dinâmica social.

> *Advertência em forma de aviso*
> *A empresa do Cine União tem recebido reclamações, quase que diárias, com respeito ao mau comportamento de pessoas na SALA DE PROJEÇÕES, pessoas mal educadas que não sabem ou não querem comportar-se convenientemente. São "piadinhas de péssimo gosto", "palpites errados", "conversas em tom alto", na SALA DE ESPERA durante as projeções, tudo tudo pertubando àqueles que desejam ver o filme, desejam porque querem distrair-se e pelo direito de haverem pago o seu ingresso.A presença de policiais se fará sentir permanentemente no cinema, prontos a manter a ordem. Tomamos tal medida constrangidos, constrangidos porque não a desejamos nunca, mas forçados a fazê-lo para o resguardo da paz e da tranqüilidade dos Senhores Assistentes.*
> *Aquele que for apanhado dentro do cinema em atitude inconveniente, inclusive uns "casaizinhos" que não sabem respeitar o ambiente onde se encontram, será colocado para fora e, a critério da Empresa, poderá ser convidado a não vir a este cinema por um período de até um ANO.Estamos numa cidade civilizada, cujo povo é bom e educado, razão pela qual a moral é coisa sagrada e deve ser preservada custe o que custar. Se você, prezado assistente, souber de qualquer atitude desabonadora de quem quer que seja, dentro do cinema, é favor trazer o fato ao conhecimento da GERENCIA; esteja certo de que seu nome será mantido em absoluto segredo. Assim procedendo, você estará prestando um excelente serviço a você mesmo e à coletividade.*
> *Coromandel, novembro de 1972*
> *A GERENCIA*[116].

A advertência lançada no jornal reflete as transformações pelas quais a cidade passava, o desenvolvimento urbano acarretava mudanças não só físicas e econômicas, mas também invertia valores e comportamentos; os modos de vida se afastavam cada vez mais da estética rural e interiorana. Coromandel não era mais a mesma cidade do interior, na qual todos se conheciam, a expansão territorial e o tão sonhado progresso alteraram o perfil da cidade, inaugurando novos problemas e diferentes posturas.

Quanto a essas mudanças comportamentais, professor Mauro relata:

> *(...) Com a chegada da televisão, década de 80, ou antes? Sei que na Copa do Mundo de 58 não havia televisão não. 70 já havia. É 70, década de 70 é... chegou devagarinho, que nem todo mundo podia, podia comprá,né? Muito caro o aparelho*

[116] AVERTENCIA EM FORMA DE AVISO. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°114, nov 1972.

> *né? Ainda tinha o problema da antena, tudo, né? E foi perdendo. Porque a televisão trazia seriados, trazia filmes bons, né? E depois voltando um pouco o ... não havia mais a necessidade de se fazer vai e vem pra arranjá namorado ou namorada, porque os costumes já estavam sendo outros. Porque os jovens já se encontravam bebendo cervejinha nos bares, sentados nas praças, não havia aquela necessidade de usá o cinema como ponto de partida para o namoro.*[117]

A chegada da televisão na cidade também contribuiu para a (re)significação do cinema. A sua presença na sala de visitas provocou a (re)criação de antigos hábitos e costumes familiares e sociais. A televisão era sinônimo de entretenimento sem a necessidade de sair de casa. Através da sua programação os telespectadores se reportavam para diferentes realidades, experimentando novas emoções. A possibilidade de assistir novelas e especialmente filmes em casa seduzia o antigo público do Cine União.

> *(...) Mas eu acho que foi a televisão que mais atrapalhou o cinema, o público foi diminuindo, diminuindo...Talvez também pela escolha dos filmes. Num sei bem dizer assim dizer com toda certeza, mais eu creio que mais foi a chegada da televisão.*[118]

A popularização da televisão aparece como uma das causas materiais, mas não a única para a decadência e fechamento do cinema em outubro de 1990. Segundo o Sr.Onofre Olímpio Ferreira, administrador do cinema desde 1970 até o seu fechamento, outros fatores contribuíram para esse desfecho:

> *(...) Muito fizemos para evitar este desfecho, tivemos grandes aliados nesta luta como o Dr.Nivaldo Umberto da Silva, que muito nos ajudou e depois o apoio do atual prefeito Marcos Nacif, mas foi em vão. A péssima freqüência, o aluguel de fitas, o frete, o carvão, funcionários, tudo isso impediu a sustentação do nosso cinema.*[119]

Após o fechamento todos os acessórios e equipamentos foram mantidos no imóvel e o prédio ainda foi utilizado para ocasionais eventos culturais promovidos pela Fundação Educacional de Coromandel. Em 19 de junho de 1991 foi sancionada e publicada a Lei n°1.489, que decreta o tombamento do prédio com todos os seus acessórios, benfeitorias e

---

[117] MARINHO, Mauro O.Barbosa. Depoimento cit.
[118] Ibid.,
[119] O CINE UNIAO AGORA É PATRIMONIO HISTÓRICO-CULTURAL. **Panorama**. Coromandel, n°5, jul. 1991.

equipamentos para fins de preservação histórico-cultural. Com esta lei qualquer alteração na estrutura física e arquitetônica do prédio só poderia ser feita com a licença do poder público, além disso, a referida lei autorizava a desapropriação e indenização do imóvel na forma da lei[120].

Prestes a completar três anos de publicação da lei, e nada ter sido feito por parte do poder público, o Cine União foi reinaugurado. Por iniciativa de um empresário de Brasília, Antônio Rezende, casado com uma coromandelense, o Cine União volta a funcionar, depois de uma reforma e da instalação de aparelhagem mais sofisticada, no dia 29 de abril de 1994. Era intenção de Antônio Rezende ocupar um importante espaço na área cultural com a exibição de lançamentos e clássicos do cinema, além da promoção de festivais de música, cinema internacional, curta metragem e de exposições de artesanato. O espaço seria usado também para cursos dados aos trabalhadores rurais. A estréia contou com a presença da população e com a cobertura da imprensa local.

> *No dia 29 de abril assistimos a reinauguração do Cine União, com a casa superlotada e exibição de 02 excelentes filmes: "O Fugitivo" e "O Último dos Moicanos". Foi uma noite alegre e diferente e pudemos recordar bons momentos de outrora...Prestigiemos esta casa de lazer e com certeza Coromandel crescera culturalmente.*[121]

Apesar do entusiasmo da estréia o cinema não conseguiu platéia suficiente para se manter e em conseqüência disso encerrou novamente suas atividades no final dos anos de 1990. Nenhuma outra iniciativa foi tomada no sentido de preservação e revitalização do espaço. Durante a campanha eleitoral de 2003, a canditada e hoje prefeita, Dione Maria Peres utilizou, de maneira irresponsável haja vista as péssimas condições físicas do local, o prédio do cinema para se projetar politicamente. Promoveu sessões gratuitas e abertas ao público com a intenção de angariar votos. Além disso, entre as pretensões de seu governo constava a restauração e abertura do Cine União. Próximo a completar três anos de mandato nenhuma atitude foi tomada para a viabilização do projeto. Hoje o prédio do cinema encontra-se abandonado pelo poder público, se deteriorando a cada dia.

---

[120] CINE UNIÃO CONTINUA FECHADO. **Panorama**. Coromandel, n°35, jan.1994.
[121] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Reinaugurado Cine União. **Panorama**. Coromandel, n°38, abr. 1994.



Imagem 15 - Cine **União.** Coromandel, agosto de 2005.



Imagem 16 - Cine **União.** Coromandel, agosto de 2005.

2.2 Clube Sociais, Bailes, orquestras, brincadeiras: uma nova estética, um novo código de postura.

Me vejo a teu lado
Te amo?
Não lembro
Parece dezembro
De um ano dourado
Parece bolero
Te quero, te quero
Dizer que não quero
Teus beijos nunca mais
Teus beijos nunca mais[122].
(Tom Jobim/Chico Buarque. *Anos Dourados*)

> *(...) era muito bom. Os anos dourados mesmo, né? Dourado em todo sentido. Era muito, muito requinte, né? muita educação, muita finura, as músicas eram muito bonitas, as roupas eram muitos bonitas... Era tudo mais misterioso, mais ... Você esperava com mais ansiedade, né? Diz que o bom da festa é espera por ela. A gente tava sempre esperando por uma coisa melhor.*[123]

A magia dos anos dourados, presente nas memórias de coromandelenses como Dona Maria das Dores e tão bem interpretada na canção de Chico Buarque e Tom Jobim remetem a um período único na história de Coromandel. Período no qual as práticas de sociabilidades refletiam as transformações pelas quais o espaço urbano passava.

Ressonância de uma política nacional desenvolvimentista, a cidade - a partir dos anos de 1950 - se transforma e com ela os modos de vida da população. O espaço modificado por projetos de urbanização suscita novos hábitos, costumes, comportamentos e necessidades. Cria-se uma relação de influência mútua, ou seja, o espaço modificado provoca o surgimento de novas práticas, especialmente de lazer, ao mesmo tempo, que essas novas práticas não só criam outras necessidades como provocam a adaptação do espaço a elas. Nesse momento há o enfrentamento entre o tradicional/rural e o

---

[122] Anos Dourados, canção composta por Tom Jobim e Chico Buarque em 1986, a pedido da rede Globo para compor a trilha sonora da minissérie Anos Dourados. Apenas a música instrumental fez parte da minissérie, a letra que ficara a cargo de Chico Buarque, só ficou pronta quando a minissérie estava no ar.
[123] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.

moderno/urbano, tendo em vista que as antigas práticas culturais sinais de uma cultura popular rural, entram em contato com uma nova estética ligada a um cenário tipicamente urbano.

Essa relação se faz sentir na produção/recepção das novas práticas de sociabilidades advindas principalmente após a implantação do Ginásio Municipal de Coromandel em 1958. A partir deste ano o universo cultural e social da cidade não seria mais o mesmo; por meio da ação de professores em parceria com os alunos, um novo mundo se descortina, as práticas de lazer sofrem significativas mudanças e uma nova era na vida social coromandelense tem seu início.

Aproveitando o desejo dos alunos, em maior número na cidade - devido a construção da escola - e a falta que sentiam de opções de lazer, o professor Mauro Orlando Barbosa Marinho começa a desenvolver projetos que extrapolam o espaço do colégio e movimentam o cotidiano da pequena Coromandel. A ausência de locais públicos destinados ao convívio social chamou a atenção do recém-chegado professor:

> *(...) Porque eu notei que a cidade era vazia de, de atividades. Só havia o Jucas 'Bar, onde se dançava às quintas, sábados e domingos num grupo muito pequeno de rapazes e moças. Porque naquela época meninas de 15, 16, 17 anos não freqüentava festa, somente depois de 18 anos, não só não freqüentava festas como também não bebia, não ficava até altas horas da noite fora de casa, e a única diversão que tinha era o cinema, que era quase que, que uma obrigação. Então eu fui percebendo que o pessoal bonito, que a juventude, era juventude sadia, bonita, muita moça vistosa, muitos rapazes assim...que despertavam por parte das meninas um certo interesse pela...não pela elegância em si, que eles não tinham tanto, mas pessoas boas, bem educadas, de bons princípios. Eu fui pensando exatamente em criar alguma coisa que pudesse modifica.*[124]

Com esse intuito o professor Mauro, figura chave na transformação das práticas de sociabilidade da cidade, assume não só o papel de promotor de eventos como de formador de opinião- haja vista a repercussão que suas ações e opiniões causavam. Assim, inicia-se a realização de uma série de eventos que marcaram as décadas de 1960 e 1970, como o período áureo da vida cultural e social da cidade. Período em que as promoções ligadas ao colégio e os bailes de gala não apenas preenchiam os momentos de lazer como provocavam mudanças em diversos aspectos, especialmente no universo comportamental com a

[124] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

introjeção de novos hábitos e costumes. Foram, sem dúvida, os anos dourados em Coromandel: bailes, orquestras, desfiles, brincadeiras, cinema, teatro, entre outros eventos que persistem na memória da cidade.

Pelo papel que desempenhou, não só no espaço da escola, mas especialmente na vida social da cidade, a figura do professor Mauro se confunde com a própria época, a sua trajetória em Coromandel se mistura com o surgimento de novas práticas de lazer, advindas após a implantação do colégio; responsável direto pelas inovações, o professor Mauro está indissociavelmente ligado aos anos de ouro em Coromandel. Assumiu outros postos além de professor, foi promotor de eventos sociais e culturais, jornalista, editor e colunista social, tornando-se uma referência na cidade, uma personalidade surgida fora do espaço da política, mas com ela evidentemente articulado.

A sua importância se faz sentir nos depoimentos tomados:

> *(...) Bom, naquele tempo assim as coisas eram muito, muito rústicas. Coromandel era muito artesanal, muito antigo, dependia muito da boa vontade das pessoas. Mas com a vinda do prof.Mauro e do prof.Laércio essa parte evoluiu bastante. Porque eles foram, principalmente o prof.Mauro, né? Eu costumo dizer que ele foi o baluarte, ele foi o lançador das idéias mais... não só culturais, mais sociais em Coromandel. Ele projetô a cidade nesse sentido e ele era uma figura muito alegre, muito empreendedora. Então a gente fazia é, muitos bailes, muitas festinhas. Ele tinha com aquela alegria dele, ele contagiava as pessoas e fazia muitos amigos. Então a gente tinha oportunidade de participar de festas maravilhosas tão boas quanto as festas dos grandes centros.*[125]

Com o auxílio de mães de alunos e senhoras da sociedade o professor deu início ao trabalho. O primeiro evento foi a inauguração do Ginásio, onde pela primeira vez a cidade recebeu uma orquestra de fora (Uberaba) para tocar em um baile. A partir daquele momento aquilo seria uma constante na cidade. O professor recorda esse tempo áureo:

> *(...) E eu percebi que a minha idéia era aceita... E nesse vai e vem de idéias e de aceitação, também nós fomos fazendo festas e mais festas. Nunca tive meta assim, nunca tive como idéia precipua de querer ser um líder, de querer modificá a cidade, mas eu fui ajudando, fui fazendo automaticamente, sem intenção nenhuma de querer ser um líder, nem querer ser um restaurador, mas alguém que pudesse ajudá a cidade.*[126]

---

[125] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.
[126] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

Nessa época a cidade não contava com um lugar apropriado para a realização de bailes, os eventos e encontros aconteciam na praça da Igreja Matriz, no cinema ou no salão do Juca's Bar. Sentindo essa ausência, o professor deu início a arrecadação de fundos para a construção de um salão de festas no prédio do colégio. Promovia eventos culturais com a cobrança de ingresso com renda totalmente revertida para a conclusão do salão. Com a inauguração do salão nobre, como era chamado na época, a vida social acontece plenamente; o espaço tornou-se referência na cidade, no qual as elites locais se encontravam. Anterior ao salão nobre do colégio, o salão do Juca's Bar fazia às vezes de salão de festa, apesar de ser pequeno para a realização de grandes bailes, seu espaço foi usado para a realização de shows com artistas como Abel Ferreira e Sivuca.

Com a conclusão do salão de festas a vida social dos coromandelenses se converge para o Ginásio e para o Cine União. Ambos eram tidos como símbolos de avanço urbano e progresso da cidade e se tornaram espaços privilegiados de sociabilidade. O Ginásio, além de representar um avanço no setor educacional, movimentava a cidade através das manifestações culturais promovidas pelos alunos e por ceder espaço (salão nobre) para a realização de festas. O cinema, não só era palco para as atividades do colégio - teatro, festival, coral, grêmio - como também promovia a sociabilidade na cidade; tanto a sua sala de exibição quanto o seu em torno eram espaços de destaque na sociedade; sua importância ia além da exibição de filmes era um local acima de tudo de encontros com finalidades diversas.

O Cine União juntamente com o Ginásio Municipal faziam a vida social em Coromandel, cada qual ocupando o seu espaço, e muitas vezes realizando promoções em parceria - peças teatrais, apresentações do coral e do grêmio, eventos de festivais de música e arte foram, muitas vezes, encenados no palco do cinema.

A cidade que, até a aparição do cinema e principalmente do Ginásio, possuía uma vida social acanhada se depara ao final da década de 1950 como uma nova era, na qual costumes interioranos foram sendo modificados. A partir do professor Mauro os coromandelenses tomam contato com novas realidades e necessidades. O professor fazia a ponte entre Coromandel e o resto do país e promovia eventos que alinhavam a cidade aos grandes centros:

Estive em São Paulo a passeio e a negócios. Vi 'Cleópatra' e a comédia musical do século 'MY FAIR LADY'. Teatro de primeira. Peça famosa para se ver e rever. Foi o mais belo espetáculo musical que vi em toda vida minha."[127]

Festas requintadas, nunca antes vistas, foram promovidas ao longo das décadas, provocando encantamento e inaugurando um novo modo de viver e as novas práticas sociais exigiam uma nova postura, um novo código de comportamento.

Os bailes seguiam um calendário permanente, cada mês correspondia a uma festa específica: o mês de Dezembro realizava-se o Baile de Formatura; Janeiro, Fevereiro e Julho o Baile das Férias, com a eleição da Miss Férias; Maio, Junho e Julho acontecia o Baile do Suéter ou Inverno e a Festa Junina; Setembro era o mês do Baile da Primavera ou Noite da Margarida. Além destas festas, havia os bailes de Gala: Baile das Debutantes, geralmente no mês de Julho; Baile das Dez mais Elegantes e o Baile dos Brotos do Ano eram aguardados com anseio especialmente pelos brotos e as elegantes do ano.

Os bailes traziam outra grande novidade, a contratação de orquestras e conjuntos famosos. Em Coromandel estiveram conjuntos como os The Jordans; Magnatas do Ritmo; os Mugstones, entre outros que encantavam o público, fazendo-o vibrar ao som da Jovem Guarda e do ritmo do rock.



Imagem 17 - Fonte: **Coromandel em Revista**, nov. 1963

[127] MARINHO, Mauro O. Barbosa. O Que Se Comenta. **Coromandel em Revista.** Coromandel, n°8, nov.1963.



Imagem 18 - Fonte: **Coromandel em Revista**, dez. 1966.



Imagem 19 - Fonte: **Coromandel em Revista**, dez. 1967.

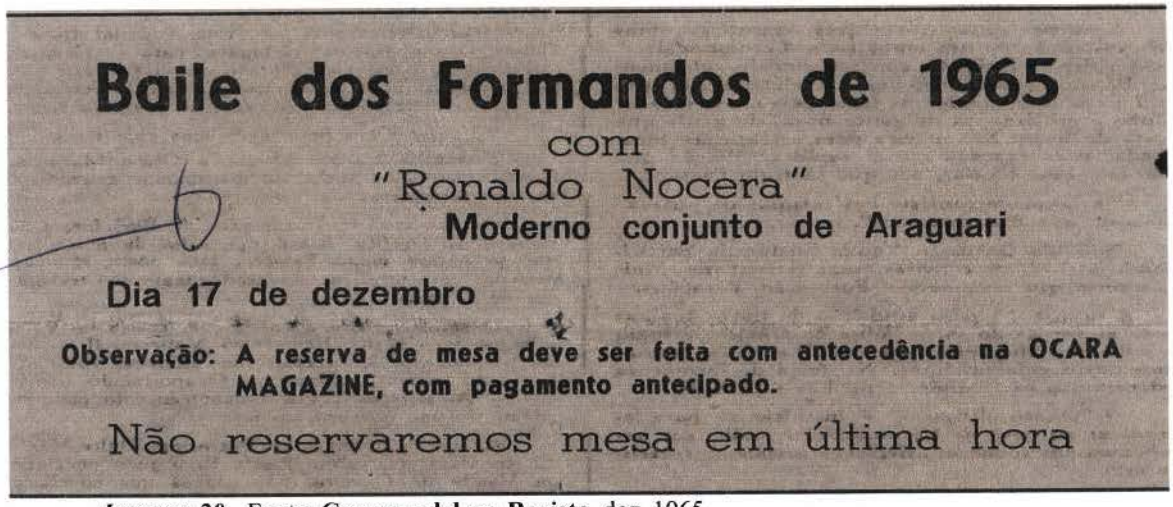


Imagem 20 - Fonte: **Coromandel em Revista**, dez. 1965.

Devido a falta de estrutura para a organização das festas - a cidade não dispunha de fornecimento satisfatório de energia elétrica (era usado um gerador que muitas vezes caia durante a festa) e nem de um comércio que atendesse as necessidades com relação ao imobiliário, estrutura de som - a sociedade participava de forma ativa na estruturação do evento. Havia a mobilização de muitas pessoas para que tudo saísse a contento, desde o empréstimo de mobiliário até a produção da decoração. Dona Terezinha e D.Maria das Dores ressaltam as dificuldades da época:

> *(...) tudo era organizado por ele* (Mauro Marinho) *e pra ser sincera Carina, não existia nem cadeira, as cadeiras eram transportadas, a gente buscava as cadeiras. Ele buscava, a gente ajudava, os amigos, as pessoas amigas, a levar para o Ginásio Coromandel, as coisas para colocar no salão. Nem mobiliário tinha para se organizar uma festa...Mas,eram festas maravilhosas que o Mauro organizava.*[128]

Quanto a decoração:

> *(...) e havia uma preocupação muito grande com a decoração, sabe? As mesas eram muito bem forradas, cortinas no salão do Ginásio...é flores, né? E sempre uma...qualquer coisa na mesa referente ao tema, né?*[129]



Imagem 21 - Salão Nobre do Ginásio Municipal de Coromandel na década de 1960. Esta foto compõe o acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

[128] MACHADO, Terezinha R. Pereira.Depoimento cit.
[129] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.



Imagem 22 - Baile das Férias no salão nobre do Ginásio Municipal, década de 1960. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

No intervalo entre a realização dos bailes outras ocasiões promoviam o convívio social: as brincadeiras dançantes nas residências continuavam a existir, as horas dançantes no Juca's Bar; os desfiles de moda; os desfiles cívicos com a participação da fanfarra do colégio; as recepções e os coquetéis oferecidos em casamentos, noivados, batizados e formaturas.

Mas nem um outro evento causava mais repercussão na cidade do que os "bailes do colégio". E foi exatamente dessa repercussão que surgiu em 1962 o jornal "Coromandel em Revista". Idealizado e produzido pelo professor Mauro, foi o primeiro jornal mensal da cidade, que se dedicava exclusivamente aos acontecimentos da cidade:

> *(...) eu lia muito e eu achava que devia havê uma celebração pelo que estava acontecendo na cidade e, o, o modo de vestir, a presença de pessoas em determinados acontecimentos e também como eu fazia muitas promoções eu utilizava o' Coromandel em Revista' para divulgação do que foi feito, do que eu fiz e do que eu havia programado para aquele semestre ou para aquele ano.*
> *(...) e eu procurava então colocá aquilo no jornal, ele surgiu dessa preocupação, de transmissão, de divulgação do que eu fazia e que ia fazer. Bancava sozinho o jornal, nunca tive nenhuma colaboração.*[130]

[130] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

O objetivo final do jornal era promover eventos futuros e enaltecer os passados, mas em meio as notas sociais, o jornal trazia noticias locais, nacionais e até internacionais. Algumas versavam sobre questões políticas e econômicas, outras vezes sobre cultura, moda, comportamento e curiosidades do *high society*:

> *Esta de âmbito nacional: O governo manda para o exílio os indivíduos meio esquerdistas ou comunizantes. De onde se encontram recebem eles, convites dos Estados Unidos para lecionarem em suas Universidades. Será que só aqui eles possuem ideologia "duvidosa" ou pensam os americanos que só nós nos maculamos ao contato com estes indivíduos? A resposta fica a critério de cada um.*[131]

> *Terno azul-marinho ou preto será exigido para os Bailes de Gala. Ninguém poderá achar ruim. Afinal de contas as senhoras gastam fortunas em suas toaletes. Os homens devem estar à altura. Concordam?*[132]

> *A mão fria que eliminou o Presidente Kennedy modificou totalmente o panorama da política internacional. E agora vão começar tudo de novo*[133]

Era uma janela aberta para o mundo, sem muito questionamento, é verdade, mas que não deixava de ser um meio de informação.

A importância do jornal na cidade ia além de veículo de propaganda e de um noticiário social, pois por meio dele vislumbramos uma intricada teia de relações sociais e humanas. Assumindo plenamente o papel de colunista social, o professor Mauro usando suas colunas passa a interferir diretamente na dinâmica da cidade. O jornal torna-se não só formador de opinião como divulgador de novas normas de comportamento, além é claro de impulsionar o movimento social imprimindo mais glamour as realizações. Haja vista o teor das notas.

O professor utilizava o jornal para introduzir novos comportamentos; dava dicas que segundo o próprio civilizavam a cidade:

> *PARA ELA E PARA ÊLE*
> *O importante na elegância externa é a personalidade. Saber vestir-se é arte difícil e que exige conhecimentos. Vejamos:*

---

[131] MARINHO, Mauro. Daqui e Dali. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°22, jun.1964.
[132] MARINHO, Mauro. O Que Se Comenta. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°8, nov.1963.
[133] MARINHO, Mauro. O Que Se Comenta. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°8, nov.1963.

1)O guarda-roupa de uma mulher custa caro. Deve ser variado e bem planejado. Vestidos para tarde, noite e coquetel. Não podem ficar de lado as calças compridas, tão em voga atualmente. As cores devem ir de acordo com o tipo e estatura de cada uma.
2)Uma mulher baixa não devera usar vestidos rodados. Seus tecidos deverão ser leves.
3) Um homem nunca poderá usar meia branca nem sapato marron com terno azul marinho ou preto. Como esta regra é transgredida!
4) A mulher deve trajar-se de acordo com as ocasiões. Não poderá ir ao baile como se fosse a um passeio.
5) O uso do lenço na cabeça tem sido aceito pelas elegantes. Dá um charme todo especial se souber usá-lo. Deverá ser de bom gosto, evitando as cores espalhafatosas.
6) Quando os dias são quentes, o homem deve evitar as roupas escuras. A tendência é implantar o costume da camisa de linha ou ráfia. Nada mais ridículo do que um terno preto em pleno meio dia.
7) Há mulheres que se adornam com colares ou pulseiras de fantasia que mais parecem vitrine de ourivesaria. As jóias deverão ser verdadeiras se usam num baile ou casamento. Os colares (fantasia) estão em desuso. Raramente são vistos e quando assim de bijouteria fina e importada.
8) O homem pode perfumar-se? Pode sim. Desde que escolha uma colônia própria para ele. Perfumar-se é regra de asseio corporal. É claro que um homem não pode usar Miss France nem Joia. Tudo tem um limite.
9) Os penteados femininos devem ser feitos de acordo com o rosto de cada uma. Hoje foram abolidos os cabelos tipo arranha-ceu. Tudo visa a praticidade e simpleza.
10) Um homem deve possuir um guarda-roupa à altura das festas que freqüenta. Ternos escuros (preto ou marinho) claro, cinza ou outra cor qualquer. Blusas de frio, camisas esporte, gravatas distintas, sapatos clássico e esporte.
11) É ridículo para um homem comparecer a um baile ou casamento com o paletó diferente da calça. Além de ser deselegante demonstra falta de atenção para quem convida.
12) O cavalheiro ao acabar de dançar deve levar a dama à mesa em que a mesma se encontra além do mais deve agradece-la cordialmente. Esta regra é de suma importância e muito é inobservada.
13) Para uma reunião familiar, festa de casamento, aniversário etc os responsáveis convidam quem quiser. Ninguém pode ficar ofendido se ficou de fora. A festa quanto menos concorrida mais fina se torna. Multidão só em comício.
14) As cores da moda são: vermelho, amarelo, verde-musgo e ainda o tradicional preto, tão elegante. Os sapatos variam.
15) Com vestido preto só se pode usar colares de diamante ou perolas. Os sapatos só poderão ser preto. As luvas podem variar para contraste, o que é sempre bonito.[134]

A esse respeito o professor Mauro nos diz:

[134] MARINHO, Mauro. Para Ela e Para Ele. **Coromandel em Revista**. Coromandel, 1963.

> *(...) e aqui a gente percebia que havia ainda algumas coisas que não eram cabíveis, por exemplo, ir a um baile de butina, para o jovem daqui, o homem daqui isso era interessante porque a butina denotava macheza, era homem mesmo, né? Aquele tipo assim bem, bem macho, bem masculino, né? Então um homem nunca vai a um baile de butina, nem tão pouco de chapéu, né? A mulher, por exemplo, deve ter...saber como se maquiar durante o dia, durante a noite, pela manhã não usar maquiagem muito forte e nem usar perfume por demais, por demais forte, digo mais uma vez, não combina bem com o dia. E também as cores que, por exemplo, ir a um casamento, ser testemunha de um casamento de vestido preto, né? É procurar jogar cores que não combina, por exemplo, um vestido preto com sapato verde, naquele tempo era absurdo, né? E cores que podem ser usadas em determinadas ocasiões. E também o que o homem devia ter como essencial, por exemplo, sempre tem, não precisava ter muito terno, mas ter um terno assim mais ou menos solene para as festividades, que todo mundo usava paletó naquele tempo, até a missa a gente ia aqui de paletó, né? Isso na década de 50, 60 era comum...Então eu sempre lia e trazia as novidades, as cores predominantes naquela época, por exemplo: tão usando muito areia, tão usando muito verde água, usando muito azul piscina, o vermelho caiu de moda.*[135]

Distribuído gratuitamente na porta do cinema, o jornal "Coromandel em Revista" foi o responsável por criar novos hábitos, costumes e principalmente necessidades; e a divulgação pública dos eventos mexia com a postura dos coromandelenses. Era um espaço de promoção social da alta sociedade local, especialmente para as mulheres. Mulheres que antes viviam a maior parte do tempo em ambientes fechados, particulares, sob a tutela de pais e de maridos, tendo como princípio cuidar da casa e dos filhos, encontram na participação social um meio de se sobressair nessa comunidade.

As mulheres eram a "alma" da coluna, as notícias versavam sobre os eventos promovidos, tendo as mulheres como atrizes principais. A beleza, o traje, a atividade profissional e filantrópica que muitas realizavam eram exaltadas nas notas do jornal:

> *Eis alguns flasches da elegância da noite dos formandos: Maria Josefina, num branco espetacular; Terezinha Rodrigues Pereira, de estampado vistoso e alinhado; Célia Borges Matias, num amarelo de fazer muita gente ficar 'admirando-a'; Maria do Rosário Honorato e Nilza Honorato de rosa choque; as irmãs Terezinha e Olair Goulart, a meu ver, foram as mais bonitas da noite com toaletes chiquíssimas; Maria dos Reis Castro, Miss Férias ' bonita de morrer'.*[136]

> *Nossa amiga, Maria Tereza P. Goulart está de malas prontas para seguir para a Espanha. Vai desfrutar de uma bolsa de estudos, conquistada por concurso.*[137]

---

[135] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.
[136] MARINHO, Mauro. O Que Se Comenta. **Coromandel em Revista.** Coromandel, n°104, dez. 1965
[137] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°124, dez. 1973.

Um aplauso para Maria Helena Costa. Foi aprovada em concurso para o Banco do Brasil. Parabéns![138]

Movidas pela efervescência da vida social as mulheres de classe média modificaram não só os cuidados com a aparência – andar bem vestida em todas as ocasiões tornou-se um imperativo – como também a sua relação com a moda. Incentivadas pelo professor, que sempre dava dicas do que estava ou não se usando, essas coromandelenses procuravam seguir as tendências nacionais, através de revistas de circulação nacional como a revista "O Cruzeiro" e "Burda", além do cinema, grande referencial de moda na época. Modelos de vestido, a cor mais usada, penteados e cortes de cabelo eram copiados por costureiras e cabeleireira locais. O que se usava nos grandes centros estava também presente em Coromandel. Época dos vestidos balonês, do cabelo "pega rapaz", dos slacks e das indispensáveis luvas, como bem nos lembra D.Maria das Dores:

> *(...) nos anos 60, é 50...70, nos anos 60 usava demais os taiuer, né? É uma roupa clássica que nunca caiu. Tipo Chanel. Usava muito os taierzinhos e a gente combinava, usava o sapato, a luva e a bolsa. Porque naquela época o pessoal dava valor a esse tipo de acessório, né? As bijouterias eram muito bonitas, os colares, usava muito cristal. Ainda se podia usá muita jóia, né? Usava também, a gente falava balé, era um comprimento de roupa no meio da perna, os vestidos godê. Então a gente gastava tecido demais, sabe? Eu me lembro que uma vez a gente usava uma, uma um tipo de saia de três babados e preguiadinha. Então cê gastava até 10, 12 metros pra fazê uma saia, sabe? Aquela saia godê e usava muito...Também depois veio a mini saia foi muito, um sucesso, né? A mini saia todo mundo começô a usá também e os penteados eram mais elaborados. Tinha uma tal toca italiana, era o penteado da época, era famoso. O cabelo era viradinho pra fora com as pontinhas, sabe? Geralmente partido ao meio e puxava e virava as pontinhas e ficava viradinho pra cima, bem armadinho, sabe? Era um cabelo bem elaborado, colocava assim no rosto, cê puxava as vírgulas. Muita gente brincava e falava, chamava 'pega rapaz', sabe?*[139]

Toda essa atmosfera contagiava o universo feminino que, mesmo com as carências da época, se esmerava nos preparativos para a festa. Tudo era pensado com antecedência: o cabelo, a maquiagem, o sapato, as luvas e os modelos escolhidos dos vestidos. Dona Maria das Dores rememora as sensações da época:

---

[138] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°119, agosto de 1973.
[139] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.

> *(...) e o pessoal incentivado pelo Mauro vestia muito bem. A gente tinha oportunidade de apresentá assim, um figurino bem avançado, bem assim pra época, sabe? E, e era costume até, eles diziam que o pessoal ficava de fora dos salões pra vê entrá as mulheres da sociedade. Aquilo era para época é como se fosse assim, um Oscar da atualidade. Todo mundo apresentava muito bem vestido e tinha entusiasmo.*[140]

O teor de improvisação estava presente:

> *(...) então eu me lembro que em vez de sombra, ela (referindo-se a Celma, uma das cabeleireiras da época) passava lápis. Esse lápis Faber, no olho da gente e a pintura ficava linda! Sabe? Improvisava tudo. Laquê? O spray que usa hoje, era fabricado aqui mesmo. Era artesanal, elas mesmo é que fabricavam, sabe? Mais era tudo muito bom.*[141]

Isso sem falar na comoção que a escolha das "Dez Mais Elegantes de Coromandel" e dos "Brotos do Ano" causavam. As eleições aconteciam anualmente desde o início dos anos de 1960, senhoras e senhoritas eram escolhidas como as mais elegantes e contempladas com um pergaminho; cabia ao professor a tarefa de seleciona-las. Já os brotos eram eleitos por um júri formado por rapazes da cidade. As duas premiações aconteciam durante um baile promovido especialmente para aquele fim.



Imagem 23 - Baile Dez Mais Elegante no salão do Ginásio Municipal. Terezinha R. P. Machado, umas das elegantes escolhidas recebe o título. Coromandel década de 1960. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

---

[140] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.
[141] Ibid.,



Imagem 24 - Mauro Marinho dançando com Maria Clara Rodrigues, um dos brotos do ano. Ginásio Municipal de 1966. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.



Imagem 25 - Júri composto de rapazes responsáveis pela escolha dos Brotos do Ano. Ginásio Municipal na década de 1960. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

A possibilidade de figurar na lista aguçava ainda mais a intensidade dos preparativos. D.Terezinha, uma das elegantes de Coromandel, relembra o momento:

> *(...) quando chegava a época da festa das dez mais elegantes eram meses de preparativos, meses. Era uma empolgação que você não acredita, era aquela disputa na época da festa das dez mais elegantes, todo mundo queria sabê quem era e o Mauro sabia, ele escolhia, ele sabia escolher. Eram moças e senhoras. Eu na ocasião era moça, solteira. Então eu sempre figurei nessa lista dele, sabe?*
> *(...) você primava pelo vestir bem. Isso era, isso era a nossa meta. Não é que a gente vivia pra isso, não. Mas quando chegava a época a gente ficava em torno de prepara a toalete para a ocasião.*[142]

Além de mexer com o imaginário da cidade e particularmente com o imaginário feminino, a promoção desses bailes suscitava outras questões. A sociedade aderia a novos hábitos, mas não passivamente, houve muitas críticas ao professor e as suas promoções; era responsabilizado pelo gasto excessivo de dinheiro em roupas e adereços e por criar necessidades supérfluas, além disso, havia os que questionavam a seriedade dos concursos.

O professor recorda os dissabores:

---

[142] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento cit.

> *(...) inclusive nas festas, nos bailes das 10 mais, no brotos do ano, sempre houve e haverá pessoas insatisfeitas e maldosas, diziam que as mulheres pagavam pra saí na lista das 10 mais elegantes, né? Que eu recebia alguma coisa pra que elas figurassem, o que não era verdade, que eu jamais ia aceitá uma coisa dessa, nem jamais elas iriam propor, né? E o júri que escolhia os 10 brotos do ano era comprado por mim, que eu dizia: Quero que vocês escolham fulano, fulano, fulano...O que também não é verdade. Pra você perceber que o povo começava não só se sociabilizando, mas já tendo aquela tendência malévola, de combate, né? Isso também é sinal de progresso, as pessoas não aceitavam graciosamente, né?*[143]

As resistências podem ser sentidas também pelas "respostas" que o professor publicava em seu jornal:

> *Há quem diga que nós só nos preocupamos com festas. Nas horas vagas fazemos isto, utilizando o dom que Deus nos deu e sempre nos saímos bem. Imaginem se todos cuidassem da mesma coisa. Há quem cuide da paróquia, outro da prefeitura, outros da política, outros dos enfermos, outros do ensino e muitos outros em atividades específicas. A sociedade é apenas isto. Nem só de dinheiro e trabalho vive o homem...*[144]

Apesar das discordâncias, as novas práticas de sociabilidade permaneciam, provocando mudanças não só no imaginário e nas relações como também na economia da cidade. Com a organização de eventos, o comércio local floresce; surge interesse em atender as novas necessidades do público. O comércio da cidade até aquele momento não oferecia grande variedade de artigos, era preciso recorrer às cidades da região. Durante um tempo professor Mauro fez a ponte, ou seja, sempre que viajava levava encomendas de determinados produtos:

> *(...) ia à Uberaba quando fazia festa, levava encomenda: um par sapato de salto não sei o quê, azul claro; um sapato de verniz tal, tal, tal...um colar assim, assim...Eu ia e trazia, aí o comércio começou a se preocupá com essa parte, a trazê tecidos, porque naquele tempo os tecidos eram muito rústicos, era mais o algodão, ninguém tinha assim, né? Como não havia na cidade costureiras, depois foram surgindo, né?*[145]

Diante da demanda, novas casas comerciais começaram a surgir a fim de atender às novas necessidades do público. A boutique mais famosa chamava-se "Ocara Magazine",

---

[143] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.
[144] MARINHO, Mauro. Daqui e Dali. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°22, jun. 1964.
[145] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

inaugurada nos anos de 1960, a loja tornou-se sinônimo de bom gosto na cidade. A chegada de mercadorias era aguardada com anseio pelas coromandelenses; era possível adquirir tecidos e acessórios. No decorrer do tempo outras lojas foram surgindo (Dayse Modas) onde era possível comprar "roupa pronta", fato inédito para muitos na cidade; pois a grande maioria das roupas era feita por costureiras.

> *(...) nem havia essa pret à portê...é não havia confecções, tudo era feito pelas, pelas...A pessoa levava duas, três semanas antes da festa, o vestido, os vestidos da família toda pro casamento, havia os figurinos que a pessoa olhava o modelo, né? E escondia as revistas pra que os outros não visse e copiasse igual. Era comum você ir a costureira e tá escrito lá (refere-se as revistas): esse tá escolhido, esse tá escolhido, esse tá escolhido. Não dizia o nome não, mas a pessoa não ousava fazê, porque podia repetir, bizar o modelo. Mas, o comércio começou a crescê, a sentir que o povo já comprava.*[146]

O crescimento do comércio era motivo de destaque nas notas do "Coromandel em Revista". Havia não só propagandas das lojas, mas também incentivo e lembretes sobre os artigos que a loja dispunha. Notas com esse teor eram freqüentes no jornal:

> *Dayse Modas acaba de receber uma partida fabulosa de malhas, tecidos para inverno, blusas coloridas etc. E muitos já começam a adquirir novidades para o baile de inverno, que será atração da temporada.*[147]

> *Em se gastando sete milhões em festas só quem vem a lucrar é o comércio local. Esta renda fabulosa engrossou o movimento deste fim de ano. É bom salientar aqui que o coromandelense não só vive de festas, mas constrói Uzina, instala Companhia Telefônica, edifica Colégio etc.*[148]

No final dos anos de 1960, precisamente em 1969, Coromandel inaugura o seu primeiro clube social: Clube Recreativo Coromandelense. Fruto da iniciativa de pessoas como o gerente do Banco do Brasil na época, o clube surge, provocando algumas mudanças nas práticas existentes. A sua presença reordenou o grau de importância de cada espaço de sociabilidade, ou melhor, o Ginásio Municipal, que antes era tido como referência na vida cultural e social de Coromandel, cede lugar ao clube, tornando-se um local secundário na realização desses eventos. O salão do clube desponta como o principal local da cidade, com

---

[146] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.
[147] MARINHO, Mauro. O Que Se Comenta. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°17, maio 1964.
[148] MARINHO, Mauro. O Que Se Comenta. **Coromandel em Revista.** Coromandel, n°9, dez. 1963.

estrutura própria para grandes realizações, o clube marca as décadas de 1970 e 1980. Vários acontecimentos foram promovidos em seu espaço.

A inauguração do Clube Recreativo pode ser vista como um sinal concreto da transformação urbana de Coromandel, inclusive de suas práticas culturais. A vida social que antes acontecia fechada em redutos freqüentados somente pelas elites locais, se transfere para um clube, espaço aberto a diferentes tipos de público. Isso não significa que os eventos do clube não fossem elitizados, continuavam a ter esse caráter, a diferença é que o clube não só recebia a antiga sociedade como abria espaço para a nova sociedade (formada em parte por forasteiros atraídos pela possibilidade de lucro, especialmente no campo), advinda com o crescimento da cidade e o aparelhamento do espaço urbano.

Como sinal dessa nova proposta, o clube no seu início causou estranheza na sociedade tradicional. Houve uma certa resistência na aceitação desse novo espaço social. Professor Mauro relata o contraponto entre o que havia antes e depois do clube:

> *(...) O Clube Recreativo é da década de 70, né? Eles fizeram aí uma turma liderada pelo gerente do Banco do Brasil, que fazia empréstimo e na hora de fazê o empréstimo ele convidava a pessoa pra ser sócio do clube, né?*
> *(...) Já na época num foi tão como se esperava não, sabe? ...porque foi quase um choque entre o que havia antes e a chegada do clube. Por exemplo, no nosso tempo, eu falo nosso porque muita gente me ajudou também, a gente fazia um, trabalho maio,r embora as condições fossem mais, fossem menores. No clube com tanto espaço, com tanta coisa, não conseguia realizá. Parece que o povo não acreditou muito no...no...,porque já não estava mais aquela elite que eu já falei, já era uma outra. E se eu quiser ser muito ousado, e eu vou ser, era quase, quase um confronto, criar uma coisa diversa àquela que existia. Porque havia os descontentes como eu já falei, que achava que as mulheres eram sempre as mesmas, os jovens, as turminhas eram sempre as mesmas e que havia uma faixa da cidade meio abandonada, meio desprezada que precisava ter sua vez. Então muita gente dizia: - 'Ah! Professor Mauro, se o senhor não puser a mão lá dentro aquilo lá vai acabá. Aquilo lá num vai pra diante de jeito nenhum, aquele clube num vai pra diante'. Aquelas coisas assim. De fato num...nunca realizaram assim, uma coisa de grande monta, que fizesse, fosse sucesso.*[149]

A fala do professor denota não só a resistência que o clube encontrou no início, como também a necessidade de aceitação por parte da ala tradicional para que o novo espaço fosse incorporado pelas antigas elites da cidade. O professor Mauro foi a chave da aceitação, o que aconteceu no início dos anos 1970, mais precisamente em 1972, quando a

[149] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.

nova diretoria do Clube Recreativo tomou posse, tendo o professor como diretor social: *Aceitei o cargo de Diretor Social para fazer o que sempre fiz: promoção da gente de Coromandel, divulgação das pessoas e dos fatos.*[150] A partir daí acontece a junção de antigas e novas promoções na vida do clube.

Festas tradicionais como o "Baile dos Brotos"; "Baile das Debutantes" e de Formatura aparecem ao lado de novidades como: "Baile de Reveillon"; "Baile de Carnaval"; "Baile Discotheque" e "Destaques do Ano", além dos inéditos festivais do Chopp.



Imagem 26 - Baile dos Brotos do Ano, realizado no Clube Recreativo Coromandelense nos anos 1970. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

[150] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°107, 11/02/1972.



Imagem 27 - Baile de Debutantes, década de 1970, no Clube Recreativo. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.



Imagem 28 - Mauro Marinho e Terezinha Machado como mestres de cerimônia em evento do Clube Recreativo, década de 1970. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

Apesar de atraírem o público- a comunidade prestigiava as promoções do clube, às vezes não tanto quanto se esperava- as festas promovidas no Clube, não tinham mais o mesmo significado.

> *O Baile dos Formandos um sucesso. O único senão, foi a não observância do traje exigido pelo convite. Vamos ser coerentes. Vamos valorizar o ambiente com nossa presença, trajando-nos de acordo com a seriedade dos acontecimentos.E para os que ainda não aprenderam, uma noçãozinha de etiqueta: traje esporte não se presta para solenidades na Igreja, nos clubes, nos fóruns. Quando um clube exige traje esporte, é claro que se trata de esporte fino. Tênis e camiseta nunca foram trajes para uma festa social. Passeio completo é paletó e gravata. Passeio, simplesmente, exige menos e se tolera a ausência de gravata e muitas vezes do paletó.*[151]

Sinal da mudança dos tempos, especialmente após a popularização da televisão, a resposta não era mais a mesma, os eventos antes prestigiados num clima de glamour e comoção, haviam ficado para trás. Por meio do um artigo "Sociedade Mosaicos", publicado no cinqüentenário da cidade, vislumbramos a nova realidade:

> *No momento em que festejamos o ano 50 de Coromandel e em que são rememorados fatos marcantes que fizeram o progresso da cidade, justo é que se diga alguma coisa, e muita pode ser dita, dos movimentos sociais que, aqui e ali, vinham trazer alegria e horas de intensa movimentação para o coromandelense que, tangido pela vontade de trabalhar e crescer, buscava nas noites de festa, o oásis para as grandes canseiras. Uma longa história pode ser contada, com todos episódios de beleza e finura, história palpitante onde muita gente foi notícia...Com saudade recordamos...os dias alegres do "Jucas Bar" com o entusiasta Sr.Jucas, promovendo brincadeiras dançantes, numa época onde o bolero, o fox e o mambo faziam sucesso. Uma lista interminável de pessoas que foram notícia naqueles dias, não caberia aqui. Foi no "Jucas Bar", que o Maracanã Esporte Clube realizou a eleição de sua rainha, numa noite das mais alegres e movimentadas. Ainda agora, estamos vendo o casal Adalci-Pedro Matias, feliz como ninguém, aplaudindo a vitória de sua filha, Maria das Dores Matias, exuberante no seu esvoaçante vestido branco. Foi no "Jucas Bar" que, pela primeira vez se dançou ao som de uma moderna HI-FI, uma aquisição gigante para a época. "Jucas Bar" das noites alegres, dos bate-papos após a missa do domingo, da quadrilha na noite de São João, bem ensaiada por Tomaz Machado. "Jucas Bar", o salão de vidro que já teve seus dias de glória... "Clube das 16", movimento social que reunia uma turma de moças inteligentes e animadas, que promoviam piquiniques na Lagoa, no Poço Verde e expandiam alegria onde quer que estivessem.A cidade foi crescendo e o salão do Jucas foi-se tornando pequeno. Foi então que se pensou em construir o Salão de Festas no Ginásio. Salão que tem sua história pontilhada de lembranças alegres e noites grandiosas. E naquele tempo o conceito de festas e de bem vestir*

[151] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°115, dezembro de 1972.

era bem outro. Sociedade requintada, fazendo presença nos bailes de gala, onde o paletó e a gravata eram imprescindíveis. A seriedade da moda época dava à mulher um aspecto de elegância e distinção. As que pontificam elegância naquele tempo, são as mesmas que ainda hoje são notícia onde quer que estejam. Elegância inata, vencendo o tempo e o modernismo. Hoje, o mundo é bem outro. A técnica, o desejo de renovação, fizeram desaparecer a poesia nas coisas e nas pessoas.Salão do Ginásio...com o amigo Roberto Matias vigiando o pequeno motor de luz, desaparecia e, lá ia ele fazer o motor funcionar para que o baile continuasse. A idéia de CEMIG nem fazia parte dos planos de progresso. Nossa energia elétrica desaparecia às 22 horas e, nas noites de festa é que o salão se iluminava, madrugada a dentro. Festas onde, uma interminável lista de presenças dava o destaque maior. Seriedade e imponência eram as tônicas das festas. Hoje, os casais não vão mais aos bailes.

Fugiram, talvez pela aversão aos conjuntos barulhentos, sem violino, pistão ou clarinete. Fugiram, talvez, tangidos pela invasão da juventude que freqüenta a seu modo, os salões de baile, e com raras excessões, muitos dos jovens que já comparecem, vão muito mais para "aparecer" do que para serem notados e marcar presença distinta.Festas Colégio...Noite dos Brotos...Miss Férias...10 Mais...Rainha dos Estudantes. Desfile de uma geração que nunca desmereceu os aplausos que recebia.Festas do Colégio...Noite de gala com as peças de teatro. Gente de pé aplaudindo artistas jovens. Gente nova fazendo sucesso para adultos. Os corais e os shows que levavam multidões para aplausos. E como sabiam aplaudir...Noite de entusiasmo e incentivo para muita gente nova, como você, Nivaldo, Arendo, Ana Maria Severina, Teresinha Conceição, José Flávio, Dogercy, Álvaro, Ermira, Nilza Honorato, Magda, Lacir, Darinho, Maria abadia, Leni e você, principalmente você, Maria Ângela Costa, que muito mais que arrancar aplausos com suas interpretações brilhantes, ajudava a organizar, a distribuir convites, a promover sua cidade, e você crescendo com ela. Quanta gente boa que soube aproveitar os dias felizes de Ginásio, improvisando talento e arte...

E as reuniões em casa de família? Vez por outra uma residência era aberta para as famosas brincadeiras com eletrola a pilha. Hoje, a sociedade se trancou...Tudo está tão diferente...O panorama é bem outro. E dizer que contamos com dois excelentes clubes e uma população bem mais numerosa.

As festas não têm mais o calor de outrora e os aborrecimentos são bem maiores que as alegrias. Antigamente, quando se saía a pedir emprestadas mesas e cadeiras para um baile, as canseiras não eram contadas. O sucesso superava o trabalho e os longos dias de preparativos.

Tudo mudou...basta que se diga da euforia do povo em relação ao esporte. Coromandel possuía dois excelentes times de futebol e iam a cidades vizinhas, na corrida para o intercâmbio esportivo e social. O Ginásio possuía seu time de futebol de salão...E quantas vezes foi vencedor em Patrocínio, Monte Carmelo, Abadia, Paracatu, Vazante e Lagamar...Hoje, a promoção dos Jogos de Inverno não encontra ressonância.

Desapareceram os atletas: Estão eles muito mais preocupados com os últimos passos do belisquete e com a aparência pessoal que tem que somar pontos no volante de um carro que, percorre e cansa de percorrer as ruas da cidade sem nada encontrar ou oferecer. Ah! Como as coisas mudaram! E nem se deve culpar o tempo: Nós é que o fazemos a nosso modo. Fazer este retrospecto, nesta hora de festa cinqüentenária é mais que necessário. Os de hoje devem saber o que foram os de ontem. A imagem dos que os antecederam não se apagará jamais. Está bem viva. É uma página de imorredoura saudade. Um Capítulo, à parte, na vida social

> *da Capital do Diamante, hoje tão progressista, mas bem longe de se projetar socialmente como devia. É necessário sacudir os alicerces da atual situação e arregaçar mangas para a implantação de uma vida social das mais alegres e fecundas. Promoções não faltam. O que falta é aceitação...dinamismo...coragem. Os de hoje devem pensar no amanhã. E concluo, perguntando: será que no ano 100 de Coromandel,alguém poderá escrever e dizer dos hoje são responsáveis pelo progresso e pela sociedade, o mesmo que dissemos daqueles que fizeram o ano 50? Isto faz pensar...*[152]

Mudanças comportamentais surgiam assim como novos espaços de convívio social: o Guapiara Tênis Clube e os clubes de serviço como Lions, Rotary são dessa época. Espaços que dividem a sociedade e alteram o perfil social da cidade com a promoção de eventos sociais. O Clube Recreativo Coromandelense se torna mais um local entre muitos outros de lazer na cidade, não exercia a influência dos "bailes do colégio", pelo contrário, o Clube não só adaptava-se a nova realidade, como era palco de novas atitudes:

> *Nota 0 para uma turma de rapazes e moças que agora aprenderam a dançar fumando. Nada mais deselegante e rasteiro que o novo costume. Em nome do modernismo muita coisa "cafona" ganha notoriedade, porém, negativa.*[153]

Coromandel crescia, a população urbana também e as práticas de sociabilidade refletiam essa transformação. O modo de viver e se portar em sociedade sofriam alterações diante das facilidades da vida moderna, antigas práticas eram postas de lado:

> *E a lista dos "Destaques do ano"? – Resolvi não lançá-la mais e destacar apenas, o Destaque do Ano. As listas de elegantes e outras já não fazem mais sentido. Tudo evoluiu e marchamos para a simplificação das coisas e dos acontecimentos. Em outro local deste jornal você conhecerá o "Destaque do Ano".*[154]

A vida social que antes acontecia em núcleos fechados se abre para toda comunidade por meio das festas populares. Ligadas ou não ao setor agrícola, as novas promoções atraíam o público. As Exposições Agropecuárias, com rodeios e shows sertanejos, surgem no início dos anos de 1980 e permanecem até os dias atuais (em 2006 foi realizada a XXVI Expo-Coró) como um dos grandes acontecimentos da cidade. Aguardado com anseio como nos diz D. Terezinha:

---

[152] MARINHO, Mauro. Sociedade Mosaicos. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°122, 01 nov. 1973.
[153] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°104, 08 nov. 1971.
[154] MARINHO, Mauro. Coromandel em Revista. **Coromandel Notícias**. Coromandel, jan.1978.

> *(...) exposição as pessoas esperam o ano inteiro porque é a época em que reúnem as pessoas de Coromandel que moram fora, que os amigos vem, que os familiares vem. Toda casa recebe, os hotéis lotam...os parentes, os amigos se reencontram, sabe?*[155]

Ao lado das exposições, a Festa do Coromandelense Ausente, promovida no aniversário da cidade, reúne coromandelenses espalhados pelo país inteiro. A festa tornou-se o segundo maior evento da cidade.

O Clube Recreativo se manteve funcionando até o final da década de 1990. Atualmente encontra-se fechado, com sérios problemas estruturais.

---

[155] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento. Cit.

2.3 A escola e suas novas linguagens e expressões culturais: o teatro, o grêmio estudantil, as excursões.

Anterior a inauguração do Ginásio Municipal de Coromandel, em março de 1958, a vida escolar em Coromandel se limitava a conclusão do Curso Primário, feito nos Grupos Osório de Morais e Egídio Machado ou nas salas multiseriadas das escolas rurais. Somente os alunos pertencentes as famílias tradicionais, com condições de manter seus filhos estudando fora, davam prosseguimento aos estudos. A sua continuidade em colégios internos da capital do Estado ou mesmo em cidades vizinhas, era sinônimo de posse por parte da família e de destaque na sociedade. Ter filhas e filhos estudando em colégios dirigidos por freiras e padres, além de motivo de orgulho para os pais atribuía status a família; nível de escolaridade era um dos grandes diferenciais da época. Concluir os estudos em colégios internos denotava ótima formação escolar, religiosa e doméstica, especialmente das mulheres, que aprendiam não só conteúdos tradicionais, mas também freqüentavam aulas de música, pintura e de trabalhos manuais. Além de se formarem professoras chegavam ao fim do curso com diversas habilidades desenvolvidas, seja na área das artes plásticas ou do artesanato[156]. Uma parcela dos homens concluía os estudos se formando em contabilidade, a minoria, homem ou mulher, entrava para a universidade.

> *(...) Naquela época a gente estudava em colégio interno. Os pais só deixavam a gente estudá em colégio interno. Era uma educação muito rigida.*
> *(...) acabava-se o primário, fazia-se curso de admissão pra depois passar pro Ginásio. A gente saia pra fazê esses cursos. Nos saiamos muito novas de casa e só saia quem tinha condições pra sai, que os pais podiam manter os filhos fora. Quem não podia ficava sem estudar. Graças a Deus, o papai, né? Mesmo com muito sacrificio ele mandô pra fora pra estudá, minha irmã e eu.*[157]

Nesse sentido, devemos ressaltar que os filhos das famílias abastadas que saíam de casa muito novos, ainda crianças, retornavam jovens adultos. Passavam parte da infância e toda a adolescência longe da cidade (vinham no período de férias escolares), do convívio da

---

[156] Sobre o tema Cf.: PUGA SOUSA, Vera Lúcia. **Entre o Bem e o Mal** (Educação e Sexualidade – Anos 60 – Triângulo Mineiro). São Paulo: USP, 1991. (Dissertação de Mestrado)
[157] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento cit.

família e dos amigos. A liberdade vivida durante a primeira infância, com brincadeiras de rua, era suspensa com a sua saída da cidade. Isso para aqueles que tinham condições financeiras, aqueles que não tinham recursos ou interesse em seguir os estudos começavam a trabalhar cedo, seja em atividades na cidade ou no campo. Às mulheres cabia lecionar e aos homens trabalhar no comércio ou na lida da roça.

Havia uma distinção entre os que saíam pra estudar e os que permaneciam na cidade. Os primeiros se destacavam pela instrução e pelo período vivido em centros maiores; o restante geralmente filhos de famílias humildes, seguiam a vida e não se destacavam na sociedade.

> *(...) também quando chegava os estudantes, porque era muito importante, porque a cidade era pequena e pouca gente estudava. Então é a turma que ficava dizem que eles falavam: -' Oh! Vai chega fulana, vai chegá ciclana e ta'l. A gente tinha aquela turma que estudava fora...antes de tê o Ginásio era assim, sabe? O pai ia busca, por exemplo, juntava um pai pra busca 10, 12 que estudava fora. Então quando a gente chegava era aquele sucesso, né? Tinha novidade, muita gente de fora. Corte de cabelo? Nossa! Era aquele ti ti ti. Era roupa, era sapato, era tudo.*[158]

Com a aparição do colégio no final da década de 1950 essa realidade sofre alterações.Reflexo da política nacional, Coromandel passa a buscar elementos que denotassem desenvolvimento. E a criação do Ginásio se prestava a isso, ou seja, a presença de uma escola ginasial, além de avanço na área educacional significava o crescimento, a modernização da cidade. O Ginásio foi um dos símbolos concretos na transformação do espaço. A partir da sua criação o universo cultural e social dos coromandelenses conhece muitas novidades.

---

[158] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.

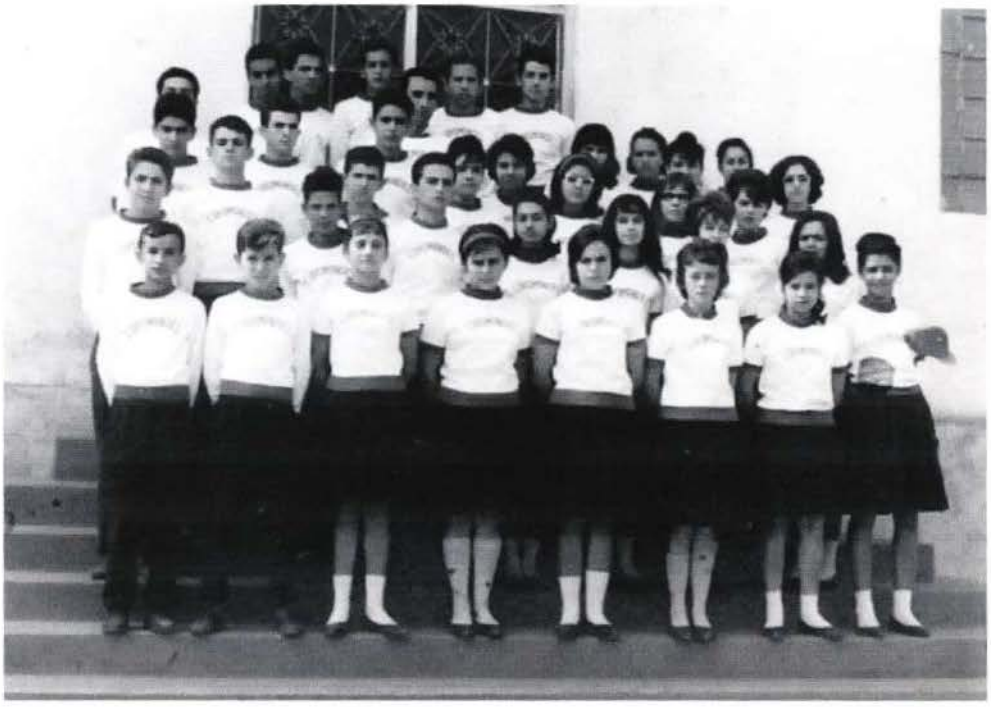


Imagem 28 - Alunos na fachada do Ginásio Municipal de Coromandel, década de 1960. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

Fruto do ideal de homens como o Sr.Joaquim Botelho, o Ginásio tem na criação da Fundação Educacional de Coromandel o primeiro passo para a concretização do projeto. Aprovada na Câmara Municipal em 28 de julho de 1957, a Fundação seria o órgão responsável pela construção e manutenção do Ginásio Municipal. Concluída as obras do Ginásio, o grande desafio era arregimentar professores para lecionar em Coromandel. Os padres de Araguari aceitavam o convite contanto que o Ginásio matriculasse somente homens; a mesma exigência foi feita pelas freiras de Patrocínio, ou seja, iriam para Coromandel se o Ginásio fosse um colégio feminino. Diante do impasse os responsáveis pela escola optaram pela busca de professores fora da esfera religiosa; pois tinham como meta o funcionamento de uma escola mista. Vale ressaltar que essa idéia encontrou resistências em algumas famílias. Mesmo após a inauguração do Ginásio, coromandelenses, principalmente as mulheres, continuavam a sair da cidade rumo a Araguari, Patrocínio, Uberaba, Araxá para estudar, tendo em vista que a idéia de escola mista não agradou a muitos pais, que taxavam a idéia como avançada demais e imprópria para suas filhas.

O fato do colégio ser misto não significava que seu espaço seria aberto a todos. O acesso à educação continuava restrito àqueles que tinham recursos, haja vista a escola ser

paga. Somente as elites locais tinham filhos estudando no Ginásio Municipal, havia distribuição de bolsas de estudos, por meio da Fundação Educacional, para os alunos carentes que não podiam arcar com o valor das mensalidades, mas, mesmo assim, a grande maioria ficava sem poder estudar.

A contratação de professores vindos de outras cidades possibilitou a inauguração do Ginásio Municipal de Coromandel, que aconteceu em março de 1958. A chegada dos professores de fora não só permitiu o início das atividades no colégio como também instigou o interesse dos alunos, provocando o aparecimento de novas práticas de sociabilidades. O espaço do Ginásio representava mais do que um local destinado a transmissão de conteúdos, era um local de cultura e lazer. Isso porque o Ginásio, por meio da ação de seus alunos e professores inaugurou e trouxe práticas até então inéditas àquela comunidade. Era um espaço aberto as diversas áreas do conhecimento: música, teatro, cinema, literatura e artes plásticas. Projetos culturais promovidos durante os primeiros anos do colégio movimentaram a cidade, mexeram com hábitos e costumes interioranos.

Do Ginásio adveio o grupo de teatro, o coral de alunos, o grêmio estudantil, os festivais de música, as semanas do estudante, os bailes com orquestras, as excursões pelo Brasil e a criação do primeiro jornal da cidade: "Coromandel em Revista". Todas essas novidades foram possíveis graças ao trabalho do corpo docente do Ginásio, composto não só de professores de fora, mas também de profissionais recrutados na própria cidade, especialmente do professor Mauro Orlando Barbosa Marinho que, com o empenho dos alunos e o apoio da sociedade, realizou inúmeros eventos, com bastante sucesso. Eventos, que extrapolavam o espaço do colégio e se transformavam em eventos sociais da cidade. À figura do Professor Mauro é atribuída o estímulo para a mudança na convivência social:

> *(...) Coromandel teve duas fases, uma fase social antes Mauro e uma fase social pós Mauro. Então quando o Mauro trouxe o Colégio, que começô o ginásio.*
> *(...) portanto, Mauro fez com que Coromandel saltasse socialmente. Por que? Porque passou a organizar festas que nós nunca pensamos que nós iríamos ter.*[159]

A permanência de um maior número de jovens na cidade e a bagagem cultural dos professores suscitaram o surgimento de vários projetos no espaço da escola, que não se

[159] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento cit.

restringia à aplicação de aulas, provas e a exibição de conteúdos, mas em um espaço de aprendizagem e amadurecimento.

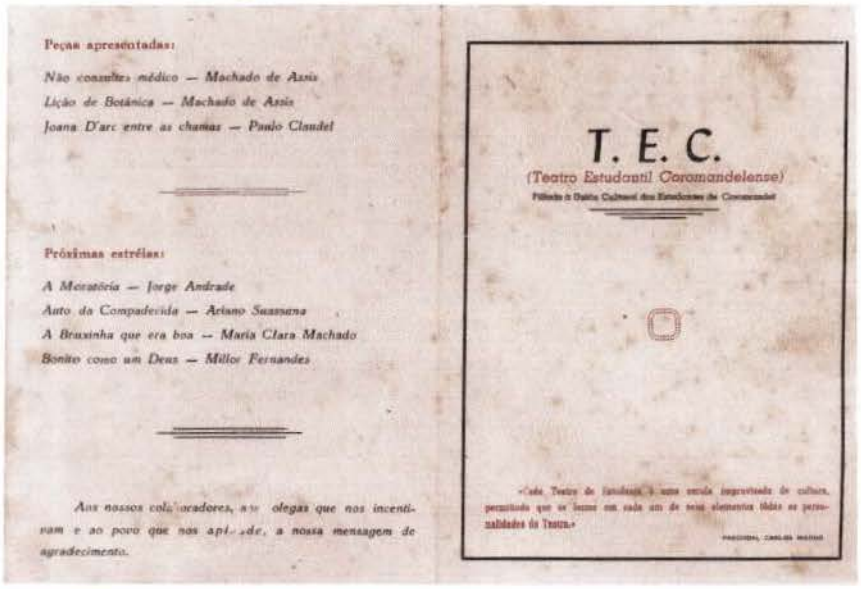
A fundação do TEC – Teatro Estudantil Coromandelense – filiado à União Cultural dos Estudantes, em abril de 1960 ilustra a linha de ensino seguida por professores e alunos do Ginásio. O teatro dos estudantes marcou uma época e causou repercussão também em cidades da região. As peças de estréia foram: "Não consultes Médico" e "Lição de Botânica", ambas de Machado de Assis, a partir daí muitas outras foram montadas. Anterior a criação do TEC, o teatro já acontecia, foi encenado em 1958 o "Alto da Compadecida" de Ariano Suassuna, por atores amadores e com simples produção.

Participando ativamente do grupo, cabia ao professor Mauro a escolha e adaptação dos textos encenados, a escalação dos atores, a criação dos cenários e a direção do espetáculo. Para isso sempre contava não só com a ajuda dos alunos, mas também de mães de alunos e pessoas da sociedade. Figurinos eram especialmente confeccionados para as peças, mobiliário era emprestado por algumas mães para a composição do cenário. A cidade se mobilizava para que tudo saísse a contento, pois as apresentações, geralmente duas ou três, feitas no palco do Cine União, eram abertas ao público. A bilheteria do espetáculo era destinada a algumas melhorias no Ginásio e a construção do seu salão de festas é exemplo disso.

Apesar de os atores serem muito jovens e amadores o teatro estudantil se firmou e fez fama pela região. Algumas peças foram encenadas pelo grupo em Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Os textos montados: "Alto da Compadecida" de Ariano Suassuna; "Não Consultes Medico" e "Lição de Botânica" de Machado de Assis; "Joana D'arc em Chamas" de Paul Claudel; "A Moratória" de Jorge Andrade; "A Bruxinha que era boa" de Maria Clara Machado; "Bonito como um Deus" de Millôr Fernandes; "Isabel do Sertão" de Luiz Jardim; "O Diário de Anne Frank"; "My Fair Lady" e "Liberdade, Liberdade" de Millôr Fernandes e Flavio Rangel; refletem a capacidade de circulação das idéias e da cultura. Através do professor Mauro (responsável pela escolha e adaptação dos textos), que fazia a ponte entre o local e o nacional, Coromandel entrava em contato com questões discutidas nos maiores centros do país:

Vi novamente, "LIBERDADE, LIBERDADE". Mais uma vez fiquei entusiasmado para montar esse espetáculo em Coromandel. Já trouxe o necessário.[160]

"LIBERDADE, LIBERDADE", será ainda apresentada dia 21, a preços populares. Ninguém deve deixar de ver o espetáculo que estreará também em Belo Horizonte na mesma época.[161]



Peças apresentadas:

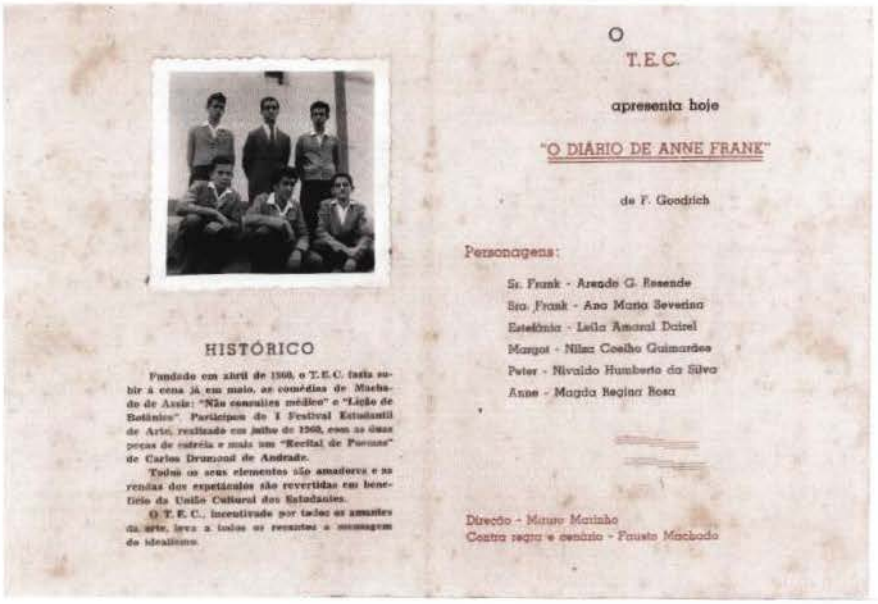
Não consulte médico — Machado de Assis
Lição de Botânica — Machado de Assis
Joana D'arc entre as chamas — Paulo Claudel

Próximas estréias:

A Moratória — Jorge Andrade
Auto da Compadecida — Ariano Suassuna
A Bruxinha que era boa — Maria Clara Machado
Bonito como um Deus — Millor Fernandes

Aos nossos colaboradores, aos colegas que nos incentivam e ao povo que nos aplaude, a nossa mensagem de agradecimento.

T. E. C.
(Teatro Estudantil Coromandelense)



HISTÓRICO

Fundado em abril de 1960, o T.E.C. teria subir à cena já em maio, as comédias de Machado de Assis: "Não consulte médico" e "Lição de Botânica". Participou do I Festival Estudantil de Arte, realizado em julho de 1960, com as duas peças de estréia e mais um "Recital de Poemas" de Carlos Drummond de Andrade.

Todos os seus elementos são amadores e as rendas dos espetáculos são revertidas em benefício da União Cultural dos Estudantes.

O T. E. C., incentivado por todos os amantes da arte, leva a todos os recantos a mensagem de idealismo.

O
T.E.C.
apresenta hoje
"O DIÁRIO DE ANNE FRANK"
de F. Goodrich

Personagens:

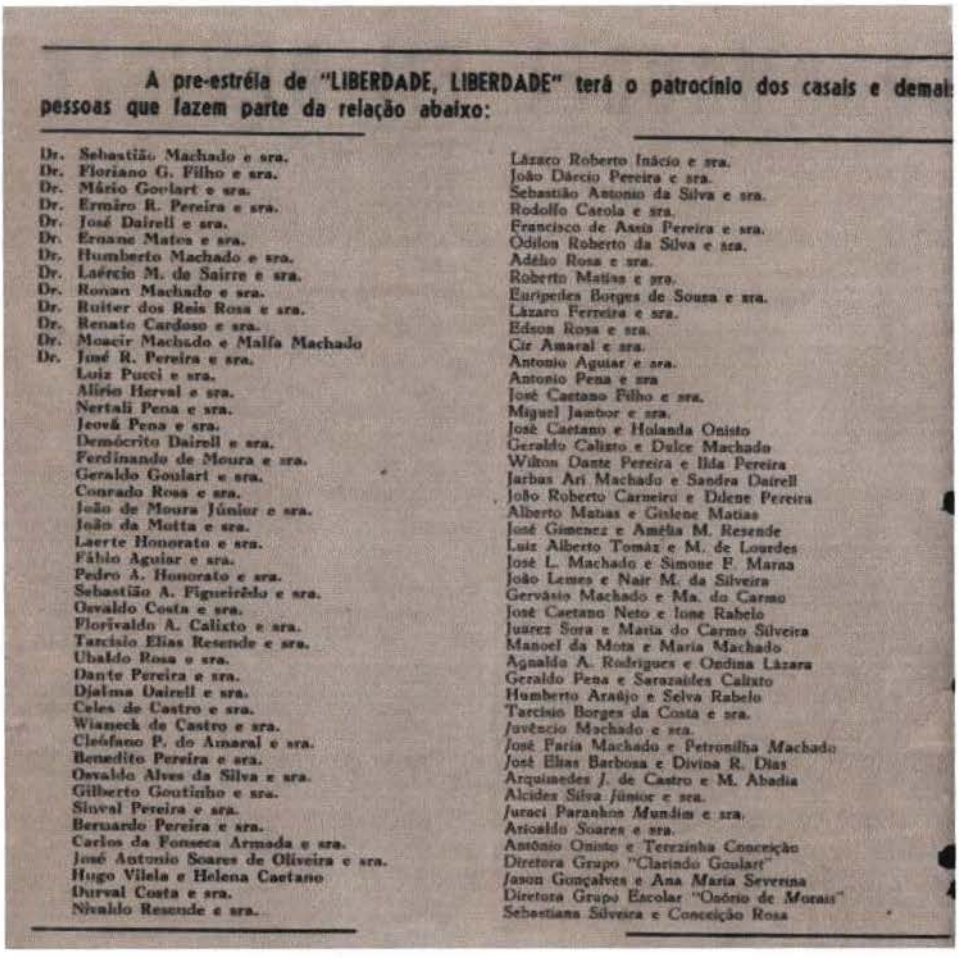
Sr. Frank - Arnaldo G. Resende
Sra. Frank - Ana Maria Severina
Estelânia - Leila Amaral Daiel
Margot - Nilza Coelho Guimarães
Peter - Nivaldo Humberto da Silva
Anne - Magda Regina Rosa

Direção - Mauro Marinho
Contra regra e cenário - Fausto Machado

Imagem 29 e 30 - Folder do Teatro Estudantil Coromandelense. Acervo da **Casa da Cultura de** Coromandel.

[160] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°128, jul.1966.
[161] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°144, set.1966.

Um dos sinais mais fortes dessa ligação foi a montagem em setembro de 1966 de "Liberdade, Liberdade", de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, em plena ditadura militar. O espetáculo no palco do Cine União que contou com a mobilização de parte das elites locais, encantou os coromandelenses, foi apresentado outras vezes, como também viajou pela região: *Nosso Teatro de Estudantes (TEC) foi a Araguari exibir, a convite das alunas do Colégio local, a peça "LIBERDADE, LIBERDADE". Pelos aplausos podemos constatar que o espetáculo agradou.*[162] Um texto com alto teor de contestação, levado ao palco por jovens estudantes num período de intensa agitação cultural e repressão militar.[163]



A pre-estréia de "LIBERDADE, LIBERDADE" terá o patrocínio dos casais e demais pessoas que fazem parte da relação abaixo:

Dr. Sebastião Machado e sra.
Dr. Floriano G. Filho e sra.
Dr. Mário Goulart e sra.
Dr. Ermiro R. Pereira e sra.
Dr. José Dairell e sra.
Dr. Ernane Matos e sra.
Dr. Humberto Machado e sra.
Dr. Laércio M. de Sairre e sra.
Dr. Ronan Machado e sra.
Dr. Ruiter dos Reis Rosa e sra.
Dr. Renato Cardoso e sra.
Dr. Moacir Machado e Malfa Machado
Dr. José R. Pereira e sra.
Luiz Pucci e sra.
Alírio Herval e sra.
Nertali Pena e sra.
Jeová Pena e sra.
Demócrito Dairell e sra.
Ferdinando de Moura e sra.
Geraldo Goulart e sra.
Conrado Rosa e sra.
João de Moura Júnior e sra.
João da Motta e sra.
Laerte Honorato e sra.
Fábio Aguiar e sra.
Pedro A. Honorato e sra.
Sebastião A. Figueirêdo e sra.
Osvaldo Costa e sra.
Florivaldo A. Calixto e sra.
Tarcísio Elias Resende e sra.
Ubaldo Rosa e sra.
Dante Pereira e sra.
Djalma Dairell e sra.
Celes de Castro e sra.
Wianeck de Castro e sra.
Cleófano P. do Amaral e sra.
Benedito Pereira e sra.
Osvaldo Alves da Silva e sra.
Gilberto Goutinho e sra.
Sinval Pereira e sra.
Bernardo Pereira e sra.
Carlos da Fonseca Armada e sra.
José Antonio Soares de Oliveira e sra.
Hugo Vilela e Helena Caetano
Durval Costa e sra.
Nivaldo Resende e sra.

Lázaro Roberto Inácio e sra.
João Dárcio Pereira e sra.
Sebastião Antonio da Silva e sra.
Rodolfo Carola e sra.
Francisco de Assis Pereira e sra.
Odilon Roberto da Silva e sra.
Adélio Rosa e sra.
Roberto Matias e sra.
Eurípedes Borges de Sousa e sra.
Lázaro Ferreira e sra.
Edson Rosa e sra.
Ciz Amaral e sra.
Antonio Aguiar e sra.
Antonio Pena e sra
José Caetano Filho e sra.
Miguel Jambor e sra.
José Caetano e Holanda Onisto
Geraldo Calixto e Dulce Machado
Wilton Dante Pereira e Ilda Pereira
Jarbas Ari Machado e Sandra Dairell
João Roberto Carneiro e Dilene Pereira
Alberto Matias e Ginlene Matias
José Gimenez e Amélia M. Resende
Luiz Alberto Tomáz e M. de Lourdes
José L. Machado e Simone F. Maraa
João Lemes e Nair M. da Silveira
Gervásio Machado e Ma. do Carmo
José Caetano Neto e Ione Rabelo
Juarez Sora e Maria do Carmo Silveira
Manoel da Mota e Maria Machado
Agnaldo A. Rodrigues e Ondina Lázara
Geraldo Pena e Sarazaides Calixto
Humberto Araújo e Selva Rabelo
Tarcísio Borges da Costa e sra.
Juvêncio Machado e sra.
José Paria Machado e Petronilha Machado
José Elias Barbosa e Divina R. Dias
Arquimedes J. de Castro e M. Abadia
Alcides Silva Júnior e sra.
Juraci Paranhos Mundim e sra.
Arioaldo Soares e sra.
Antônio Onisto e Terezinha Conceição
Diretora Grupo "Clarindo Goulart"
Jason Gonçalves e Ana Maria Severina
Diretora Grupo Escolar "Osório de Morais"
Sebastiana Silveira e Conceição Rosa

Imagem 31 - Lista de casais que contribuíram na montagem da peça *Liberdade. Liberdade*. Fonte: **Coromandel em Revista**, set. 1966.

[162] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°137, set.1967.
[163] GONÇALVES, Marcos Augusto e HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Cultura e Participação nos anos 60.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

A respeito da escolha dos textos e da produção, professor Mauro ressalta:

> *(...) Então, eram textos assim. Eu achava que era perda de tempo trazê uma comediazinha, uma coisinha assim de pouco valor cultural. Porque ao mesmo tempo que você trazia diversão para o povo, você ia fazendo o aluno se inserir dentro da dramaturgia, né? Não era fácil não, cê vê! claro que não esperava uma apresentação maravilhosa, perfeita tecnicamente perfeita, não era. Mas, nós íamos apresentá em Araguari, apresentá em Monte Carmelo, em Patrocínio.*[164]

Outra peça de grande sucesso que marcou época na cidade foi a montagem de "My Fair Lady". Musical estrelado por Bibi Ferreira e Paulo Autram chegou à Coromandel por intermédio do Professor Mauro, que durante uma viagem ao Rio de Janeiro, não só assistiu ao espetáculo como trouxe a trilha sonora. A produção contou com o auxílio de alunos e senhoras da sociedade; Dona Adalci Araújo foi a responsável por confeccionar o figurino da peça, composto de chapéus, luvas e vestidos de gala. A montagem sofreu adaptações, somente alguns quadros foram apresentados, a história da florista que se torna uma dama foi preservada; a música tocava e os atores cantavam em cima.

> *(...) me lembro de uma vez que ele* (Mauro Marinho) *apresentô aquela "My Fair Lady"...então eu ainda brinquei com o Mauro, que ele levô pro Ginásio tudo do melhor, aquelas loças que a gente ganhava de casamento. Ainda brincava com ele: -Se você quebrá minhas coisas, cê tá...Mas então levô, tudo muito bem feito, sabe? A peça foi muito bem apresentada, o figurino, minha mãe que ajudô, aqueles chapéus maravilhosos, as roupas, sabe? Tudo improvisado, tudo feito aqui mesmo, sabe? Mas era muito bem organizado, o Mauro tinha muito bom gosto, sabe? Ele era muito inteligente e tinha a ajuda de todo mundo, sabe? Muita gente participava.*[165]

---

[164] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.
[165] HONORATO, Maria das Dores Matias. Depoimento cit.



CENAS

I ATO

ABERTURA - Um subúrbio pobre de uma grande cidade
CENA I - No pórtico de um Teatro. Noite Alta.
CENAS II a VIII No escritório de Mrs. Higgins

II ATO

CENA I - Vestíbulo de um camarote em Ascot
CENA II - No escritório de Higgins
CENA III - Escritório de Higgins
CENA VI - Quarto de Elisa
CENA V - No escritório

A gravação dos coros é da CBS com as vozes dos artistas Paulo Autran e Bibi Ferreira que interpretaram no Rio e em S. Paulo os papéis de Mrs. Higgins e Elisa Doolittle respectivamente.

O T.E.C.

apresenta

MY FAIR LADY

(Minha Querida Lady)

de

Bernard Shaw

Coromandel, Novembro de 1964

Imagem 32 - Folder da peça My Fair Lady encenada em nov. 1966.

Como podemos perceber as montagens do TEC não se limitavam ao espaço do colégio, eram eventos prestigiados pela sociedade. Havia não só uma intensa mobilização de alunos e de alguns moradores, como também material de propaganda para divulgação da peça. Alguns convites eram feitos individualmente, geralmente destinados as personalidades locais. O teatro, mais que uma atividade cultural dos alunos – as peças apresentadas causavam sensação na cidade, a produção caprichada nunca vista antes e a relevância dos textos encenados – consistia em um evento social para os coromandelenses; quase sempre aconteciam horas dançantes antes ou após as apresentações, onde era servido um coquetel. Por isso, ir ao Cine União assistir ao teatro, exigia uma toalete especial.

Além de manifestação artística, os projetos culturais do TEC – peças teatrais, festivais, shows, dança, folclore – não só chamavam atenção do público por alinhar Coromandel a um cenário urbano, como também criavam novos espaços para as práticas de sociabilidades. As promoções, quase sempre realizadas no Cine União e no salão nobre do Ginásio, quebravam a rotina, promoviam o encontro e inauguravam novas formas de lazer.

Ligado também ao Ginásio e a União Cultural dos Estudantes de Coromandel, estava o "Coral Carlos Gomes". Composto por alunos, o Coral fazia apresentações públicas em eventos, não só relacionados ao colégio, mas também em cerimônias religiosas e cívicas. Cantavam em missas, comemorações oficiais, festivais entre outros eventos.

As excursões também tinham ligação com o Ginásio. Por iniciativa do professor Mauro Marinho, que sempre viajava e trazia novidades, eram promovidas anualmente desde 1964. Funcionava da seguinte forma: uma comissão formada por alunos ficava responsável por arrecadar todos os meses uma quantia em dinheiro; no final do ano fazia-se um balanço do dinheiro depositado, escolhia-se o local a ser visitado e dividia o dinheiro entre condução e hospedagem. A participação não se limitava apenas aos alunos mas também aos familiares; muitas vezes algumas mães iam acompanhando os filhos e ajudavam os professores a tomar conta dos alunos:

> *Neste ano o Rio comemora seu 4° centenário. Estamos organizando uma excursão para o fim do ano. Temos adesões e já nos lançamos ao trabalho de programação, estadia, etc. Se você se interessar pelo assunto, estamos aptos a servi-lo.*[166]

Os locais escolhidos para a viagem eram variados: iam desde de São Paulo, Rio de Janeiro até Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina. A respeito dos programas realizados nessas viagens, Mauro recorda:

> *(...) que tinha de mais importante é...Rio de Janeiro: a praia todo dia quando fazia sol, né? E a tarde era Pão de Açúcar, Corcovado, Maracanã. Não havia a Ponte Rio-Niterói ainda...Maracanã e...Ilha de Paquetá.*[167]

A repercussão que as excursões causavam e a sua aceitação denotavam a confiança dos pais nos professores do colégio e a mudança de mentalidade que a presença do Ginásio provocou, ou seja, os pais não só liberavam os filhos para viajarem sozinhos como enxergavam naquele ato a possibilidade de conhecer outros lugares e expandir os horizontes. Além disso, as excursões transformavam o universo cultural de quem viajava; entravam em contato com outros cenários, outras culturas e isso certamente refletia em suas visões de mundo.

> *(...) as excursões eram muito boas, muito bem organizadas, entendeu? E fazia muito bem as pessoas, culturalmente falando, porque as pessoas através das excursões ficavam conhecendo os lugares. Se não fosse as excursões, não conheciam.*[168]

---

[166] MARINHO, Mauro. **Coromandel em Revista**. Coromandel, n°42, abr.1965.
[167] MARINHO, Mauro O. Barbosa. Depoimento cit.
[168] MACHADO, Terezinha R. Pereira. Depoimento cit.

Essa foi uma prática que sobreviveu ao longo do tempo em Coromandel. Até meados da década de 1990, os alunos do Estadual (Escola Estadual Joaquim Botelho), sob a tutela do professor Mauro, organizavam excursões pelo país.Vale lembrar que apenas os alunos com maior poder aquisitivo participavam das viagens.

O Grêmio Estudantil foi também outra prática advinda com o Ginásio. Diferentemente do que acontece atualmente, o Grêmio, naquela época, fazia parte do currículo, ou seja, era uma matéria como Português, Matemática, na qual os alunos cumpriam atividades propostas. Atividades escolares que visavam a melhor formação dos alunos, relacionadas as matérias humanísticas; os alunos lidavam com literatura, música e atualidades. Às vezes a temática do trabalho estava relacionada as questões da época, outras vezes às datas comemorativas de cada mês do ano. O trabalho era apresentado e discutido com os demais alunos, quando o resultado era muito bom os alunos promoviam uma apresentação especial. Saíam do reduto do colégio iam para o cinema e repetiam a apresentação para a comunidade. Durante 20 anos o Grêmio funcionou.

Fora as apresentações semanais o Grêmio, por meio dos alunos, organizava eventos culturais e auxiliava nas demais manifestações culturais do colégio. Era um espaço aberto ao diálogo, a troca de experiência e sobretudo de aprendizado.

O teatro, o grêmio e o coral do Ginásio Coromandel existiram de forma ativa sob a supervisão do professor Mauro Marinho até meados da década de 1960. Com a inauguração da "Escola Estadual Joaquim Botelho", em 1966 e a transferência de professores pioneiros do Ginásio para essa nova instituição, principalmente do professor Mauro, os projetos culturais foram postos em segundo plano e pouco a pouco extintos do planejamento escolar. A saída dos professores incentivadores do Ginásio e a dificuldade em aplicar esses projetos na Escola Estadual fez com que determinadas práticas desaparecessem da vida cultural e social de Coromandel.

No início dos anos 80 foi feita uma tentativa para reorganizar o teatro de estudantes, o "Grupo Fogo e Água" foi formado, mas não despertou o interesse necessário e sobreviveu por um curto período de tempo.

O Grêmio permaneceu – existiu durante aproximadamente 20 anos – mas não mais com o mesmo formato. Suas ações se limitavam ao espaço da escola.

Símbolo concreto do desenvolvimento da cidade e da redefinição do seu espaço urbano, o Ginásio Municipal de Coromandel, foi capaz de marcar o início de um novo tempo em Coromandel, especialmente no que diz respeito às práticas de sociabilidades. Uma nota publicada – saldo de atividades – nos mostra a importância e o poder de formação em amplo sentido do Ginásio Coromandel:

> BALANÇO CONSOLADOR
>
> *Que Fizemos*
> *No decorrer de seis anos de uma vida alegre e movimentada o Ginásio Coromandel pode apresentar hoje este balanço consolador: Entregou certificado a 95 humanistas/Matriculou mais de 1.000 alunos/Promoveu Semanas Artísticas. Inaugurou uma nova era de Arte e Movimentação Social/Organizou excursões. Apresentou movimentos teatrais dos mais agradáveis/Construiu o Salão Nobre, a sala de visitas da cidade/Instalou uma Biblioteca para uso dos alunos/Fez funcionar um Grêmio Cultural, o mais movimentado da região/Proporcionou às famílias coromandelenses, festa das melhores*
>
> *QUE RESTA FAZER*
> *Impulsionar sempre mais o movimento estudantil/ Dotar o Ginásio de uma praça de esportes/Enriquecer sempre mais a Biblioteca/Projetar o nome do Ginásio regiões a fora/ Esquecer que o trabalho cansa, e agigantar-se mais/ Estabelecer um elo de perfeita harmonia entre pais e mestres/Construir sem esperar recompensa, trabalhar sem alardeio e estar certo de que, quando se faz o que é mister realizar, sem esmorecimento e cansaço, tudo coopera para o bem, até mesmo os fracassos.*[169]

O universo cultural e social dos coromandelenses se transforma após a criação do colégio, sua influencia excedeu os limites da escola e provocou a (re)criação de antigas e novas práticas culturais. Práticas, presentes em uma cultura popular rural, entram em contato, a partir da década de 1950, com novas formas de sociabilidade; símbolos de uma cultura urbana, sofrendo mudanças e (re) inventando um novo modo de vida.

---

[169] MARINHO, Mauro. Balanço Consolador. **Coromandel em Revista**. Coromandel, maio 1964.

Considerações Finais:

Trabalhar com as práticas de sociabilidades na cidade de Coromandel foi e é tarefa muito prazerosa.

A pesquisa possibilitou voltar a um tempo e a uma cidade que não mais existem. Entramos em um "túnel do tempo" e deparamos com uma Coromandel bem diversa da atual, onde as relações pessoais e o modo de viver eram bem diferentes.

As práticas culturais mudaram e com elas a cidade. A Coromandel de hoje está ligada ao mundo globalizado por meio de meios de comunicação como canais de televisão (recebe sinais das redes: Bandeirantes, Globo, Record, Rede TV, SBT, e Cultura, além das parabólicas e TVs por assinatura); emissoras de rádio (Rádio Diamante AM, inaugurada em 1980 e a Rádio Gerais FM de 1994); jornais e, principalmente pelo acesso a internet. A cidade, essencialmente urbana – dos 27.432 habitantes, 20.259 residem na zona urbana – oferece aos seus moradores o aparato necessário a vida moderna: comércio variado; escolas de 1° e 2° graus públicas e particulares; agências bancarias; clubes de serviço, faculdade; ginásios esportivos; serviço de telefonia fixo e móvel; saneamento básico e fornecimento de energia elétrica satisfatórios. Mas, em contrapartida é uma cidade carente em locais de convívio social: não existe cinema e clubes sociais e as práticas de lazer se limitam a bares, boates e exposições agropecuárias.Muito distante da Coromandel de anos atrás, segundo as fontes orais.

Buscamos resgatar um pouco dessa história desconhecida para alguns e presente apenas nas memórias de sujeitos da época, por meio da documentação disponível e das histórias de vida. O trabalho e a pesquisa refletem um "pouco dessa história", tendo em vista que as possibilidades de pesquisa são inúmeras e as fontes poderiam ter sido usadas partindo de outras perspectivas, outras análises poderiam ser feitas, outros sujeitos poderiam ser ouvidos.

A monografia abre a discussão de alguns pontos, propõe outros e insinua alguns. Questões não contempladas no trabalho, mas que suscitam novas análises. Ao tomarmos as práticas de sociabilidades na cidade entre os anos 1950-1985, muitas outras questões vieram à tona. Por ser um trabalho de monografia demos início a algumas discussões,

outros pontos merecem uma análise mais pormenorizada, outros não apareceram explicitamente.

A utilização do jornal "Coromandel em Revista" instiga a pesquisa sobre o papel do colunismo social e da imprensa ajudando a forjar o perfil urbano da cidade; o Cine União como órgão não só de lazer e sociabilidades mas como prática social disciplinadora; o papel do Ginásio na cidade; o lazer da população pobre da cidade – seu olhar sobre as práticas das elites são questões que ficam em aberto para trabalhos futuros.

Por fim, a emergência da cultura de massas, da industria cultural permite problematizar as formas de persistências de práticas culturais populares, suas (re)figurações e elos possíveis com a cultura midiática.

Esse é um novo momento, um novo tempo, em que as mudanças são muito rápidas e as gerações que revolucionaram uma cidade ruralizada da década de 1950, certamente enfrenta dificuldades em se relacionar, socializar, mas tenta se adaptar. Como, de que forma? É um novo recomeço instigante também para a pesquisa.

Fontes Documentais:

1.Impressas:

1.1-Revistas

-Coromandel 73 anos- Suplemento Especial do Jornal Coromandel, 1996

-Coromandel em Revista (publicação da Prefeitura Municipal de Coromandel, 2001

-Revista de Coromandel-Governo Nivaldo Umberto da Silva, 1988

1.2-Jornais

-**Coromandel em Revista,** (1962 a 1967) (1971 a 1977)

-**Boletim Municipal** (Órgão da Prefeitura Municipal de Coromandel-MG), 1969 a 1973

-**O Mediador** (Órgão do Movimento Vicentino de Coromandel-MG), 1974

-**O Comércio**, 1975 a 1976

-**Coromandel Notícias**, 1977 a 1982

-**Carabandela**, 1981 a 1984

-**O Jornal**, 1986 a 1988

-**O Panorama**, 1991 a 1994

-**Gazeta de Coromandel**, 1993 a 1997

-**Jornal Cidade**, 1997

1.3-Memorialistas

-MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. **Escola Estadual Osório de Morais e sua História**. Belo Horizonte: UCMG/FUMARC, 1982.

-MACHADO, Sebastião. **Uma Vida**. Ituiutaba: EGIL-Editora Gráfica Ituiutaba, 2005.

1.4-Atas

-Síntese das Atas da Câmara Municipal de Coromandel - 1947 a 1984

-Composição da Câmara Municipal de Coromandel – 1947 a 1996

-Composição das Mesas da Câmara Municipal de Coromandel – 1947 a 1994

-Lista de Prefeitos e Vice-Prefeitos – 1925 a 1996

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). História dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, 1954.

IBGE.**Censos Demográficos – Minas Gerais**. Série Regional. 1940-1985.

1.4-Diversos

-Almanaques Populares, 1956 a 1984

2-Imagéticas

2.1-Fotografias (54 fotos)

-Salão do Jucas'Bar

-Festas no Salão do Ginásio Municipal de Coromandel

-Encenações do TEC- Teatro Estudantil de Coromandel

-Desfiles Cívicos

-Eventos no Cine União

-Cine União

-Igreja Matriz de Santana

-Ginásio Municipal de Coromandel

-Casa da Cultura de Coromandel

2.2-Folders

-"O Diário de Anne Frank"

-"My Fair Lady"

-"Evolução"

-"Liberdade, Liberdade"

-"A Gaivota"

-"Do Tamanho de um Defunto"

-"Auto da Compadecida"

-Festas Religiosas

-Eventos diversos

-Exposições Agropecuárias

-Bailes

-Cine União

-Desfiles de moda

-Festas

-Festa do Coromandelense Ausente

-Festivais de Arte e Teatro

-Formaturas

-Inaugurações

-Recepções

3-Orais

COSTA, Iracy Ramos, 80 anos. Entrevista concedida em sua residência, Uberlândia, 01/08/2005.

HONORATO, Maria das Dores Matias. Entrevista concedida em sua residência, Coromandel, 11/08/2005.

MACHADO, Sebastião, 87 anos. Entrevista concedida em sua residência, Coromandel, 19/04/2005.

MACHADO, Terezinha Rodrigues Pereira. Entrevista concedida em sua residência, Coromandel, 04/08/2005.

MARINHO, Mauro Orlando Barbosa. Entrevista concedida em sua residência, Coromandel, 21/04/2005.

PEREIRA, Bernardo, 80 anos. Entrevista concedida em sua loja, Coromandel, 11/08/2005.

Nenhum pobre ?

4-Mapas e Planta Baixa (arquitetônica) cidade/cinema

-Mapa da Região do Alto Paranaíba

-Planta Baixa do Cine União

-Planta da Quadra do Cine União, 1978

-Cadastro Imobiliário – Cine União- Prefeitura Municipal de Coromandel

Referências:

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARANTES, Juliana Amorim. **Colunismo social**: o jornalismo de black-tie: o papel do colunismo social na sociedade do espetáculo, Ataliba Guarita Neto – um estudo de caso – Uberaba – 1950/1980. Uberlândia: UFU, 2004. (Diss. Mestrado/História).

ALMEIDA, Antônio. Os Trabalhadores e seus Espaços: Cultura, Experiência e Cotidiano nos Estudos Históricos sobre Identidade Coletiva. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (orgs). **Política, Cultura e Movimentos Sociais**: contemporaneidades historiográficas. Uberlândia/UFU, 2001.

AMADO, Janaína. Apresentação: História e Região: Reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. da. (Coord.). **República em Migalhas. História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero/ ANPUH,1990.

AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e as imagens do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Cinema brasileiro**: propostas para uma história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOSI, Alfredo (org.). **Cultura Brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e Ressentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales:** 1929-1989- a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.

BURKE, Peter. História como memória social. **Variedades da História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. A História cultural: apontamentos, considerações. **Revista ArtCulltura**. Uberlândia: NEHAC/UFU, v.5, n°6, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

CERTEAU, Michel. Culturas populares. In: **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger.**A História cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

COSTA, Cléria Botelho e MAGALHÃES, Nancy Aléssio. **Contar História, Fazer História**: história, cultura e memória. Brasília: Paralelo 15, 2001.

DOSSE, François. A história em migalhas: dos annales à nova história. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1992.

ESPIG, Márcia Janete. **Limites e possibilidades de uma nova história cultural**. Juiz de Fora: EDUFJF, v.4, n.1, 1998.

FERRO, Marc. O filme: uma contra – análise da sociedade? In: LEGOFF, Jacques e NORA (orgs.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

GALVAO, Maria Rita e SOUZA, Carlos Roberto. Cinema Brasileiro 1930-1964. In: PIERUCCI, Antônio Flávio (org.). **O Brasil Republicano, tomo III: educação e cultura (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia da Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Marcos Augusto e HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Cultura e Participação nos Anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Agricultura e Política Agrícola na Década de 70**: a cafeicultura em Araguari – M.G. Campinas: Dep. História/UNICAMP, 1983. (Dissertação de mestrado).

_____.**Estado e agricultura no Brasil**: política agrícola e modernização econômica brasileira. 1960-1980. São Paulo: Hucitec, 1997.

GOUBERT, Pierre. História Local. **História & Perspectivas**. Uberlândia: UFU/ COCHI, n°6, 1992.

HABERT, Nadine. **A Década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEGOFF, Jacques (Org.). **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Memória-História**. Lisboa: Einandi, 1985. (v.1).

LEGOFF, Jacques e outros (org.). **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1983.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: em busca de um referencial conceitual. **Cadernos de História**. Uberlândia: Gráfica da UFU, v.5, n°.5, jan/dez 1984.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. RAMOS, Rosângela Patriota e RAMOS, Alcides Freire. (org.) **História Cultural**: espaços plurais. Uberlândia: Asppectus, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. São Paulo: Departamento de História/ USP, 1998. (Tese, Doutorado).

MATOS, Olgaria. A narrativa: metáfora e liberdade. In: COSTA, Cléria Botelho da e MAGALHAES, Nancy Alessio. **Contar História, fazer História**: História, cultura e memória. Brasília: UNB/ Paralelo 15, 2001.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História.** São Paulo: PUC, n°10, dez.1993.

NORA, Pierre e LEGOFF, Jacques (Orgs.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das Zonas de Paracatu e Alto Paranaíba – M.G**. Rio Claro: Dep. Geografia/UNESP, 1988. (Tese de doutorado).

PINTO, Luziano Macedo. **Situações de Cinema**: tramas e imagens de sociabilidade – Uberlândia 30 a 50. Uberlândia: UFU, 2001. (Diss. Mestrado/História).

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o universo das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. **Revista História & Perspectivas**. Uberlândia: Edufu, n°25/26, 2002.

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos fracos.** Bauru: Edusc, 2002.

_____.Cabra Marcado para Morrer de Eduardo Coutinho: CPC Revisitado e os Conflitos da Memória. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosângela (orgs.). **Histórias e Historiografia**: perspectivas contemporâneas de investigação. Uberlândia: Edufu, 2006.

RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: Do Filme como Documento à escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e PATRIOTA, Rosangela (orgs).

Política, Cultura e Movimentos Sociais: Contemporaneidades Historiográficas. Uberlândia: Edufu, 2001.

_____ e PATRIOTA, Rosângela. Cinema–Teatro–Ensino de História: proposições temáticas e apontamentos metodológicos. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz e CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **História**: narrativas plurais, mútiplas linguagens. Uberlândia: Edufu, 2006.

RAPHAEL, Samuel. História local e História oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 9(19), set. 1989/fev. 1990.

REVISTA PROJETO HISTÓRIA. **Trabalhos da Memória**. São Paulo: PUC, v.17, 1998.

_____. **Ética e História Oral**. São Paulo: PUC, v.15, 1997.

_____. **História e Oralidade**. São Paulo: PUC, v.22, 2001.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, História e Historiografia**. São Paulo: ANPUH, v.25/26, 1993.

RODRIGUES, Eliane Aparecida Silva. Modernidade: uma reflexão a partir das salas de cinema. In: **Guaiás**. Caldas Novas, 2002. volII, n°2e3.

_____. Salas de cinema: espaços de memória e práticas culturais. In: PATRIOTA, Rosângela e RAMOS, Alcides Freire (org.). **História e Cultura**: espaços plurais. Uberlândia: Asppectus, 2002.

RODRIGUES, Eliane A. Silva. **Sociabilidade em Catalão (GO)**: entre o arcaico e o moderno 1920 a 1960. Uberlândia: UFU, 2004. (Diss. Mestrado/História).

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. "História Regional E Local: problemas teóricos e práticos". In: **Revista História & Perspectivas.** Uberlândia: UFU/COCHI, 1997. p.149-164.

RODRIGUES, Marly. **A Década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil.** São Paulo: Editora Ática S.A. 1992.

RODRIGUES, Marly. **A Década de 80: Brasil quando a multidão voltou às praças.** São Paulo: Editora Ática S.A, 1994.

SANTOS, Márcia Pereira. **O Campo (Re) Inventado**: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950-1990). Uberlândia: UFU, 2001. (Diss. Mestrado/História)

SCHARWZ, Roberto. Fim de Século. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 04/12/94, pp.6-9. (Caderno Mais).

PUGA SOUSA, Vera Lúcia. **Entre o Bem e o Mal (Educação e Sexualidade-Anos 60-Triângulo Mineiro)**. São Paulo: USP,1991. (Diss. Mestrado).

THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. In: **Revista Projeta História**. São Paulo: (14) abril, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. Da história das mentalidades a história da Cultura. In: **Revista História**. São Paulo: UNESP, v. 15, 1996.

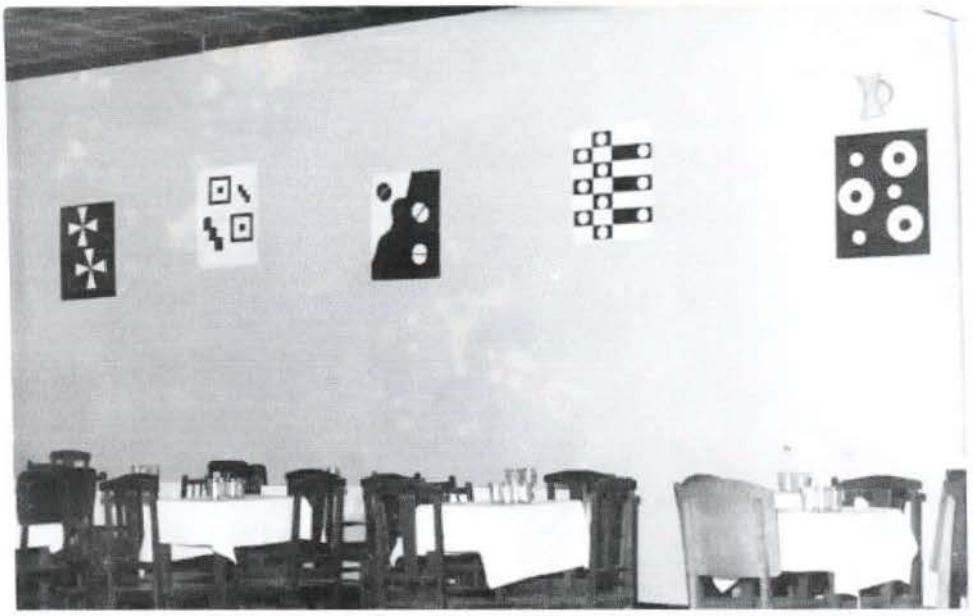
_____. História Das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

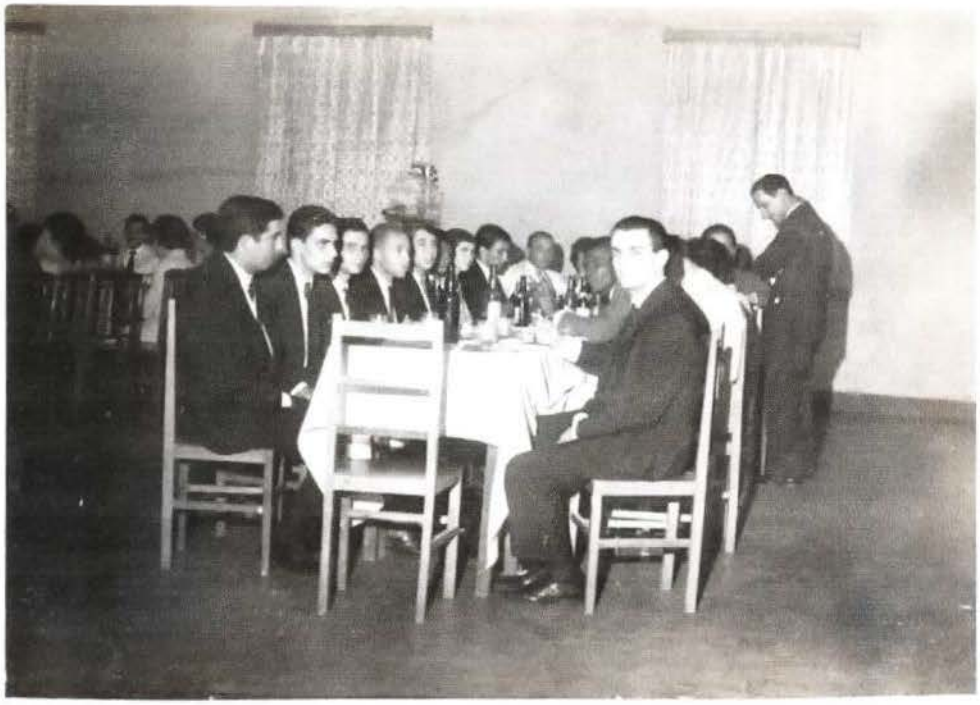
ANEXOS

Seus anexos não existem por eles foram citados no corpo do Trab.

ANEXOS



Salão Nobre do Ginásio Municipal de Coromandel, década de 1960.



Salão Nobre do Ginásio Municipal de Coromandel, década de 1960.



Baile de Formatura no salão do Ginásio Municipal, dezembro de 1966.



Mauro Marinho ao lado da Miss Coromandel, Genice Freitas Santos. Genice chegou a representar Coromandel no Miss Minas Gerais. Ginásio Municipal, 1967.



Baile das Férias no Ginásio Municipal, década de 1960. A fotografia revela o momento do desfile das canditadas ao título de Miss Férias.



Desfile da eleita a Miss Férias.



Mauro Marinho entrega presente a Miss Férias.



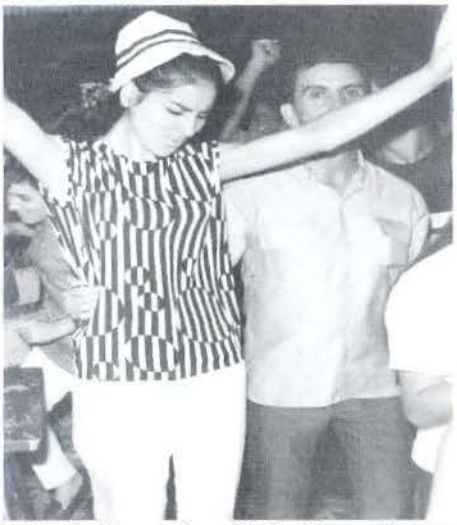
Alunos na fachada do Ginásio Municipal de Coromandel, década de 1960.



Alunas do Ginásio Municipal de Coromandel em desfile cívico, década de 1960.



Jovens durante os anos de 1970 em evento do Clube Recreativo Coromandelense.



Baile de Carnaval no Clube Recreativo na década de 1970.



"Liberdade, Liberdade", peça encenada no palco do Cine União em setembro de 1966.



Desfile cívico tendo ao fundo Cine União. Coromandel, década de 1960.



Show de Paulinho Pedra Azul no Cine União. Coromandel, 12 de junho de 1987.

Programação semanal de 4 a 10 de fevereiro de 1963

Dia 4 - A Mulher do Seculo
Com Rosolindo Russel e Forrest Tucher

Dia 5 - A Clandestina
Com Trevor Howard - Pedro Armendariz e Elsa Martinelli

Dia 5 - Maluco Genial
Com Kay Wolsh e Renec Houston

Dia 7 - As Pernas de Dolores
Com Germain Damar e Clans Bieder

Dia 8 - Tufão Sôbre Nagazaki Um grande filme Francês

Dia 9 - A Moça do Quarto 13
Com Brian Donleny e Andrea Bayard

Dia 10 - Quanto Mais Quente Melhor
Com Marilin Monroe-Tony Curtis e Jach Lemmon
Esta é a maior comédia de todos os tempos.

Programação semanal de 11 a 17 de fevereiro de 1963

Dia 11 - Quanto Mais Quente Melhor
Com Marilin Monroe - Tony Curtis e Jach Lemmon

Dia 12 - Assassino de Mulher
Com Jean Gabin e Annie Girardot

Dia 13 - Águia Fugitiva
Com Hardy Kruger "O melhor ator alemão"

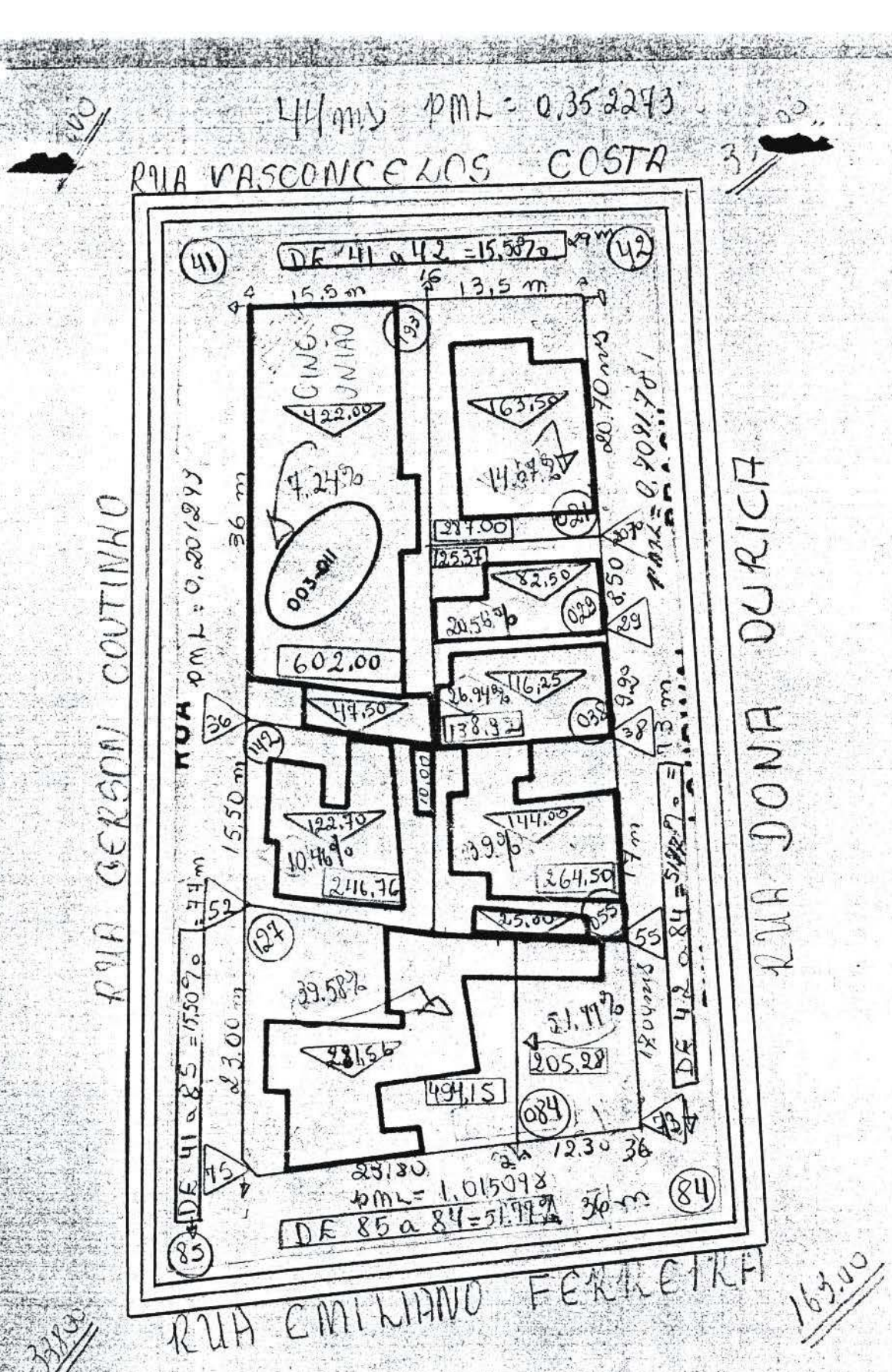
Dia 14 - Beijos que não se Esquece
Com Clark Gable - Lilli Palmer e Carroll Baker

Dia 15 - O Foguete Errante
Com os três Patetas

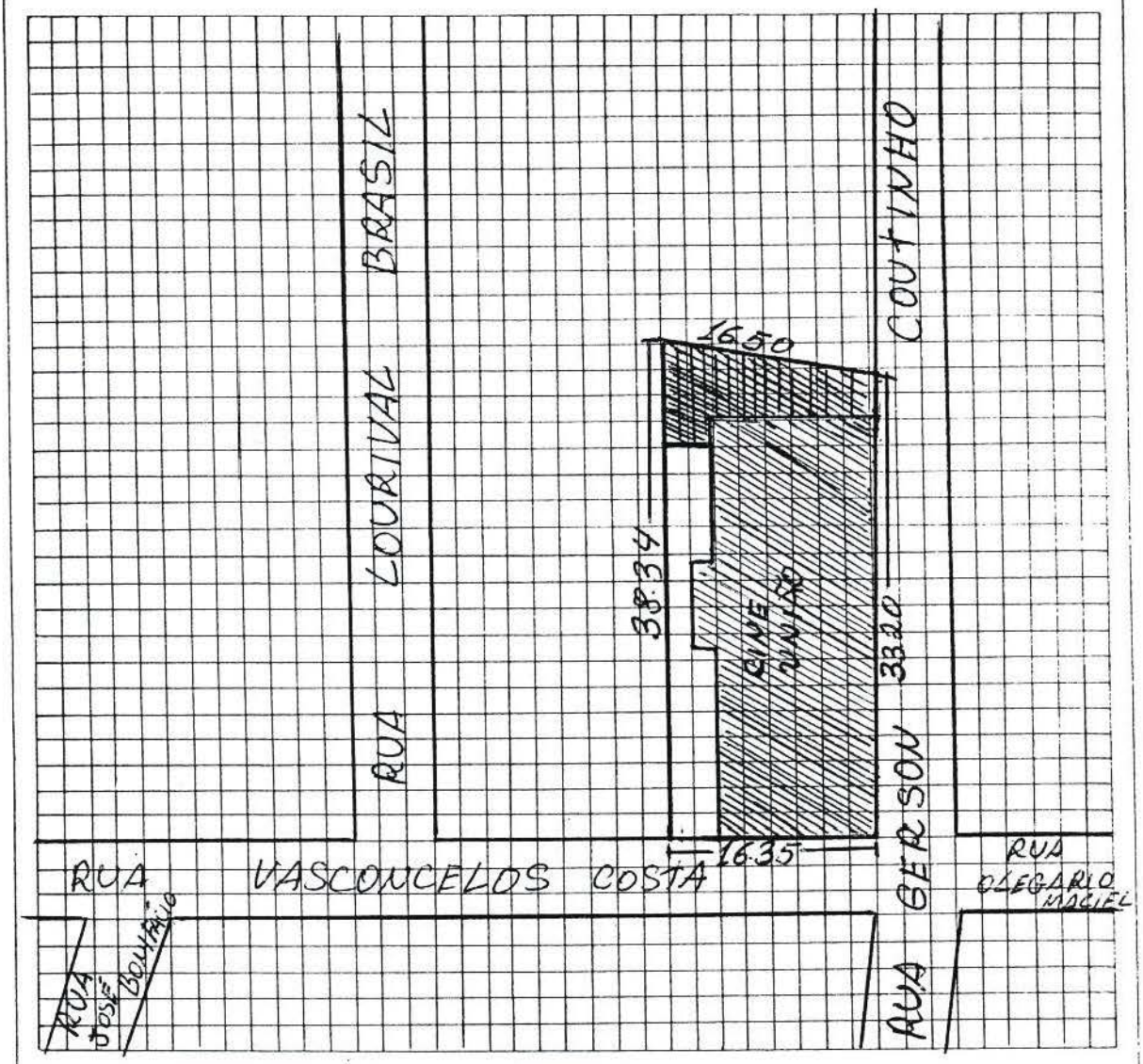
Dia 16 - Senegal o Magnífico
Úm grande filme francês

Dia 17 - Uma Cruz à Beira do Abismo
Com Audrey Hepburn e Peter Finch
Um filme que você não deve perder

A Emprêsa reserva o direito de alterar o programa acima em caso imprevisto.


44 m/s PML = 0,352243
RUA VASCONCELOS COSTA
RUA CERSONI COUTINHO
RUA DONA DURICA
RUA EMILIANO FERREIRA
DE 41 a 42 = 15,58%
DE 41 a 85 = 15,50%
DE 42 a 84 = 51,99%
PML = 0,202299
PML = 0,209170
PML = 1,015098
CINE UNIAO
602,00
138,92
2116,76
264,50
494,15
205,28
1978

CROQUI DA U.I. — ESC. 1 : 2500



OBSERVAÇÕES

QUADRA - ATUAL - 011

SETOR - 003

CADASTRADOR	MONTADOR	REVISOR	CHEFE S.C.I.
Wilmira			Maria
DATA 9/6/81	DATA __/__/__	DATA __/__/__	DATA 09/06/81

PREFEITURA MUNICIPAL DE COROMANDEL

CADASTRO IMOBILIÁRIO

IMÓVEL CÓDIGO Nº

SETOR	QUADRA	LOTE	VILA	SUB-LOTE	CONT.
003	01				25

LOGRADOURO: RUA GERSON COUTINHO/V. COSTA

Nº PRÉDIO | SALA/LOJA | APTº | Nº LADO | TELEFONE

PROPRIETÁRIO OU COMPROMISSÁRIO: JOAQUIM DA SILVA PENA e 20 +30

INFORMANTE

ENDEREÇO PARA AVISOS

EQUIPAMENTOS DO LOGRADOURO

ÁGUA POTÁVEL	ESGOTO SANITÁRIO	ESGOTO PLUVIAL	MEIOS FIOS	ILUM PÚBLICA	TELEFONE	COLETA DE LIXO	PAVIMENTO	POLIÉDRICO	ASFÁLTICO
X			X	X		X			X

TERRENO

SITUAÇÃO		COND. FIS. DO TERRENO		OCUPAÇÃO		DIMENSÕES (M)	
ESQUINA	X	AO NÍVEL LOGRADOURO	X	EM CONSTRUÇÃO		FRENTE	16,35
MEIO DE QUADRA		ACIMA NÍVEL LOGRADOURO		RUINAS		LADO DIREITO	33,90
VILA		ABAIXO NÍVEL LOGRADOURO		BALDIO		LADO ESQUERDO	33,20
ENCRAVADO		ALAGADO		EDIFICADO	X	FUNDOS	16,50

EDIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO		EQUIPAMENTOS/IMÓVEL		DESTINAÇÃO		TIPO	
FRENTE		ÁGUA POTÁVEL		INDUSTRIAL		CASA	
FUNDOS		ESGOTO SANITÁRIO		COMERCIAL		APARTAMENTO	
VILA		TELEFONE		MISTA		SALA	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ELETRICIDADE		PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS		LOJA	
		ELEVADOR		RESIDENCIAL		SALÃO	
BOM		ÁREA TOTAL — M²		RELIGIOSA		LOJA COM RESIDÊNCIA	
REGULAR		LOTE / CONSTRUÇÃO		SERVIÇO PÚBLICO		GALPÃO	
MAU				AT CULTURAIS DIVERSAS		TELHEIRO	
				OUTRAS		BARRACO	
						OUTROS	

RESIDENCIAL E MISTA

ORDEM	A — DEPENDÊNCIAS	X	Nº DEP	PONTO UNIT.	TOTAL
1	SALA SIMPLES			3	
2	SALA DE ESTAR			5	
3	SALA DE JANTAR			5	
4	SALA DE MÚSICA			4	
5	COPA			4	
6	COZINHA DE SERVIÇO			3	
7	COZINHA SOCIAL			5	
8	BIBLIOTECA			5	
9	LAVANDERIA			5	
10	BANHEIRO SIMPLES			3	
11	BANHEIRO SOCIAL			5	
12	BANHEIRO SOCIAL COMPLETO			5	
13	QUARTO SIMPLES			3	
14	SUITE			5	
15	DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA SIMPLES			3	
16	DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA COMPLETA			5	
17	GARAGEM			4	
18	PISCINA			5	
19	CÔMODO COMERCIAL ANEXO			3	
20	DEPÓSITO COMERCIAL ANEXO			3	
21	INT SANITÁRIA _ CÔMODO COMERCIAL			3	
22					
23					
	TOTAL DE PONTOS A				

B — ABATIMENTOS	X	SOMAR PONTOS
TIPO DE CONSTRUÇÃO		
ADOBE		-15
MADEIRA		-10
TIPO DE PAREDES		
SEM REBOCO		-16
REBOCO SEM DESEMPENO		-10
TIPO DE PISO		
CHÃO BATIDO		-15
CIMENTO / EQUIVALENTE		- 4
CERÂMICA VERMELHA		- 2
TIPO DE TETO		
SEM FORRO		- 3
MISTO		- 2
MADEIRA		- 1
TIPO DE JANELAS		
MADEIRA		- 2
FERRO T OU L		- 1
INSTALAÇÃO ELÉTRICA		
APARENTE		- 2
LÂMPADAS SEM GLOBO		- 1
INSTALAÇÃO HIDRÁULICA		
APARENTE		- 1
TOTAL DE PONTOS B		

CLASSIFICAÇÃO: A ( ) — B ( ) = [ ] PONTOS — PADRÃO [ ]

EXCLUSIVAMENTE COMERCIAL

ORDEM	DEPENDÊNCIAS	X	Nº DEP	PONTO UNIT.	TOTAL
1	PISO CIMENTADO			4	
2	PISO DE CERÂMICA OU PAVIFLEX			6	
3	PISO DE 1ª QUALIDADE			10	
4	PORTAS PEQUENAS			2	
5	PORTAS MÉDIAS			3	
6	PORTAS AMPLAS			5	
7	JANELAS DE MADEIRA			2	
8	JANELAS DE FERRO T OU L			2	
9	JANELAS DE METALON			10	
10	FORRO DE MADEIRA			4	
11	FORRO DE LAJOTA			6	
12	LAJE CONCRETO ARMADO			10	
13	INSTALAÇÃO ELÉTRICA APARENTE			2	
14	INSTALAÇÃO ELÉTRICA EMBUTIDA			6	
15	INSTALAÇÃO ELÉTRICA ORNAMENTAL			10	
16	PINTURA SIMPLES			3	
17	PINTURA MÉDIA			6	
18	PINTURA DE 1ª QUALIDADE			6	
19	INSTALAÇÃO SANITÁRIA SIMPLES			3	
20	INSTALAÇÃO SANITÁRIA MÉDIA			5	
21	INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE 1ª QUALIDADE			8	
22					
23					
	TOTAL DE PONTOS				

CLASSIFICAÇÃO — PADRÃO [ ]

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO

	PADRÃO	DENOM.	PONTOS
RESIDENCIAL E MISTA	A — 1	LUXO	61 A 75
	A — 2	ALTO	45 A 60
	B	MÉDIO	25 A 44
	C	POPULAR	17 A 24
	D — 1	BAIXO	10 A 16
	D — 2	BARRACÃO	0 A 9
COMERCIAL	C A	ALTO	45 A 60
	C B	MÉDIO	25 A 44
	C C	POPULAR	17 A 24

LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO

Nº TOTAL DE MORADORES	
MENORES DE 14 ANOS	
ALFABETIZADOS	
EMPREGADOS	

CONVITE

O Presidente do Diretório Municipal da Aliança Renovadora Nacional - ARENA - tem a satisfação de convidar as autoridades e a população de Coromandel (zona urbana e rural) para as solenidades de POSSE DOS ELEITOS a 15 de novembro de 1.972, bem como, para a CERIMONIA DE TRANSMISSÃO DE CARGO E POSSE do Poder Executivo Municipal.

Programa

Dia 31 de janeiro às 8 horas	- Missa em ação de graças na Igreja de São Sebastião
às 18 horas	- Solenidade de Posse dos Eleitos na Câmara Municipal.
às 19 horas	- No "Cine União" sessão cívica, sob a Presidência do novo Presidente da Câmara Municipal.
	- Cerimônia de Transmissão de Cargo.
	- Discurso de Posse do Prefeito Eleito.

Coromandel, janeiro de 1.973

Alirio Herval, Presidente do Diretório Municipal da ARENA

gráfica brasil coromandel mg. tel. - 205

Posse dos eleitos

... temer o que já disse
temor do que dirão
tremor na apresentação
... o a beleza da aurora
...mente a lista de elegân-
[cia..."

Êstes versos servem como rafe para a apresentação da dêste ano. Com esta função ganharão notoriedade.

O tempo corre e transformas esta seleção de mulheelegantes, permanece inabal.

Vai longe o tempo em que considerava indispensável a her elegante certos podrões luxo, como o uso de joias cau etiquetas de costureiros fasos. Hoje o conceito é outro : gancia é antes de tudo persoidade marcante e aquêle es- o de espírito que os francêses mam de "finesse".

Como nos outros anos, a lisque organizo conta com a preça de figuras de destaque desmaravilhosa "terra de Diante". O desfile de mulheres gantes, aqui nesta Coromansocial nada fica devendo ao se vê nos mais variados cens do país.

Alguém poderá objetar : s se o tempo tudo corroi e nsforma, porque as elegantes quase as mesmas de sempre ? s que pretendem me encostar parede, respondo : Vocês am que seria possível formar uma escrete de futebol sem os dois Santos, Nilton e Djalma, que dão ao time tôda a sua classe e sabedoria ?

— o —

D. ALDA BORGES MATIAS — Pela terceira vez aparece nesta lista. Parece possuir uma verdadeira tradição de elegância e bom gôsto. Criatura simples (simples são seus vestidos) irradia simpatia em todos os pormenores de seus gestos. Vivendo exclusivamente para a numerosa família que Deus lhe deu, inteligentemente imprime um aspeto todo particular na educação de cada um de seus filhos. Nas reuniões a que comparece é sempre notada. Poucas mulheres possuem tanta vida interior.

— o —

SRTA. CLÉLIA BORGES MATIAS — Aparece pela primeira vez, e assim ao lado de sua elegante mãe. Coincidência ? — Seu aparecimento aqui certamente despertará comentários. Foi debutante em 1962. Pertence a jovem guarda. Apareceu como uma revelação de elegância, as suas atitudes, porte e educação. A sua moreneza exubeante é notada tanto no trajar solene como na simplicidade do esporte. E' a mais nova da lista. A partir daqui sua carreira será rápida; para atingir o pôsto "hors concurs" que sua genitora ocupa.

— o —

AS 10 MAIS ELEGANTES DE 1963



SRTA. CLOTILDES CAETANO — De personalidade exótica sabe como ninguém que as mulheres devem cuidar de apresentar-se bem, para agradar a vista. E que nisto não vai uma questão de muito dinheiro e sim trato e bom gôsto. Veste-se bem, às vezes com exoticidade, aliando sua simpatia irradiante às côres que tão sàbiamente escolhe. Parece adorar a vida como algo transcendetal. Dia a dia se projeta com autoridade nas rodas que frequenta, rodeada sempre de bons e escolhidos amigos.

— o —

D. IRACEMA PENA MACHADO — Hoje, como em 1961, quando encabeçou a lista que organizamos, é a mesma personalidade e a mesma distinção de mulher. Como primeira dama não modificou seu modo de agir como autêntica líder. Sabe escolher o que lhe convem, estando em dia com a moda. Comanda as obras assistenciais da Santa Casa de Misericórdia e pontifica os grandes acontecimentos da cidade. Supérfluo seria comentar detalhadamente sua elegância. É extraordinária cuidando da casa magnífica, ajudando o marido e exemplar como espôsa.

— o —

D. LÚCIA CORREA AGUIAR — Simpatica e fineza no trajar que já são tradições. Simpatia que são dons também de suas irmãs Boaventura e Carolina. Pertencendo a nova geração de senhoras, sabe como artista escolher os modêlos que lhe ficam bem e ainda os usa com simplicidade. Embora não frequente com muita assiduidade os movimentos sociais é contudo digna de admiração quando se apresenta em sociedade. No cuidado dos filhos está a alegria de seus dias. No preparo de crianças para a vida está a grandiosidade de sua missão de mestra e mãe.

— o —

D. NILDA MACHADO MOURA — No ano passado apareceu pela primeira vez entre as 10. Todos festejaram seu triunfo nesta parada de elegância e bom gôsto. E' a mais "rafinée" da nova geração de senhoras. Vive exclusivamente para o lar. Sabe escolher e comprar seus vestidos como um homem de negócios e usá-los como verdadeira artista. Possui uma clássica sobriedade que dá a seu tipo um "it" todo particular. E' a personificação da brasileira autêntica. Em sociedade, no lar e entre amigas provoca elogios, os mais escolhidos e justos.

— o —

SRTA. NILZA COÊLHO GUIMARÃES — Uma presença simpática. Soube como ninguém utilizar a inteligência que Deus lhe deu, colocando-a a serviço da vida. Com classe e singular precisão se destaca como o protótipo da jovem culta e atual. Defende e debate qualquer assunto com a autoridade de mestra. Isso tudo ao lado de uma elegância ímpar e juvenil. Não resta dúvida de que se trata do mais belo ornamento da moderna juventude coromandelense. Acha que a jovem deve viver de acôrdo com a época e deve modernizar seus costumes aliando-os às exigências da evolução atual.

— o —

SRTA. MARIA DAS DÔRES ARAUJO MATIAS — E' hoje uma presença obrigatória em qualquer seleção de elegância. E isso se entende facilmente porque sua personalidade a cada ano que passa, ganha nova dimensão. Graças ao seu talento de combinar beleza com "chic", esta jovem senhora está evoluindo na sua maneira de vestir. Dia a dia ganha uma personalidade própria. Em tôda parte que está, junto fascinando a todos, a sua exuberante grandiosidade de espírito.

— o —

SRTA. TERESINHA RODRIGUES — Elegante da cabeça aos pés. E' a moça que melhor se veste tanto em quantidade como em qualidade. Frequenta as mais escolhidas rodas sociais com seu charme de anequim. Considera a elegância quase como uma questão de bom senso. Escôlhe para suas toaletes, as côres que contrastam com sua loirice. Agradável, culta e acima de tudo, elegantemente sofisticada.

SRA. VÂNIA RABELO ROSA — Volta à nossa seleção com o passaporte de uma autêntica e atual senhora elegante. Tem no porte e nas atitudes um toque especial de distinção. De educação esmerada, cativa a todos com as maneiras de u perfeita dama. No lar, como escola é a mesma dedicação mesma autoridade. Veste-se b e não se ausenta dos grandes contecimentos que a socied programa.

Os brotos do ano

Durante muito tempo estivemos em observação, procurando as três jovens que iriam figurar como os brotos do ano. São tantas e tão belas os brotos da "jovem society" que tivemos vontade de escolher vinte em lugar de três. Mas para dar um aspecto todo especial à promoção escolhemos êste trio que é b um retrato fiel da jovem bel coromandelense : Maria Apa cida Silva, Maria Clara Rod gues Pereira, Maria de Lour Pôrto Goulart. Em 1964 elas p sarão o título a outras três. U grupo de garotas bem origin inteligentes, elegantes e que notícia.

E a construção do Clube ?

Por diversas vêzes já nos batemos pela construção de um clube social para nossa cidade. A semente foi lançada e como caiu em terra árida, não produziu a árvore esperada. Isso é uma lástima. Uma cidade como Coro-nandel, que já possui vários estabelecimentos de ensino, comércio variado e intenso, residências as mais modernas e luxuosas, não pode ficar sem a presença de algo que modifique os costumes e as tendências sociais. E um clube se presta únicamente para isto. E' lá que as famílias se reunem, é lá que a jovem guarda ensaia os primeiros passos para a vida social. No clube, o fazendeiro e o homem de negócios passam momentos agradáveis.

Um clube é indispensável a uma cidade progressista. Embora muitos pensem o contrár afirmando que essa idéia n pega ou não está de acôrdo c os costumes da terra. Clube si para modernizar muitas men cionar a todos dias de movime lidades, clube sim, para prop to social, clube sim, para form a moderna juventude que menta e sente a ausência mesmo.

Que pensem nisso os r ponsáveis e encetem campan como a da telefônica, da Hidr létrica etc.. Não só de dinhe vive o homem. Na século agi do em que vivemos é miste tenhamos um armazem de en rias novas e diferentes para frentarmos as dificuldades qu vida nos oferece.

Que saia o Clube e tra forme o aspecto social desta romandel progressista.

DAYSE MODAS
DE
SILVIA DAYRELL OLIVEIRA

Artigos da moda. Novidades para a presente estação.

Para o Natal, variado sortimento de lingerie finíssimas, tecidos modernos e ainda tudo para enxovais de noivas e recém-nascidos.

Ocara Magazine

Veste a Elegância Coromandelense

Um Natal feliz com presentes OCARA
Desta vez oferecendo também seu presente : 10 a 20% de desconto em tôda a compra

Debutantes de 1966

A sociedade engalanada, recebe hoje um grupo de trêze meninas-moças que fazem seu "debut".

Iris Odete Borges

Jane Alves Resende

Jane Goulart

Lúcia Helena Aguiar Machado

Maria Ângela Costa

Maria Eugênia Aguiar Tavares

Maria das Dôres Calixto

Maria de Fátima Resende

Maria Teresinha Silveira

Maura Lúcia Lopes

Oneide Sucupira

Telma Gonçalves Mesquita

Teresinha Francisca da Silva

Os cumprimentos de "Coromandel em Revista" extensivos aos Srs. Pais.

gráfica brasil - coromandel - minas

O

TEATRO DE ESTUDANTES

APRESENTA

EVOLUÇÃO

Coromandel, Natal de 1965

O TEATRO DE ESTUDANTES DE
COROMANDEL

apresenta

"Liberdade, Liberdade"

peça em 2 atos de
Flávio Rangel
e
Millôr Fernandes

Promoção do T. E. C. para a
SEMANA DO ESTUDANTE
Coromandel, setembro de 1966

O TEATRO ESTUDANTIL COROMANDELENSE

T. E. C.

Apresentará no dia 1° de maio no original de F. GOODRICH em dois atos

'O DIÁRIO DE ANNE FRANK'

O retrato da adolescência entre os terrores da guerra

HORÁRIO DOS ESPETÁCULOS:

Ás 14 horas – só para menores de 14 anos. Ás 18 horas – só para adultos.

COROMANDEL — MINAS